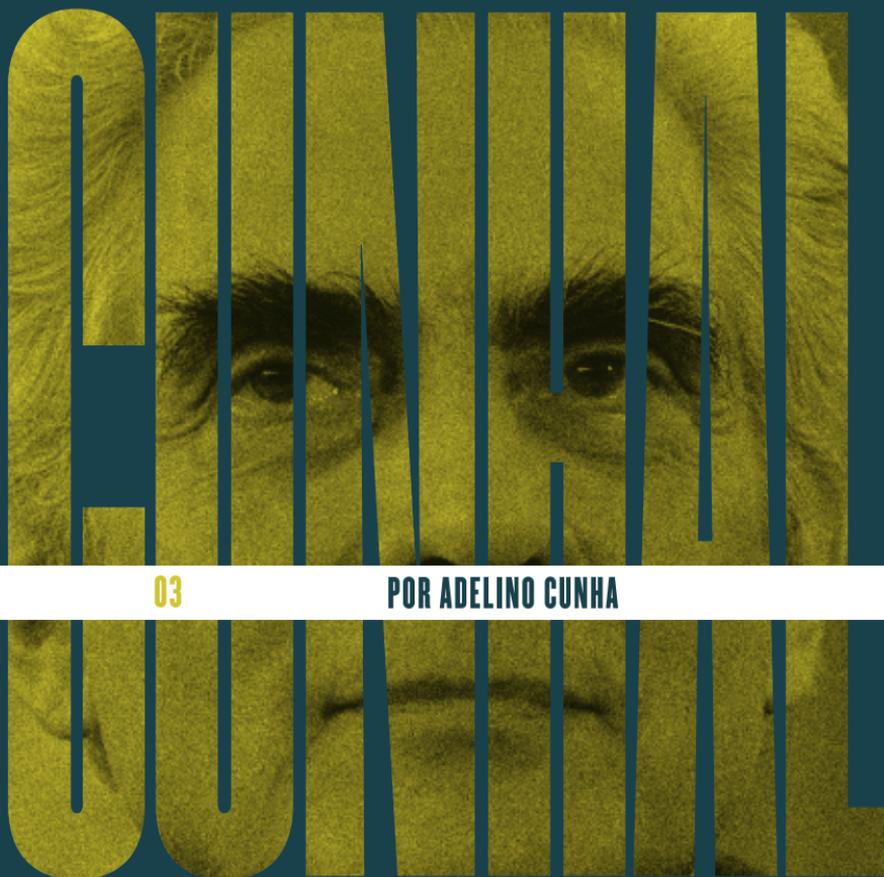


ÁLVARO



03

POR ADELINO CUNHA

CUNHAL

RETRATOS POLÍTICOS  
BREVES BIOGRAFIAS DE POLÍTICOS PORTUGUESES

SÁBADO



ÁLVARO

CUNHAL

CUNHAL

POR ADELINO CUNHA

O autor escreve  
segundo o anterior  
Acordo Ortográfico

SÁBADO

*Coordenação editorial*

João Pombeiro

*Revisão*

João Alexandre

*Capa e paginação*

PixelReply.pt

*Fotografia de capa*

Jean Gaumy/Magnum Photos

/Fotobanco.pt

## **RETRATOS POLÍTICOS**

### **Breves Biografias de Políticos Portugueses**

é uma série editada pela Reverso em exclusivo para a revista SÁBADO.

© Reverso, 2024 | Medialivre, 2024

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

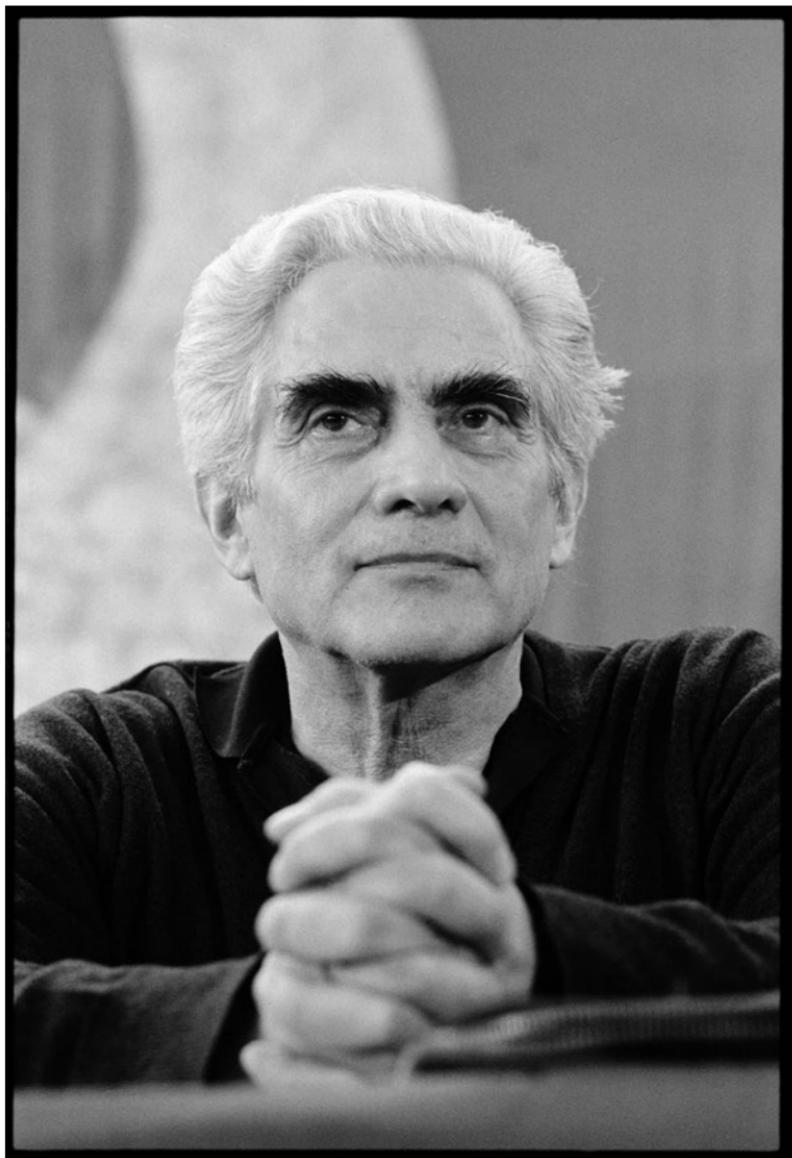
Depósito legal: 529811/24

ISBN: 978-989-9080-31-7

Impresso em abril de 2024 na Jorge Fernandes.



[WWW.REVERSOEDITORA.PT](http://WWW.REVERSOEDITORA.PT)



Álvaro Cunhal em campanha eleitoral,  
Viseu (abril de 1975).



# O CAMARADA CUNHAL

**EXCLUSIVO**

**INCLUI UM CONTO INÉDITO  
DE ÁLVARO CUNHAL**



# ÍNDICE

09	I PARTE AS ORIGENS
35	II PARTE A CLANDESTINIDADE
95	III PARTE O EXÍLIO
125	CONTO INÉDITO DE ÁLVARO CUNHAL HISTÓRIA DO BRILHAS
131	FONTES E BIBLIOGRAFIA



# I PARTE AS ORIGENS

## UM BOM RAPAZINHO

**A**velino Cunhal nasceu na «porta da Serra da Estrela» a 28 de Outubro de 1887. Seia consagrou o seu nome a uma rua em tributo pelas funções de administrador do concelho, advogado competente e escrupuloso e artista literário. Filho de um sapateiro e de uma doméstica, mudou-se ainda jovem para Coimbra, onde conheceu a mulher, Mercedes. Licenciou-se em Direito, casou e teve nesta cidade os três primeiros filhos, António, Maria Mansueta e Álvaro. A última, Maria Eugénia, nasceria já em Lisboa. Duas das irmãs de Avelino mudaram-se para Coruche ainda na juventude e apenas a terceira ficou em Seia, onde morreu de tuberculose. Uma doença que esteve fatalmente presente na descendência de Avelino. Ceifou as vidas dos filhos António José, com 24 anos (1909-1933), e Maria Mansueta, com nove anos (1912-1921).

As raízes da família Cunhal em Seia remontam a 1860.

Trata-se do ano da morte de José António Cunhal, proprietário rural e antigo legionário do exército português que combateu as tropas invasoras de Napoleão. Nasceu em Estremoz, combateu e casou na Guarda e morreu em Seia.

É aqui que começam os laços dos Cunhal à região. Os seus seis filhos seguiram caminhos diferentes e constituíram ramificações autónomas que haveriam de produzir ligações desde a hierarquia religiosa ao exercício de cargos políticos<sup>1</sup>.

Manuel da Conceição chegou a prior de Santo António do Couço, ecónomo da Real Colegiada de São João Baptista de Coruche e capelão da Santa Casa da Misericórdia. Este antepassado de Álvaro Cunhal ficou ligado ao ramo mais abastado da família, que se estabeleceu no Ribatejo. Eugénia Cunhal refere-se a estes familiares distantes como «os Cunhais ricos do Ribatejo, latifundiários que não têm nada que ver connosco e com quem nunca tivemos nenhum contacto».

António José, irmão do clérigo Manuel da Conceição, optou pela carreira política e destacou-se no Partido Progressista de Seia. Os seus quatro filhos nasceram na terra do avô legionário. As raparigas casaram na região e os rapazes inspiraram-se na vocação espiritual do tio. Luís Henriques Cunhal foi capelão de Santa Casa da Misericórdia de Seia, frequentou a Universidade de Coimbra e chegou a prior da Batalha, onde fundou o Apostolado do Coração.

Os jornais da época recordam o tio-avô de Álvaro Cunhal como tendo uma voz tão cavernosa e forte que lhe chamavam «o padre berregão da Batalha»<sup>2</sup>.

António José (baptizado com o nome do pai) instalou-se no Ribatejo, mas também cedeu ao instinto do sangue e envolveu-se na política. Chegou a presidente da Câmara Municipal de Coruche.

Este ramo da família Cunhal projectou o seu poder germinando conhecimentos importantes na sociedade oito-

---

1 Árvore genealógica, *O Independente*, 18 de Maio de 1990.

2 *Quelhas Bigote* (1992).

centista, tendo chegado a privar com o célebre Padre Cruz, professor de filosofia no seminário de Santarém, após a sua ordenação como sacerdote, e destacada figura religiosa. Confessou e deu a primeira comunhão à irmã Lúcia em 1913 e em 1917 rezou com os três pastorinhos na celebração das aparições de Fátima.

O património financeiro de António José cresceu significativamente com a oportuna participação na Sociedade Praia da Granja. Trata-se de uma colónia balnear construída na projecção da linha férrea nacional para o Norte, muito procurada por vários membros da família real, elites culturais oitocentistas e famílias nobilitadas de Lisboa e do Porto. Após a sua morte, as partilhas dos bens favoreceram a bisavó paterna de Álvaro Cunhal e fixaram parte significativa do património da família em Seia.

Maria Máxima Cunhal nasceu, casou e morreu na região. A filha mais nova morreu solteira também em Seia e a outra casou, no mesmo concelho, com José Henriques Júnior. Os avós paternos de Álvaro Cunhal tiveram os filhos em Seia e ambos se envolveram na vida política, retomando de certa forma a tradição das gerações anteriores.

O tio de Cunhal viveu em Seia e ascendeu a vereador da autarquia, e o pai foi nomeado administrador do concelho, tendo chegado a governador civil da Guarda.

Avelino Cunhal abandonou o cargo para iniciar a sua vida em Lisboa, após as mortes dos filhos António José e Maria Mansueta.

Álvaro Cunhal também viveu parte da sua infância em Seia, mas as marcas deixadas por estas raízes familiares foram, na sua essência, de rejeição do conservadorismo quotidiano. «Lembro-me de uma tia nossa, a quem chamávamos

tia Marquinhas, um dia ter dito: “O nosso Álvaro sempre foi tão bom rapazinho, mas deu-lhe para aquilo”»<sup>3</sup>.

«O Álvaro Cunhal podia ter sido na vida o que quisesse, mas optou por ser um grande comunista», recorda o familiar Humberto Mota Veiga, residente em Seia<sup>4</sup>. «Era um homem extraordinário, acima de tudo por ser um homem simples e sem preconceitos apesar da sua inteligência e dos conhecimentos que tinha», acrescenta o parente.

Os contactos com a mundividência rural dos caciques, dos aristocratas locais e do clero conservador acabaram por ser politicamente valorizados como componente da sua formação ideológica e contribuíram para a construção da imagem de líder.

## A CERTIDÃO DE NASCIMENTO POLÍTICO

Álvaro Cunhal foi o terceiro dos quatro filhos de Avelino Cunhal e de Mercedes Barreirinhas. Nasceu em Coimbra, tal como António José e Maria Mansueta. Maria Eugénia nasceu em 1927, já depois de os pais se terem instalado definitivamente em Lisboa.

As origens próximas da família registam alguns antepassados ilustres, incluindo ramificações a grandes latifundiários e clérigos. As ligações directas a Seia concentram-se no exercício de profissões liberais, cargos políticos e gestão de algumas terras.

Cunhal assumiu estas origens privilegiadas, mas conseguiu encontrar uma «certidão de nascimento político» nas raízes rurais: «Sendo de origem burguesa, em toda a minha vida

---

3 Entrevista de Humberto Mota Veiga ao autor, 2008, Seia.

4 *Idem, ibidem.*

tive ligação muito profunda com operários, com camponeses, com pessoas exploradas e desprotegidas. Muito mais que com a burguesia.»<sup>5</sup>

«Era de facto de uma camada burguesa, mas ele próprio se assumia como um filho adoptivo do proletariado», recorda Eugénia Cunhal<sup>6</sup>.

O baptismo realizou-se no dia 5 de Maio de 1919. A cerimónia de sacramento teve como padrinho o irmão António José, com dez anos, e o assento refere que «para madrinha recorreu-se à invocação de Nossa Senhora da Assunção». A santa representa a elevação da mãe de Jesus em corpo e alma à eternidade junto de Deus depois da sua vida terrena. O irmão e padrinho de Cunhal morreu de tuberculose em 1933. Tinha pouco mais de 20 anos. Foi a segunda perda da família.

A iniciação católica teve lugar na igreja matriz de Seia, a mais antiga da localidade, fortemente fustigada durante a terceira invasão napoleónica. Cunhal, com cinco anos da idade, foi colocado debaixo da fonte de onde jorra o coração de Cristo e recebeu as graças do crucificado através do Espírito Santo, simbolizado por uma pomba branca que irradia luz e se projecta pela igreja em sete raios. A imagem da padroeira que testemunhou o baptismo católico de Cunhal foi comprada em 1883 e custou 290 mil réis aos cofres do Apostolado da Oração, presidido por uma fidalga de renome local, Maria Joana Pinto Stokler.

O quadro conceptual religioso enquadra-se no pensamento e modo de vida de Mercedes Barreirinhas. Praticava os ritos católicos e levava os filhos à missa aos domingos.

---

5 Pires (1999).

6 Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

Álvaro Cunhal acompanhava a mãe à igreja, mas foi no pensamento liberal do pai que formou a sua personalidade irreverente e criativa. Num dos seus contos literários, Avelino Cunhal refere-se depreciativamente a uma «barroca e decrépita baronesa» como símbolo de toda a decadência que restava dos títulos feudais na região<sup>7</sup>. Num outro momento literário, denuncia a amizade entre um padre e um velho fidalgo forjada em torno do vício do jogo dos dados e da bebida.

A rejeição deste mundo manso esteve sempre presente ao longo da vida política do filho, mas Eugénia Cunhal invoca a completa abertura de espírito do pai quando mostrava aos filhos o Antigo Testamento e apelava a que cada um formasse a sua própria consciência.

Seia viveu durante décadas essencialmente da indústria dos lanifícios para manter a sua mais importante actividade económica. As fábricas têxteis e de transformação de madeiras e curtumes empregavam parte substancial dos habitantes desta «porta da Serra da Estrela».

A vida no campo estava essencialmente ligada à criação de ovelhas e de cabras destinadas à indústria têxtil e à produção de queijos de qualidade reconhecida. Um microcosmos dominado por pequenos burgueses endomingados, luminárias locais e autoridades eclesiásticas infalíveis na correcção dos comportamentos seculares alheios.

A infância de Cunhal em Seia ainda projecta este paradigma do Portugal rural dos caciques, da reverência religiosa e das famílias pontifícias de ascendência local.

Procurou preservar destas recordações a convivência com o povo simples que o haveriam de ajudar a construir um esquema mental alinhado com a perspectiva marxista. O mun-

---

7 Cunhal (1996).

do dos trabalhadores explorados nas fábricas com salários de fome, os pobres agricultores subservientes e os pastores atravessados por frequentes períodos de penúria. «Tenho encontrado, de uma forma geral, nos trabalhadores e nas pessoas pobres mais generosidade, solidariedade, convívio aberto e são, prontidão para ser amigo, sentimentos que me cativam e me deram vida fora grandes e incomparáveis amigos», dirá mais tarde.<sup>8</sup>

## AS LÁGRIMAS QUE CHOREI E CHORO

A família Cunhal mudou-se para Lisboa em 1924. Vieram na Rua Pinheiro Chagas, onde nasceu Eugénia Cunhal, e depois mudaram-se para uma casa mais espaçosa na Avenida Grão Vasco, em Benfica, durante a fase terminal da doença de António Cunhal.

O risco de contágio provocado pela tuberculose e a necessidade de o manter junto ao núcleo familiar justificaram a mudança para uma casa com espaço suficiente para continuar a trabalhar nas artes plásticas e um jardim que garantia a necessária tranquilidade e repouso.

Após a morte de António Cunhal, a família regressou ao centro de Lisboa. Mudaram-se para a Avenida 5 de Outubro e depois para a Avenida Miguel Bombarda, onde Avelino Cunhal e a filha Eugénia seriam mais tarde presos pela PIDE.

Avelino continuou a escrever contos, críticas e peças de teatro e começou a dar aulas como professor de História no Colégio Valsassina. Voltou ao exercício da actividade de advogado na capital depois de ter participado na defesa de presos políticos durante os primeiros anos do Estado Novo no

---

8 Pires (1999).

âmbito da comissão de juristas do Movimento de Unidade Democrática (MUD).

O filho reforçou o seu activismo político no PCP, mas continuou a apoiá-lo sem reservas. Envolveu-se no processo judicial e sofreu ele próprio a repressão da ditadura. A PVDE prendeu-o em 1945 e colocou agentes em sua casa na tentativa de montar uma armadilha a Álvaro Cunhal.

Mário Soares refere-se a Avelino Cunhal como «um príncipe da Renascença» e destaca o «encanto pessoal» e a vocação para as artes plásticas.<sup>9</sup>

Álvaro Cunhal cita o pai como um «antifascista», «uma pessoa boa que também esteve presa, uma pessoa boa, que defendeu sei lá quantos presos políticos, e a mim próprio»<sup>10</sup>.

Refere-se à mãe em termos diferentes. «[A minha mãe] e o meu pai eram pessoas de temperamentos muito diferentes e com formas muito diversas de intervir na vida e de compreender a sociedade, mas constituíam um exemplo muito interessante como casal: estimavam-se e amavam-se o suficiente para terem tido uma vida familiar que eu considero bastante feliz.»<sup>11</sup>

Cunhal manifesta a profunda admiração pelo pai e expõe sentimentos intimistas que depois retrai quando fala sobre a mãe. «O meu pai foi um homem excepcional de carácter e de integridade e muito recebi dele no que respeita aos ensinamentos sobre o comportamento cívico e a maneira de respeitar os outros e de intervir socialmente sem ser com os meus interesses a determinar os meus actos.»<sup>12</sup>

---

9 Avillez (1996).

10 Álvaro Cunhal, Escola Manuel da Fonseca, 8 de Maio de 1998, citado em Carvalho (2006).

11 Contumélias (1991).

12 *Idem*.

Eugénia Cunhal corrobora com entusiasmo. «O nosso pai era uma pessoa extraordinária e tinha uma enorme bondade. Era um humanista, uma pessoa com preocupações cívica. Ensinou-me sempre a olhar para fora, para o mundo que nos rodeava.»<sup>13</sup>

Avelino Cunhal morreu a 19 de Fevereiro de 1966.

O filho ficou atravessado pelo desgosto de o pai ter morrido antes da libertação do 25 de Abril e pela amargura de estar exilado longe de Portugal nessa altura. «O meu irmão passou uma noite inteira a chorar.»

O profundo pesar está expresso numa carta onde Álvaro Cunhal se aventura na revelação de emoções que, por regra, lhe são quase totalmente desconhecidas.

No dia 1 de Março de 1966, escreveu do exílio para a irmã Eugénia.<sup>14</sup> O documento expressa o profundo amor que Cunhal sente pela irmã, desde logo quando aborda directamente o suicídio do cunhado Fernando Medina.

«Que te posso dizer das lágrimas que chorei e choro, e de todas as razões delas, e das mil inquietações para que não tenho resposta?»<sup>15</sup>

É a morte do pai que o devasta interiormente nesta carta.

As sucessivas prisões e os longos períodos de incomunicabilidade foram diluindo os laços físicos e o exílio na União Soviética, após a fuga do Forte de Peniche, cristalizou a dolorosa separação familiar. «A grande distância, o não ter visto mais o Pai, o não ter podido dizer-lhe um último adeus e uma última palavra, são dores irreparáveis. Sofreste mais de

13 Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

14 Para o estudo sobre o exílio no PCP, consultar: Adelino Cunha, *Os Filhos da Clandestividade* (Esfera dos Livros, 2016).

15 «Carta de Álvaro Cunhal para a irmã, Moscovo, 1 de Março de 1966», Arquivo Pessoal Júlia Coutinho.

perto, querida irmã, mas não isto. E o que ele terá sofrido. Esforçado e paciente decerto, mas decerto também inconformado e profundamente triste.»

Cunhal utiliza ao longo desta surpreendente missiva um tom invulgarmente emotivo para acomodar a dor e deixa-se levar pela fatalidade da perda. Assume que o pai era a «pessoa que mais nos amava, que melhor nos compreendia e a quem devemos elevadas lições de honestidade e isenção pessoal». Quando se refere à mãe, já cega e fisicamente debilitada, pede a Eugénia que fale em seu nome daquilo que entender, referindo-se à «nossa pobre mãe».

Incentiva a irmã recém-viúva a olhar para o «futuro!» com os filhos e tenta animá-la para encontrar forças e recomeçar a sua vida.

Despede-se no mesmo registo empenhado. «Querida, muito querida irmã: um grande, grande abraço, aquele que gostaria de poder dar-te neste momento de profunda tristeza. Repito ainda: não desanimes, olha em frente, olha para a vida e confia.»

O funeral de Avelino realizou-se no Cemitério do Alto de São João, em Lisboa.

O filho enviou uma coroa com cravos vermelhos e uma fita onde estava escrito «Saudades do seu filho Álvaro»<sup>16</sup>. Os agentes policiais que vigiavam a cerimónia fúnebre viraram a inscrição ao contrário, mas os presentes decidiram colocar novamente visível a última mensagem de Cunhal para o seu pai.

Avelino Cunhal foi determinante na formação moral do filho, na sua consciência cívica e na descoberta das artes, nomeadamente a pintura, o desenho e a literatura. «O ser

---

16 Zita Seabra citada em Pacheco Pereira (1999).

humano que não sente a arte e que não sente também uma vontade de intervir de uma forma criativa é porque lhe falta qualquer coisa que ainda não despertou, que ainda não se revelou.»<sup>17</sup>

O pai ajudou-o nessa descoberta.

## A FORÇA DA NOSSA MÃE

A mãe de Álvaro Cunhal nasceu em 1888. É o ano em que Eça de Queiroz publica *Os Maias* e aparece o grupo Vençidos da Vida. São as vésperas da primeira comemoração em Portugal do 1.º de Maio de inspiração marxista e do humilhante Ultimato inglês. Portugal mergulha no lamento da ignomínia com extravagância literária e uma certa indisposição social que colide com os costumes.

Mercedes Barreirinhas tratava essencialmente das tarefas relacionadas com a gestão quotidiana da casa e com a educação dos quatro filhos que teve entre os seus 21 e 39 anos.

Impôs-se pela moral religiosa e pelo culto da disciplina. «O Álvaro herdou a força da nossa mãe», refere Eugénia Cunhal. «Era uma mulher católica, mas muito inteligente e atenta ao mundo.» A capacidade de resistência da mãe complementou uma certa subversão intelectual e cívica do pai.

Avelino e Mercedes tiveram uma relação matrimonial harmoniosa. Coincidiram no projecto de família, ajudaram os filhos a desenvolver capacidades individuais e todos eles adquiriram os seus próprios traços de distinção cultural.

Mercedes discordava profundamente das actividades políticas do filho por considerar que Cunhal «podia ser o quisesse na vida» com as qualidades humanas e intelectuais que

17 Contumélias (1991).

tinha. O envolvimento do filho nas actividades políticas ilegais colidiu sempre com o seu instinto protector e deixava clara a sua posição.

Cândida Ventura recorda que tinha de entrar pelas traseiras da casa da família Cunhal para respeitar a severidade de Mercedes. «A mãe não gostava lá muito da maneira como eu me vestia», recorda. As roupas que fugiam aos padrões femininos da época e os «abotinados e o blusão emprestados» pelo irmão compunham uma imagem demasiado urbana e excêntrica para uma mentalidade forjada na serra. Cândida tentava ignorar as reservas de Mercedes ao relacionamento com o filho. «Eu não me preocupava nada com as roupas da moda nem com aquilo que as pessoas pensavam ou deixavam de pensar.»<sup>18</sup>

Para vincar a sua posição, a mãe de Cunhal impedia Cândida de usar a porta principal da casa e mandava a criada recebê-la pelas traseiras. Uma situação que incomodava o marido. «Era um homem muito simpático, um advogado de prestígio e um intelectual com vocação para as artes», afirma Cândida.

Mercedes nunca transigiu e impôs sempre a porta de serviço à amiga do filho. «A mãe do Álvaro não gostava nada que ele se metesse na política e dava ordem à criada lá de casa para eu não entrar pela porta principal. Tinha de usar a porta de serviço. Por duas vezes, o pai do Álvaro, à minha vista, repreendeu a mulher por não me deixar entrar pela porta principal por não ir bem vestida.»

Tinham-se conhecido pouco tempo depois de Cunhal ter sido preso pela primeira vez. «Foi no ano seguinte à sua prisão, em 1938, que o conheci, numa das vezes que passei pela

---

18 Entrevistas de Cândida Ventura ao autor, 2009/2010, Portimão e Lagos.

*Seara Nova*. Depois, encontrei-o várias vezes na redacção de *O Diabo*.»

Álvaro Cunhal tinha 25 anos e Cândida Ventura 20.

Frequentava o primeiro ano na Faculdade de Letras de Lisboa e no ano seguinte entrou para o Partido. «A minha adesão ao PCP foi um acto de fé», explica Cândida Ventura. «Para a minha geração, nascida para a vida política em 1936, tornar-se comunista significava ao mesmo tempo tornar-se adulto.»

A relação entre ambos foi-se inflamando nas emoções da luta política travada de braço dado em nome de uma sociedade que depois se revelou fantasista para Cândida. «Éramos educados numa fé incondicional. Sentia-me completamente disposta a participar na luta do PCP. Sentia uma total abnegação.»

Cândida era uma atraente jovem intelectual que acreditava estoicamente no comunismo e participava no combate quotidiano do partido. Cunhal começava a ascender na hierarquia do PCP e as pessoas em seu redor vibravam com o magnetismo de herói revolucionário.

Já tivera a rara oportunidade de visitar a União Soviética e, no regresso de Moscovo, envolvera-se na Guerra Civil de Espanha. Um universo que alimentava o imaginário de milhares de jovens comunistas. «Com a tomada de Barcelona, sentimos que começava a agonia da República espanhola. Inevitavelmente, as nossas esperanças erguiam-se sobre as ruínas daquela derrota. Reforçam-se em mim todos aqueles ideais que eu alimentava e me alimentavam: na União Soviética estava a salvação de um mundo que, impotentes, víamos ruir», invoca Cândida Ventura.<sup>19</sup>

---

19 Ventura (1984).

As tarefas políticas de Cunhal como responsável pela ligação com a Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas e com o núcleo de estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa exigiram um contacto entre ambos que se tornou cada vez mais cúmplice.

A ligação iniciada pelo exercício do controlo político manteve-se apesar da segunda prisão de Cunhal em 1940.

### A DOR RESIGNADA DA PERDA

**M**ercedes recusou aceitar a ordenação do filho no PCP e o seu envolvimento orgânico numa luta política que provocava danos familiares. Não podia aceitar que Cunhal vivesse na clandestinidade, passasse fome e sofresse penosos sacrifícios físicos e mentais, fosse preso e torturado.

Já tinha perdido dois filhos ainda muito jovens, e o envolvimento de Cunhal no PCP representava em grande medida uma morte em vida. Os instintos maternos de Mercedes nisso estavam correctos, mas não encontrou o antídoto para evitar que o filho mergulhasse, aos 22 anos, na clandestinidade.

Após a prisão de Bento Gonçalves, Cunhal ganhou um poder acrescido no PCP e suspendeu o curso universitário para desempenhar funções de funcionário do partido. Teve de mudar progressivamente o comportamento quotidiano e afastar-se do núcleo familiar.

As ausências de casa tornaram-se cada vez mais frequentes na sua iniciação revolucionária. Passou a aluno voluntário após reprovar o primeiro ano e a vida na universidade ganhou um carácter essencialmente político. As actividades subversivas do PCP contra o Estado Novo emprestavam um registo de perigo permanente.

Perigo de ser denunciado à polícia política.

Perigo de ver a sua casa assaltada.

Perigo de ser preso e torturado.

Perigo para os pais e para a jovem irmã.

O receio de ser surpreendido tornou-se constante à medida que aprofundou a sua ligação ao comunismo, mas nunca impediu a continuidade das actividades políticas de jovem revolucionário.

Os contactos com a família tornaram-se espaçados.

Cunhal viajou clandestinamente para Moscovo pela primeira vez com 22 anos e pouco tempo depois envolveu-se na Guerra Civil de Espanha. A PVDE prendeu-o pela primeira vez em Junho de 1937 por distribuir propaganda pró-União Soviética nas ruas de Lisboa.

Mercedes visitou o filho no cárcere depois de este ter sido espancado, e levou para casa as roupas cheias de sangue para as lavar. É o regresso a um certo instinto maternal que Cunhal comprometeu ao regressar à clandestinidade, tendo sido novamente preso aos 27 anos.

A terceira e última prisão, aos 36 anos, provocou um abalo interior na mãe. Mercedes recusou continuar a visitá-lo durante o período em que esteve preso na Penitenciária de Lisboa e nunca se deslocou ao Forte de Peniche. Começou a desistir porque deixou de ter forças para assistir à perda de mais um filho.

A persistência colocada para o libertar após as duas primeiras detenções transformou-se em dor resignada, quando Cunhal foi apanhado novamente pela PVDE e condenado a um período de isolamento, que só iria terminar em 1960 com a sua fuga de Portugal e exílio em Moscovo.

Eugénia Cunhal entende o sofrimento da mãe.

Recusava aceitar que «um filho tão inteligente, que podia ser o que quisesse da vida, preferisse viver tão mal na clandestinidade, na prisão... Já o meu pai aceitava e compreendia perfeitamente, tanto que foi seu advogado e esteve sempre com ele.»<sup>20</sup>

Eugénia manteve sempre a ligação física e emocional com o irmão e manifestou-a ao longo de toda a vida e em todas as circunstâncias. «Se o meu pai tinha compreensão pela vida que ele escolhera, já a minha mãe não a tinha. Por isso, sempre tentei, dentro daquilo que era possível suprir essa falha, porque era uma família a quem ele tinha muito amor. Havia no Álvaro um profundo amor pela família.»

A última prisão de Cunhal revelou-se longa e dolorosa para a família e fortemente penalizadora para a acção do partido.

Cunhal tornou-se necessariamente num estranho depois de se ter afastado do quotidiano familiar para mergulhar nas vidas sem nome.

A mãe teve de se resignar. Cedeu ao cansaço e à desilusão.

O pai continuou a visitá-lo na prisão até ser transferido para o Forte de Peniche. Avelino Cunhal ainda o defendeu juridicamente duas vezes perante o tribunal militar e numa terceira ocasião no tribunal plenário. «Foi o único advogado que eu quis ter, nunca quis ter outro», dirá Álvaro Cunhal.<sup>21</sup>

Existiu sempre afecto e cumplicidade entre pai e filho. «Quando o Álvaro estava preso, o meu pai explicava-me porque é que ele estava nessa situação», recorda Eugénia.<sup>22</sup>

A relação de Cunhal com a mãe ficou marcada por uma certa incompreensão, mas abandonar o PCP para satisfazer os seus desejos correspondia à despersonalização. Continuar

20 Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

21 Pires (1999).

22 Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

a luta política, pelo contrário, acelerou as aptidões de Cunhal como líder por força de uma certa privação afectiva.

Reconhecia a «força» da mãe e a sua ajuda em alguns dos «momentos difíceis» da sua vida. A força de uma mulher «voluntariosa, profundamente crente, católica, mas que, como mulher possuidora de uma vontade muito forte, me auxiliou muito em momentos da minha vida»<sup>23</sup>.

A dureza de personalidade de Mercedes vincou-se com a morte prematura de dois filhos e a sua religiosidade sofreu um forte abalo, nomeadamente após a morte de Maria Mansueta. «Acompanhei a minha mãe à missa até aos 14 anos e não me lembro de vê-la comungar ou confessar-se», revela Eugénia Cunhal.<sup>24</sup>

A luta de Cunhal em defesa da revolução popular violenta e da queda do governo por via de uma insurreição armada tornou-se necessariamente numa ruptura física e emocional. «Posso dizer que para mim a vida com a minha família de origem, pai, mãe, irmãos, uma avó, terminou aos 20 anos», dirá mais tarde Cunhal.<sup>25</sup>

As mortes de António José, com 24 anos, e de Maria Mansueta, com apenas sete, deixaram marcas profundas na família de Avelino e Mercedes.

Álvaro Cunhal tinha cinco anos quando a irmã morreu. «Durante alguns anos praticamente inutilizou a vida da minha mãe pela dor de tal perda. Também, neste mesmo período, a vida foi muito complicada, muito difícil.»<sup>26</sup>

António José, três anos mais velho que Cunhal, morreu com tuberculose e gangrena pulmonar em 1933.

23 Contumélias (1991).

24 Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

25 Pires (1999).

26 *Idem*.

Teve uma vida intensa ligada ao cinema experimental, dirigiu com sucesso uma greve dos liceus de Lisboa, o que lhe valeu a expulsão temporária, aventurou-se em África, regressou à metrópole, apresentou uma exposição e realizou um filme de elevada dificuldade técnica.

A *Lenda de Miragaia* representa o auge da sua curta vida artística. Trata-se de uma animação que recorre às silhuetas animadas, sendo o único filme português conhecido a utilizar a técnica neste período.

### DÁ AOS PAIS AQUILO QUE EU NÃO PUDE DAR

**E**m 1927, seis anos após a morte de Maria Mansueta, nasceu Maria Eugénia. «Houve uma certa animação dessa vida muito triste, com o nascimento da minha irmã mais nova do que eu catorze anos», reconhece Álvaro Cunhal.<sup>27</sup>

Tal como o pai e os irmãos, Eugénia revelou vocação para as artes e letras. Publicou vários livros de poesia (*Silêncio de Vidro, As Mãos e os Gestos e História de um Condenado à Morte*). O filho, Miguel Medina, revelou igual talento para a literatura e publicou um romance premiado. *Além do Mar* (Bertrand, 1994) apresenta uma «interpretação original e emocionante» da viagem de Vasco da Gama para a Índia. Este sobrinho de Cunhal participou nas eleições de 1969, organizou manifestações contra a guerra colonial na Bélgica e na Holanda e exilou-se na Checoslováquia até ao 25 de Abril.

Eugénia revelou-se um apoio fundamental para o irmão durante a sua luta clandestina. Um porto de abrigo. Ajudou-o materialmente de várias formas e chegou a ser presa pela PIDE quando tinha 18 anos.

---

27 Pires (1999).

Cunhal tratava-a quase sempre como «maninha».

Sofia Ferreira, testemunha da terceira detenção de Cunhal e co-arguida no mesmo processo, recorda que Cunhal falava frequentemente sobre a irmã enquanto estiveram escondidos numa casa de apoio no Luso. «Contava-me muitas coisas sobre ela e tinha pena que a mãe não fosse, como o pai, concordante com as suas ideias.»<sup>28</sup>

Escrevia-lhe cartas com alguma frequência, mas as regras conspirativas impediam os encontros pessoais. «A preocupação com o Partido, a defesa do Partido, a organização do Partido, alargar o Partido, sempre com a certeza de que era o Partido do futuro, essa era a principal preocupação», recorda Sofia Ferreira.

Eugénia tinha dez anos quando visitou o irmão pela primeira vez na prisão. Cunhal avisara-a previamente de que podia ser detido a qualquer momento. «Disse-me que se isso acontecesse eu devia ser muito carinhosa com os nossos pais.» Chegou a dizer-lhe que, quando deixasse de ver a sua gabardina pendurada em casa, isso significaria que não teria dormido lá, ou seja, que muito provavelmente estaria preso nos calabouços da polícia política.

«Houve uma manhã em que acordei e ele não estava lá.»

Foi na segunda prisão de Cunhal, quando viviam na Avenida Miguel Bombarda. «Ele não estava lá! O que é que eu faço? Os meus pais ainda estavam a dormir, fui ao quarto do Álvaro, vi uns papéis que se calhar nem seriam os mais comprometedores e, na minha ingenuidade de criança, escondi-os atrás dos quadros. Quando a polícia veio não os descobriu.»<sup>29</sup> Alguns dos documentos foram escondidos por

---

28 Entrevista de Sofia Ferreira ao autor, 2009, Lisboa.

29 Silva (2006).

detrás dos quadros pendurados nas paredes da casa, incluindo o trabalho que Cunhal estava a escrever sobre o aborto e que resultou na sua tese. «A PIDE quando lá chegou não apanhou nada!»

As décadas de clandestinidade nunca os afastaram sentimentalmente. Eugénia casou-se e teve quatro filhos. O marido suicidou-se quando um deles era ainda bebé e o mais velho tinha 14 anos. Após o 25 de Abril, tornaram-se frequentes as visitas de Cunhal a sua casa, em Lisboa, considerada morada oficiosa do líder do PCP para efeitos legais. «Estava cá o tempo que podia, bebia um chocolate, uma coisa qualquer, e conversava... Trazia sempre aquela carteira debaixo do braço.» Não se demorava na Rua Sousa Martins por achar que os camaradas do partido estariam demasiado tempo à sua espera.

Eugénia reconhece a importância do irmão na sua formação e compara-o ao pai. «Era um homem extraordinário, de uma tolerância e humildade incríveis, mas também o Álvaro o era desde os meus tempos de muito pequena.»

O mergulho de Cunhal na clandestinidade não alterou a essência da relação com a jovem irmã. A constante manifestação do seu afecto não podia compensar o amor maternal, mas constituiu-se como um apoio incondicional ao irmão em todos os momentos, e em especial nas ausências. «Dá aos pais aquilo que eu não pude dar», repetia à irmã.

Cunhal fala em mais do que ausências físicas.

A clandestinidade implicava períodos de solidão aguda. A fome, o esgotamento físico e a ausência de um lar provocavam inevitáveis danos emocionais entre os funcionários forçados a abdicar dos laços familiares. Tentou compensar esse vazio através do trabalho intelectual e das frequentes cartas para a irmã e para os pais.

Partilhou com o pai algumas revelações da sua vida amorosa e manteve contacto regular com a irmã. «Desde muito pequena que tenho cartas dele, dos cinco, seis anos de idade e dos tempos da clandestinidade. Pilhas de correspondência, porque ele era extremamente preocupado com a família, mantendo sempre uma relação muito profunda comigo – com o pai, que foi o advogado dele e que era um homem extraordinário – e essa relação permaneceu sempre muito profunda ao longo da vida.»

Eugénia recorda que mesmo os anos de separação não tiveram influência na proximidade entre ambos. A força da ligação estava na «capacidade que o Álvaro tem de dar muito amor e muita ternura como sempre me deu desde miúda. Acho que não há muitos irmãos que tenham assim umas mãos tão ligadas como nós.»

## O MENINO QUE NUNCA FUI

**A**velino Cunhal e a família mudaram-se de Coimbra para uma casa de imponência senhorial no centro de Seia. O edifício tinha vários pisos amplos, um vasto anexo envidraçado com vista para a estrada principal e inúmeros quartos e salas. Já não existem vestígios da estrutura original, mas uma fotografia da época guardada pela família mostra a significativa dimensão da casa e o estatuto social que projectava numa pequena vila do interior.

Eugénia Cunhal recorda-se das duas empregadas que trabalhavam para a família. «Tinham folgas de quinze em quinze dias e andavam de fardas pretas.»

Álvaro Cunhal tinha três anos quando se mudou para Seia. Teve uma «infância alegre e feliz» e entre as memórias tardias

guardou a imagem da avó com mais de 90 anos. «Era muito bonita, tinha uma pele branquinha, lisinha, olhos azuis, uma velhinha mesmo gira e muito desembaraçada, ainda queria sair sozinha e mexer nas ruas. Eu brincava muito com ela.»<sup>30</sup>

As crianças serranas recorriam à imaginação e ao engenho manual para ocuparem os tempos livres. Construíam campos de futebol em tábuas e Cunhal participava nas brincadeiras colectivas com a sua criatividade artística, desenhando os respectivos jogadores em bocados de papel devidamente trajados com as cores dos seus clubes.

Inventavam «espectáculos de cinema» através de projecção de sombras numa tela de papel esticado num caixilho, recorrendo à técnica que também atraiu o irmão de Cunhal.

Organizavam brincadeiras de concursos hípicas. As caixas de fósforos serviam de obstáculos que eram superados pelos botões mais pequenos, os «cavalos», com o impulso de um botão maior pressionado no seu rebordo. «Cada uma das crianças tinha o seu cavalo, o cavalo branco, o cavalo castanho, segundo a cor do botão», recorda Cunhal.

As origens familiares burguesas, a infância protegida em Seia e a adolescência confortável em Lisboa impediram que Cunhal se apresentasse no PCP com as credenciais de classe de outros dirigentes históricos como Joaquim Pires Jorge. «Nunca fui menino. Nunca tive brinquedos. Tive uma infância muito dura e a passar muito mal. A minha mãe mandava-me buscar barbatanas de bacalhau para fazer açorda para o gato. Era mas era para fazer sopa para nós.»<sup>31</sup>

Cunhal era um jovem intelectual oriundo de uma linhagem burguesa e que só na universidade descobriu um PCP

---

30 Pires (1999).

31 Pires Jorge (1984).

forjado na luta dos operários. Não enfrentou problemas financeiros na infância e na adolescência para depois creditar na sua tomada de consciência política.

A fome só apertou quando se entregou ao partido. «Passei muita fome e muitas dificuldades. De uma forma geral habituei-me a gostar de comeres muito modestos.»<sup>32</sup>

A integração no quotidiano da vida serrana revelou uma inesperada dificuldade: a total incapacidade de Cunhal para se adaptar aos métodos escolares praticados na escola primária de Seia. Logo após a experiência do primeiro dia, recusou voltar às aulas devido à violência dos professores. A agressividade utilizada sobre os alunos justificou a rejeição instintiva deste ambiente escolar repressivo e violento. Ave-lino Cunhal compreendeu os receios manifestados pelo filho e decidiu educá-lo em casa contra o espartilho da obediência que imperava na escola da aldeia. O edifício, tal como a casa onde a família Cunhal viveu durante quase uma década em Seia, já não existe.

Entre as reminiscências da serra, ficou um episódio igualmente marcante que Cunhal só irá confessar à sua interlocutora russa nas *Hastes sem Bandeiras*.

É uma lembrança muito forte.

Tinha cinco anos e estava com os amigos a alvejar andorinhas quando empunhou «rápido» a sua fisga e apostou com outro «pequeno diabo», como ele, umas quantas moedas como «também acertava». Cunhal usou uma fisga feita por um tio caçador e acertou em cheio no pássaro. Matou a andorinha e correu a contar a proeza ao pai. Seguiu-se uma dura reprimenda moralista que o marcou para o resto da vida. «Às vezes, para viver, os homens necessitam de fazer

---

32 Pires (1999).

mal. Mas quanto menos se faz isso, melhor. Esta tua façanha não é nenhuma vitória», sentencia Avelino.<sup>33</sup>

Não deixa de ser significativo que um episódio ocorrido quando tinha apenas cinco anos esteja tão presente algumas décadas depois. Cunhal cita as exactas palavras reprovadoras do pai e encara a morte do pássaro como um pecado venial cometido precisamente no ano do seu baptismo católico.

A relação com o catolicismo mereceu várias interpretações ao longo da vida e as suas declarações evoluíram igualmente à medida em que se transformou como homem político. Num artigo publicado no jornal *O Diabo* em Março de 1939, intitulado «Um Problema de Consciência», fala sobre a morte como um «elemento essencial da vida» para dizer que «além da história, ninguém nos pedirá contas».

«Enquanto a humanidade for humanidade, as acções que hoje praticamos estarão sempre presentes, resistindo ao tempo e ao esquecimento a que nos votarão os nossos netos.»

Em 1940, com 27 anos e já em plena actividade política, escreveu no jornal um artigo que ainda conserva alguns germes da sua vivência interior. «O homem procurou fora do mundo um ser superior e encontrou uma pálida imagem de si mesmo. O homem deu uma forma de inumana humanidade às forças naturais que o esmagavam com o seu mistério. Atirou assim Deus para o campo do desconhecido. Mas o mundo encheu-se e impregnou-se de crença. E muitos homens quedaram na ignorância de que Deus era obra sua.»

Logo após o 25 de Abril fez questão em afirmar que «ser católico não significa estar com o governo ou contra ele» e clarificou como líder dos comunistas que «a massa católica

---

33 Petrova (1976).

não é, nem nunca foi fascista»<sup>34</sup>. Assume-se como «respeitador dos crentes» e confessa que um dos livros que pediu quando estava na Penitenciária de Lisboa foi a Bíblia.

«Até esse me foi negado.»<sup>35</sup>

Vinte anos depois será mais claro. «Eu não tenho religião, não acredito em Deus, nem tenho nada contra quem acredita, mas o que eu não compreendo é que a crença num ser superior dê origem a tanta coisa má e a tantos maus sentimentos, quando deve ser precisamente o contrário.»<sup>36</sup>

Cunhal revela já no final da vida ser um homem de convicções, mas sem fé. Não tem fé porque ter fé implica acreditar em «qualquer coisa» que não está objectivamente provada. «Eu não tenho fé. Tenho convicção, que é uma coisa muito diferente. A convicção não seria convicção – e seria fé – se não houvesse espaço para as dúvidas.»<sup>37</sup>

Ensaia, por fim, uma justificação política para a rejeição de Deus. «Se se propaga que o destino do homem é traçado por Deus e se implora a Deus a solução dos problemas que afligem a humanidade, se se apregoa a resignação, isso leva à descrença e à apatia.»<sup>38</sup>

A «libertação» do catolicismo parece ficar arrumada.

---

34 Cunhal (1976).

35 *Diário de Notícias*, 8 de Maio de 1995.

36 Contumélias (1991).

37 *Público*, 17 de Abril de 1996.

38 Contumélias (1991).



## II PARTE

# A CLANDESTINIDADE

### A MÁGOA QUE FOI FICANDO

A ascensão de Álvaro Cunhal à liderança do PCP resulta de um longo processo de tomada de poder, o que implicou operar na máquina partidária e construir uma narrativa de liderança colectiva férrea. Afastou concorrentes internos e estabeleceu alianças conjunturais para neutralizar adversários mais fortes. Distinguiu-se na propagação do cumprimento da missão de classe e na defesa de uma ideologia ancorada em mensagens de esperança.

O poder mobilizador do marxismo junto do movimento operário revelou-se apenas com a revolução russa e inspirou a construção de um novo território da luta operária. Foi esse sentimento de necessidade que criou o maximalismo como interpretação bolchevique do marxismo e, depois, que levou à fundação do PCP. É esse sentimento de *necessidade histórica* que ajuda a explicar a superação de sucessivos refluxos num longo século.

A sua concretização como destacamento do movimento revolucionário mundial permitiu ao PCP superar as naturais dificuldades do distanciamento geográfico em termos de for-

talecimento ideológico<sup>39</sup>, ao mesmo tempo que a integração orgânica respondia à definição de uma sequência genética da sua identidade: o internacionalismo proletário coordenado à escala transnacional para cumprir a prometida revolução mundial.<sup>40</sup>

Aos 17 anos, Cunhal acredita na construção de um homem novo capaz de romper com esta realidade. Filiou-se na Liga dos Amigos da União Soviética na iniciação ao comunismo e aproximou-se rapidamente do PCP com a adesão ao Socorro Vermelho Internacional e a integração nos Grupos de Defesa Académica. Conquistou a direcção da Associação Académica de Direito de Lisboa a partir de 1932 e, pouco mais tarde, estará no Senado Universitário como representante dos estudantes, na sequência das suas intervenções nos Grupos de Defesa Académica. Em 1933, adere à Liga Contra a Guerra e Contra o Fascismo.

A Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas começa a lançar alguns dos mais importantes dirigentes comunistas, casos de Edmundo Pedro, Carolina Loff e Sérgio Vilarigues, numa geração onde se destacam Bento Gonçalves, Francisco de Paula Oliveira, Francisco Miguel e Júlio de Melo Fogaça, entre muitos outros.<sup>41</sup>

É por este caminho que Cunhal chegará, em 1935, ao comité regional da organização e pouco tempo mais tarde a secretário-geral.

---

39 As dificuldades de ligação eram assumidas pela própria Internacional, tendo sido iniciada, em Maio de 1919, a publicação de *A Internacional Comunista* precisamente para reduzir esse fosso. Considerada uma arma ideológica, esta revista publicou-se em russo, alemão, inglês, francês e mandarim. Aliás, a consciência da importância de uma máquina eficaz de propaganda estava bastante presente entre os dirigentes da Internacional como instrumento de auxílio das acções revolucionárias em cada país.

40 Cunha (2024).

41 *Idem*.

É nesta fase em que inicia a sua vida revolucionária que morre o irmão António e ocorre a ruptura familiar.

As férias de Verão de 1934 em São Pedro de Moel foram as últimas em família. «Os nossos pais levavam-nos a passar as férias na praia e lembro-me de ser muito pequena e estar a brincar com o meu irmão», recorda Eugénia Cunhal.<sup>42</sup>

No Verão do ano seguinte, Álvaro Cunhal assume em definitivo a vida na clandestinidade. Parte para uma primeira missão em Moscovo e no regresso fica em Espanha para se envolver no início da Guerra Civil. «As pessoas começaram a ter um comportamento desagradável connosco e os meus pais decidiram deixar de ir lá», continua a irmã.

Avelino e Mercedes foram confrontados com a decisão irreversível de Cunhal mergulhar na clandestinidade e visitar a União Soviética ilegalmente. «Falaram-me dessa ausência em São Pedro Moel. Pediram segredo e disseram-me para não me preocupar, mas eu percebia que eles próprios estavam bastante preocupados com a situação do Álvaro», recorda Eugénia. Avelino e Mercedes tentaram explicar de forma simples a opção do irmão. «Diziam que o Álvaro acreditava num mundo melhor e que estava a tentar fazer qualquer coisa pelos outros».

«Foi um momento muito difícil na família porque as rupturas provocam sempre muito sofrimento. A vida na clandestinidade era uma vida desgraçada», refere Humberto Mota Veiga.<sup>43</sup>

O pai aceitou o envolvimento do filho e justificou a Eugénia a decisão do irmão. Mercedes resistiu à inevitabilidade.

«Ficou muita mágoa entre a mãe e o Álvaro.»<sup>44</sup>

---

42 Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

43 Entrevista de Humberto Mota Veiga ao autor, 2008, Seia.

44 Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

## EU FIQUEI VIVO, OUTROS MORRERAM

Cunhal tinha 24 anos quando foi preso pela primeira vez, em Julho de 1937. O Tribunal Militar Especial condenou-o a três meses de prisão correcional e perda dos direitos políticos por um período de cinco anos. Chegou à prisão fisicamente debilitado pelos interrogatórios policiais e a experiência prisional passou por um dos seus contos. A «Sala 3» descreve a chegada de «Augusto» ao Aljube. «Inesperada figura. Barba crescida, cabelo rapado, calças esfarrapadas, sapatos acalcanhados dificultando o andar hesitante.»<sup>45</sup>

Cunhal localiza a ficção nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial e envolve personagens espanholas que fugiam à ditadura de Franco após a derrota na Guerra Civil. Os presos comunistas não reconhecem o seu camarada devido ao aspecto deplorável. «Vejam isto. Agora já prendem destes desgraçaditos», comentou um deles.

Cunhal conta então as circunstâncias da prisão de «Augusto» e descreve as torturas a que tinha sido previamente submetido pela PIDE durante os três meses de incomunicabilidade. «A casa fora assaltada, o camarada conseguira fugir, a família levada para a PIDE.»

Nunca falou.

O que significa ter demonstrado um «comportamento valente».

O conto descreve depois as rotinas na prisão e o parlatório onde os presos recebiam a família. «Vasto espaço dividido ao meio por uma dupla rede metálica a todo o comprimento. De um lado os presos, do outro as visitas. Esquema eficiente. Tudo escutado. Presos e visitas sem poderem tocar-se.»

---

45 Tiago (2001).

Eugénia Cunhal testemunhou a realidade ficcionada pelo irmão. Visitou Álvaro Cunhal pela primeira vez quando tinha dez anos. «Lembro-me do corredor por onde tínhamos de passar e da rede que havia entre nós. Ele estava do outro lado. Muito pálido, muito magro, com o cabelo todo cortado. Fiquei muito impressionada por ver o meu irmão assim. Ainda hoje tenho o cheiro do Álvaro, a memória daquele cheiro impressiona-me imenso e há coisas que ficam para sempre.»<sup>46</sup>

Recorda-se de a mãe lavar em casa a roupa ensanguentada que levaram do Aljube. «Fiquei muito nervosa quando vi o sangue e a minha mãe tentou tranquilizar-me dizendo que havia na prisão uns bichos que mordiam o meu irmão. O sangue era da pancada que ele levava.»

Cunhal aguentou os interrogatórios, os meses de incomunicabilidade e as torturas. «Espancaram-me durante horas inteiras, até perder os sentidos e ser assim levado para um segredo isolado noutra prisão, estar ali prostrado algumas semanas, ver a cara ao espelho ao fim de quinze dias e não a reconhecer, o corpo todo negro. Mas eu fiquei vivo, outros morreram.»<sup>47</sup>

O estudante universitário Cunhal escapou ao «campo da morte lenta», ao contrário de muitos companheiros operários ou de profissões consideradas modestas. O estatuto social evitou o desterro, mas não impediu as torturas.

Nos interrogatórios no Aljube, os polícias começaram por pedir a Cunhal que identificasse a sua morada e confrontaram-no com o molho de chaves que transportava consigo no momento da detenção. Eram as chaves de casa dos pais onde

---

46 Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

47 Pires (1999).

já nem sequer vivia desde que visitara a União Soviética uns anos antes.

Numa atitude que adquiriu contornos quase míticos, e que será considerada um exemplo da ética revolucionária diante dos algozes, atira com as chaves para cima da mesa e desafia-os a «procurarem pelas fechaduras de Lisboa, que talvez encontrem».

Os agentes da polícia algemam-no de imediato, colocam-no no meio do círculo e espancam-no com murros, pontapés, golpes de cavalo-marinho e tábuas. «Depois de me terem assim espancado longo tempo, deixaram-me cair, imobilizaram-me no solo, descalçaram-me sapatos e meias e deram-me violentas pancadas nas plantas dos pés.»<sup>48</sup>

Os agentes levantam-no e forçam-no a caminhar com os pés ensanguentados e inchados.

Os métodos de tortura repetiram-se ao longo de vários dias até que Cunhal perdeu os sentidos com a brutalidade.

Fica cinco dias inconsciente.

No conto «Caminho Invulgar» relata mais um fragmento da experiência.<sup>49</sup>

A PIDE começou por revistar os bolsos de «Miguel» antes de ser submetido à tortura do sono durante um período incontável de horas ou de dias. Os agentes começaram a agredi-lo com murros no estômago, pesadas régua de madeira e cassetetes. «Caído no chão quase desmaiado, logo o estenderam ao comprido, o descalçaram e desferiram surdos golpes nas plantas dos pés, a sentirem-se na nuca num abalo terrível de violência.»

---

48 Coelho (1974).

49 Tiago (2001).

Os agentes levaram «Miguel» para uma cela e atiraram-no para cima da tarimba. «Fecharam a porta com ruído metálico do ferrolho. Profunda escuridão. Sono? Desmaio? Pesadelo? Quanto tempo?»

Voltaram pouco depois para o colocarem na tortura da estátua virado para uma parede. Cada vez que caía, os agentes pontapeavam-no. «Terríveis, esses últimos minutos. Mais três vezes caiu. Mais três espancamentos.»

Cunhal foi libertado no dia 21 de Junho de 1938. Cumpriu onze meses de detenção e conseguiu escapar à deportação para o Tarrafal. O seu comportamento perante a PVDE tornou-se um exemplo. Uma espécie de régua cósmica para todos os revolucionários. «Quando, sendo preso, o militante suporta as torturas mais bestiais, demonstra que, se a resistência física tem um limite que é a morte, a resistência moral do comunista, essa nada pode vencê-la.»<sup>50</sup>

## AS BALAS DE ALGODÃO

Álvaro Cunhal foi convocado para cumprir o serviço militar em Lisboa, mas não compareceu na incorporação prevista para Agosto de 1937. Tinha sido preso nesse ano após o regresso de Espanha e só voltou à liberdade em Julho do ano seguinte. Quando se apresenta no Exército, em Novembro de 1939, Cunhal é um jovem revolucionário que regressara de uma guerra ideológica perdida para as forças adversárias que começam a dominar a Europa. Tem diante de si a perspectiva de cumprir o serviço militar nas fileiras da ditadura depois das experiências galvanizantes que viveu na União Soviética e Espanha.

50 «A Superioridade Moral dos Comunistas», s.d.

Enfrenta agora também uma penosa acusação de deserção pelo tempo que demorou a apresentar-se no quartel. «Era falso. Porque quando fui convocado para a integração me encontrava preso e, portanto, não era desertor.»<sup>51</sup>

No conto «Os Corrécios», Cunhal ficciona esta experiência começando por recordar que a companhia disciplinar reunia oito correcionais acusados dos mais variados delitos. Actividades políticas, deserções, ladroerias, desordens e graves actos de indisciplina.<sup>52</sup>

As chefias militares decidem enviar o jovem comunista para a Companhia Disciplina de Penamacor para cumprir a sua pena como «corrécio».

Cunhal descreve o impacto emocional quando entrou pela primeira vez na caserna para cumprir a pena num quartel do Estado Novo. Um amplo espaço mal iluminado com dezenas de camas dispostas em duas filas, onde os correcionais ocupavam somente as primeiras oito camas.

Durante a incorporação no quartel de Santo Estêvão teve de executar as tarefas atribuídas aos soldados rasos, apesar de ser estudante universitário, isto é, de ter direito a frequentar a escola de oficiais milicianos. «O facto de estar com os meus companheiros a limpar a erva no quartel não me deslustrava, nem era uma coisa que eu considerasse que não devesse fazer.»

O regime tentava vergá-lo pela humilhação.

A personagem «Reinaldo» representa de certa forma Cunhal. Tinha sido condenado no Tribunal Militar Especial com todo o «ridículo aparato» com uma sentença já decidida pela polícia política.

---

51 Álvaro Cunhal, *Rádio Condestável*, 29 de Janeiro de 1995, citado em Carvalho (2006).

52 Tiago (2002).

«Reinaldo» distinguia-se por fazer a barba, lavar os dentes todos os dias e andar sempre aprumado. Um intelectual com carácter subversivo a quem o capitão por deferência tratava por «você» e não por «tu» como sucedia com todos os outros corrécios.

Entregaram-lhe o trabalho de organização da biblioteca para o ocupar durante todo o período de cumprimento da pena, mas «Reinaldo» executou a missão demasiado rápido. O capitão irritou-se com a indiferença ao tratamento especial e deu um murro na mesa. «Sente-se bem com os corrécios, pois vai voltar para eles. Será também um deles, em todos os sentidos.»

Cunhal aguentou a condenação e começou a relacionar-se com as populações que viviam perto da unidade militar. Chegaram a levar-lhe castanhas às portas do quartel. «Pessoas com as quais havia um convívio fraterno humano e que ajudavam a minimizar as tentativas de humilhar os soldados em cumprimento de castigo.»<sup>53</sup>

Apesar de a «vida militar» se ter limitado a dois meses de castigo, Cunhal aproveitou a ocasião para ridicularizar alguns incidentes a que assistiu e que mais tarde contou a Yulia Petrova.

Num desses episódios, os soldados que acompanharam uma cerimónia fúnebre realizada no cemitério público, entre os quais Cunhal, foram proibidos de utilizar munições verdadeiras por razões de segurança. «Ainda puseram a hipótese de usar balas de pau, mas acharam que mesmo assim isso poderia ser perigoso.»

A solução foi fazer umas «buchas bem fortes de algodão» que, quando disparadas após o barulhento puxar das culatras,

53 Álvaro Cunhal, *Rádio Condestável*, 29 de Janeiro de 1995, citado em: Carvalho (2006).

se limitaram a fazer um pequeno «barulhinho: pshh pshh!».

A continuidade da situação punitiva levou Cunhal a envolver-se por uma acção de protesto que pretendia forçar a libertação como preso político.

Entrou em greve de fome, mas o comandante da unidade, julgando tratar-se de um expediente para invocar doença e ser internado num hospital para não cumprir os castigos, deixou que o protesto se prolongasse por 18 dias.

Cunhal conta na sua ficção que «Reinaldo» decididamente não estava disposto a passar dois anos na companhia correcional.

A afinidade com a sua própria realidade continua quando a personagem se lembra de que em tempos tivera uma forte dor de ventre diagnosticada como apendicite crónica. Cunhal tinha problemas gástricos graves.

«Reinaldo» decide simular um ataque de apendicite aguda para ser atendido num hospital militar e consegue ser recebido por uma junta médica que decide pela sua incapacidade de continuar a cumprir o castigo.

«Reinaldo» enganou os médicos na ficção, e em Dezembro de 1939 uma junta médica confirmou o debilitado estado de saúde de Cunhal e dispensou-o do cumprimento do serviço militar.

## A SEGUNDA PRISÃO AOS 26 ANOS

As sucessivas delações e traições entre os operacionais comunistas que foram sendo paulatinamente detidos permitiu lançar uma ofensiva policial que chegou outra vez ao próprio Cunhal em Maio de 1940. A polícia política do Estado Novo conseguiu detê-lo pela segunda vez.

Aos 26 anos, Cunhal tornara-se num dirigente comunista com uma considerável experiência e demonstrava uma vontade férrea em participar na reorganização do PCP e impor o caminho revolucionário da insurreição popular armada. Um perigo para o regime pela sua crescente influência no secretariado.

Uma traição dentro do aparelho clandestino permitiu à polícia chegar a Cunhal. Yulia Petrova atribui a manobra operativa novamente a um «provocador». Uma vez mais, um militante/dirigente do PCP teria entregado um dos mais importantes membros do secretariado. «As autoridades apresentaram-lhe uma acusação bastante engraçada: propaganda de ideias duvidosas na imprensa legal», recorda a biógrafa.

A prisão de vários membros do secretariado em 1935 tinha aberto um ciclo de grave crise interna do PCP, que se prolongou ao longo dos anos seguintes com sucessivas vagas de detenções. A vulnerabilidade organizativa (direcção política concentrada no secretariado e aparelho clandestino reduzido às tipografias) derivava em grande medida da ausência de um grupo de funcionários do partido. Um problema cuja solução só começou a ser implementada com a reorganização de 1940/41. «A direcção estava demasiado exposta e um golpe na direcção provocava uma *interrupção* efectiva de todo o trabalho do Partido», reconhece Cunhal.

A PVDE colocou Cunhal no Aljube e só depois o transferiu para a enfermaria de Caxias devido a problemas de saúde. Durante a convalescença, solicitou autorização para ser submetido a exame do 5.º ano jurídico da Faculdade de Direito de Lisboa.

A temporada passada em Espanha, o tempo gasto nas viagens para entrar e sair clandestinamente de Portugal e, acima

de tudo, os meses passados na prisão provocaram um inevitável atraso na conclusão da licenciatura.

Cunhal acabou por terminar o curso de Direito com uma média de 16 valores no exame final. «Licenciei-me muito velho. Tive necessidade de interromper os estudos porque passei à clandestinidade muito novo. Vim a retomar mais tarde. Terminei o meu curso estando preso.»<sup>54</sup>

Iniciou na prisão diversos estudos e ensaios, tendo em vista apresentar uma tese de doutoramento que nunca chegou a conseguir terminar.

A tese da licenciatura foi apresentada em Julho de 1940, cujo original tinha sido precisamente apreendido pela polícia. Trata-se de um texto polémico intitulado «O Aborto – Causas e Soluções»<sup>55</sup>.

## UM HOMEM COMO OUTRO QUALQUER?

Álvaro Cunhal foi um homem que amou com risco. Teve várias companheiras ao longo da vida e nos vários períodos da clandestinidade. Paixões intensas e inflamadas em momentos de tensão e de perigo iminente de prisão. «Há mil maneiras de amar e o próprio pode amar de maneiras diversas na sua vida, com sentimentos diversos e com procedimentos diversos.»<sup>56</sup>

As suas obras literárias e a concepção das regras conspirativas do PCP assumem a sexualidade nos períodos de isolamento prisional e nas longas missões clandestinas.

---

54 Álvaro Cunhal, *TSF – Grande Júri*, 20 de Maio de 1989, citado em Carvalho (2006).

55 Álvaro Cunhal, *O Aborto: Causas e Soluções – Tese apresentada em 1940 para exame do 5º ano jurídico da Faculdade de Direito de Lisboa*, Campo das Letras, 1997.

56 Pires (1999).

A vida íntima com as jovens companheiras que chegavam às casas clandestinas sem nenhuma experiência de vida e no início da sua vida sexual favorecia o romance. «O Álvaro era um homem que despertava paixões. Era muito bonito», recorda Sofia Ferreira que partilhou na sua juventude a casa clandestina de Cunhal no Luso.<sup>57</sup>

Os picos de tensão conspirativa faziam disparar a adrenalina e muitas vezes explodiam em atracções físicas intensas. «Amor sem sexo não chega a ser amor. E sexo sem amor é sexo bem pobre», dirá mais tarde Cunhal.<sup>58</sup>

Uma das suas paixões teve impacto na actividade clandestina quotidiana do PCP. Ocorreu num período marcado por várias prisões e pelo assassinato de um dos mais importantes dirigentes comunistas da década de 40.

Durante o período de preparação das grandes greves de Maio de 1944, Cunhal envolveu-se com uma jovem desligada do PCP quando estava instalado numa casa clandestina perto Bucelas com Sérgio Vilarigues. Este ponto reunia vários dirigentes directamente envolvidos na preparação das greves.

As frequentes saídas de Cunhal e Vilarigues de madrugada nas suas bicicletas chamavam inevitavelmente a atenção dos habitantes da aldeia da Chamboeira. Tal como as visitas de outros funcionários do partido e o comportamento globalmente atípico de todo o grupo. «Eles, por vezes, saíam de noite, de bicicleta. As mulheres ficavam e eu ficava com elas, muito tranquila da vida, sem saber o perigo em que estava metida. Quando eles chegavam vinham trazer-me a casa, porque às vezes já era uma ou duas da manhã», recorda Celeste Brígida, na altura com 26 anos.<sup>59</sup>

57 Entrevista de Sofia Ferreira ao autor, 2009, Lisboa.

58 Pires (1999).

59 *Tal & Qual*, 10 de Maio de 1996.

Tentavam compensar esta situação de permanente suspeição com um certo envolvimento na vida local. «Convivi com todas as pessoas da aldeia», reconheceu Cunhal.<sup>60</sup>

Os dirigentes comunistas por vezes jogavam às cartas no café, aceitavam pão cozido feito pelas vizinhas e envolviam-se em pequenas tarefas do dia-a-dia comunitário. «A gente fazia aqui bailes quando era pelas fogueiras, as festas populares, e ele [Álvaro Cunhal] dançava. Fazia de conta, pronto, que era irmão da gente», continua Celeste Brígida.<sup>61</sup>

Cunhal acabou por se envolver amorosamente com uma jovem estudante de liceu de uma aldeia próxima de Bucelas. Áurea Vieira tinha cerca de metade da sua idade e era filha de um monárquico anti-salazarista.

Cunhal apresentou-se como *António Sousa*. Aproveitava os ares do campo para recuperar de uma doença. A cábula habitual indexada no manual das regras da clandestinidade. Começou a acompanhar a jovem em público e a frequência das escapadelas do casal começou a despertar as atenções do pequeno mundo da aldeia.

Os outros funcionários clandestinos repreenderam Cunhal pelo seu comportamento indiscreto que colocava todo o grupo em risco. «O Álvaro Cunhal teve uma zanga com a Luísa [Paulo], que não lhe era nada (era só camarada) mas que ele apresentava como mãe. Tudo por causa dessa mulher [Áurea Vieira]. Ele ia com ela ali para o [serra] Picoto», acrescenta Celeste Brígida.

O romance continuou durante mais algum tempo em segredo, mas com a mesma intensidade.

---

60 *O Independente*, 19 de Abril de 1996.

61 *Tal & Qual*, 10 de Maio de 1996.

O sucesso das greves de 1944 e a consequente repressão policial forçaram o PCP a recuar na sua actividade e tornaram inevitável o abandono da casa clandestina. O que implicava o desaparecimento de Cunhal na clandestinidade para outro local e o provável fim do romance com a jovem.

A perspectiva de Áurea Vieira também ser forçada a mudar-se com a família para Lisboa acentuava o risco da ruptura amorosa que Cunhal queria evitar ou pelo menos minimizar, acautelando um futuro reencontro.

Esta paixão conduziu a uma falha conspirativa.

Na iminência de perder o contacto com Áurea Vieira, Cunhal revelou a morada do escritório do seu pai na Baixa lisboeta e pediu-lhe que entregasse a Avelino Cunhal a sua localização em Lisboa para que se pudessem reencontrar.

Cunhal escreveu depois ao pai a avisá-lo de que a jovem iria procurá-lo no escritório e pediu-lhe que ficasse depositário da morada que Áurea lhe iria entregar. «A portadora é uma rapariga minha amiga que vos pode falar da minha saúde e disposição. Interessa-me muito e gostaria de não perder totalmente o contacto com ela. Pensei que, como último recurso no caso de ela mudar de residência, poderia deixar-lhe a si, querido Pai, uma indicação. Um dia, alguém lha iria pedir.»<sup>62</sup>

A casa de apoio do PCP teve de ser desmantelada, Cunhal voltou a mergulhar na clandestinidade e Áurea Vieira mudou-se para Lisboa com a família.

A jovem cumpriu o que tinha combinado e procurou Avelino Cunhal para cumprir as instruções.

---

62 «Carta de Álvaro Cunhal para o pai», em José Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal – “Duarte”, o dirigente clandestino* (Círculo de Leitores, 2001).

Revelou a carta de apresentações redigida por Álvaro Cunhal e deixou um pequeno papel com a sua nova morada na capital para que fosse entregue ao líder do PCP e este pudesse procurá-la novamente.

«O Álvaro foi um homem como outro qualquer na sua vida sexual. Apesar de querer passar pelo homem que não se interessava por essas coisas e que não prevaricava, prevaricou. Prevaricou como as outras pessoas, homens e mulheres, prevaricam», recorda Cândida Ventura.<sup>63</sup>

Em finais de Janeiro de 1945, a PIDE avançou sobre a casa e o escritório de Avelino Cunhal.

As suas rotinas diárias estavam há muito identificadas.

Dava aulas de História no Colégio Valsassina na Avenida António Augusto de Aguiar durante as manhãs e as tardes eram passadas no escritório de advocacia na Baixa lisboeta, para onde se deslocava de eléctrico após almoçar em casa com a mulher. Foi aí que os agentes encontraram o pequeno papel escrito por Áurea Vieira com a sua morada em Lisboa a pedido de Cunhal.<sup>64</sup>

A PIDE conseguiu depois chegar até à jovem pela morada que deixou no escritório de Avelino e, através do interrogatório, localizou a região onde Cunhal e o secretariado actuavam. Foi montada uma operação secreta para tomar a casa clandestina de Bucelas de assalto, mas o PCP já a tinha levantado quando os agentes chegaram ao terreno.

A PIDE não conseguiu localizar Cunhal e os restantes dirigentes comunistas que mudaram de ponto de apoio para fazer o balanço das jornadas grevistas de 1944 e lançar o novo ciclo político.

---

63 Entrevistas de Cândida Ventura ao autor, 2009/2010, Portimão e Lagos.

64 Pacheco Pereira (2001).

A região ficou sob suspeita depois das greves e do desmantelamento da casa de Bucelas e acabou por se transformar no cenário do assassinato de Alfredo Dinis no ano seguinte.

## A VÓS, TRAIADORES DA PÁTRIA

**A** investida contra Avelino Cunhal surtiu efeitos com a apreensão do pequeno papel com a morada de Áurea Vieira e teve custos dolorosos para a família. A PIDE manteve a casa ocupada durante vários dias e a mãe, a irmã e a avó de Álvaro Cunhal ficaram em prisão domiciliária. O pai foi preso pela primeira vez.

Avelino Cunhal foi levado para Caxias e sujeito a vários interrogatórios.

«Apanharam um *Avante!* no bolso do casaco do meu pai, mas aquilo era só um pretexto para o prenderem», conta Eugénia Cunhal.<sup>65</sup>

Os agentes encontraram ainda material de propaganda do partido, apontamentos sobre a teoria marxista e uma peça de teatro inédita dedicada às greves nos anos 20.

O secretismo da operação que levou ao ataque em Bucelas exigia manter toda a família em permanente vigilância para evitar eventuais fugas de informação.

Avelino Cunhal ficou em regime de incomunicabilidade em Caxias e a família ficou detida em casa. Os agentes da brigada sentavam-se no sofá da sala e controlavam todas as comunicações com o exterior. «Estiveram três dias e três noites dentro da nossa casa. Não deixavam atender o telefone, nem sequer abrir a porta da rua e quando íamos à casa de banho eles ficavam à porta», relata Eugénia Cunhal.

65 Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

Mercedes confrontou os polícias com a necessidade de sair para comprar comida para a filha e para a mãe. O pedido foi negado, mas um deles disponibilizou-se para ir à mercearia. «Apareceu com um pacote de bolachas *Maria* e um bocado de marmelada.» As três mulheres recusaram comer para reafirmar a sua indignação diante da prisão domiciliária completamente ilegal.

O material de propaganda política apreendido no quarto de Eugénia Cunhal justificou também a sua detenção.

Tinha 18 anos.

Os agentes levaram-na para a sede da PIDE, na Rua António Maria Cardoso, para ser interrogada pelo célebre inspetor Fernando Gouveia. Recusou-se responder às perguntas e a identificar os nomes que estavam nas agendas apreendidas. «Só muito tempo depois é que me perguntaram se eu sabia onde estava o meu irmão.»

Mercedes pediu a uns amigos que tomassem conta da sua mãe idosa e dirigiu-se para a porta da PIDE. «Era uma mocinha nova, levaram-na presa e a minha mãe foi-se pôr sentada à porta da PIDE. Quiseram tirá-la dali e ela disse que não saía dali sem levar a filha. Passou ali toda a noite e acabaram por entregar-lhe a filha», recorda Álvaro Cunhal<sup>66</sup>. «Eu era menor e não podia estar presa. A minha mãe esteve ali e a meio da manhã seguinte soltaram-me.»<sup>67</sup>

A PIDE pretendia apertar o cerco ao líder do PCP e pressionar a sua família para conseguir identificar possíveis pistas para lhe seguir o rasto.

Cunhal reagiu embravecido às detenções dos seus familiares e escreveu uma carta ao Ministro da Justiça. «Pela única

---

66 Pires (1999).

67 Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

razão de que amo o meu povo e a minha Pátria, de que luto e me não rendo, prendestes meu Pai, um homem honrado e justo – tivestes presa minha jovem irmã, enxovalhastes minha Mãe. Não porque qualquer deles tivesse uma actividade política, porque a não têm. Mas apenas para me atingirdes a mim e intimidardes os combatentes anti-fascistas.»<sup>68</sup>

Termina a missiva com particular agressividade. «A vós, traidores ao Povo e à Pátria, falta autoridade para julgar homens justos. Mas ao nosso Povo sobram razões e autoridade para vos julgar a vós, fascistas inimigos do Povo.»

Avelino Cunhal foi libertado em Maio de 1945 e o filho foi preso pela terceira vez no dia 25 de Março de 1949.

## UMA VIDA NORMAL DE CASAL

Álvoro Cunhal vivia com Militão Ribeiro (*António*) e Sofia Ferreira (*Elvira*) numa casa alugada pelo PCP no Casal de Santo António, Luso. Todos os preparativos conspirativos tiveram em conta tratar-se de um refúgio para o líder do partido viver escondido da PIDE, trabalhar nos documentos estratégicos e na organização da propaganda e reunir com os outros membros do secretariado escondidos em casas de apoio em regiões relativamente próximas.

As tarefas de apoio foram entregues a Sofia Ferreira com o pseudónimo de *Elvira*. A amiga de Cunhal era filha de assalariados rurais das Lezírias e, tal como as duas irmãs, mergulhou muito cedo na clandestinidade. Aderiu ao PCP três anos antes de ser destacada para viver com Cunhal e sem nunca ter frequentado a escola. «Os nossos pais eram pobres e nem sequer havia ali escolas. O partido tinha acabado de sair de

68 Pacheco Pereira (2001).

uma profunda reestruturação e eram precisas mulheres para ajudarem nas casas que estavam a ser montadas para os funcionários clandestinos.»<sup>69</sup>

Sofia Ferreira tinha 27 anos e Álvaro Cunhal 36.

A relação durou uns curtos meses, mas deixou marcas de admiração mútua para as décadas seguintes, pela intensidade do relacionamento e pela forma dramática como terminou com o assalto da polícia à casa de apoio.

Cunhal julgava estar relativamente protegido pelo facto de a instalação ter seguido as suas próprias regras conspirativas.

O seu trabalho exigia uma concentração de inúmeros documentos de elevada perigosidade sobre o funcionamento secreto do PCP, dinheiro para financiar as operações e arquivos sobre a vida dos funcionários.

O aparelho clandestino começou por identificar previamente a casa relativamente isolada. Existia perto somente uma pequena quinta onde vivia a senhoria e alguns empregados.

Cunhal apresentou-se aos proprietários com a companhia como se se tratasse de um casal normal. *Duarte* era um estudante universitário que tinha sido aconselhado pelo médico a retirar-se temporariamente para um meio sossegado por razões de saúde. «Dissemos que o Álvaro estava a tirar um curso, mas, por razões de saúde, o médico tinha-o aconselhado a retirar-se para um meio sossegado. Fazíamos uma aparência de vida de casal», recorda Sofia Ferreira.

Cunhal estava, de facto, doente.

A sua saúde estava debilitada pelo excesso de trabalho e pelos problemas gástricos que o perturbaram ao longo da vida. Esses sintomas manifestaram-se de forma aguda depois

---

69 Entrevista de Sofia Ferreira ao autor, 2009, Lisboa.

de ter sido preso no Luso e a PIDE utilizou a fragilidade física para tentar forçar a desistência psicológica.

Logo após a prisão, o *Avante!* escreve que Cunhal ficou «rigorosamente incomunicável» na enfermaria da Penitenciária de Lisboa por estar «gravemente doente». Dois meses mais tarde, reafirma que «a não ser tratado rapidamente em condições e lugar apropriado, a sua vida corre o risco de se extinguir de um momento para o outro».

Durante a temporada no Luso, *Elvira* tentou credibilizar o seu papel de companheira junto dos vizinhos. Deslocava-se com alguma frequência à mercearia e à padaria para fazer as compras quotidianas da casa. «Fazíamos a vida normal de um casal. Eu tratava das compras para a casa e ele passava a maior parte do tempo a trabalhar e a estudar, mas o Álvaro também saía para tomar umas imperais», recorda Sofia Ferreira. «Gostava de ajudar nas tarefas domésticas.»

Cunhal arrumava o seu quarto e aventurava-se pontualmente na cozinha. «Fazia uns pastéis de massa tenra muito bons», continua Sofia Ferreira.

O casal sobrevivia com o dinheiro contado para as despesas quotidianas, mas havia pequenos luxos que justificavam alguns sacrifícios. «O nosso salário como casal era muito pouco, tínhamos de fazer muita “ginástica” para esticá-lo, mas a certa altura criou-se um subsídio para os camaradas que fumavam. O Álvaro beneficiava dessa ajuda especial, mas como fumava razoavelmente, e apesar de serem cigarros dos mais baratos, o dinheiro nem sempre chegava.»

*Duarte* e *Elvira* passaram em relativa intimidade estes meses de convívio e isolamento no Luso. Não podiam contactar directamente com os amigos nem com a família e a troca de correspondência, garantida através do aparelho clandesti-

no do PCP, demorava um considerável período de tempo. O afastamento do mundo aproximou-os. «Ele era um homem amável e respeitador e um homem assim desperta sempre a admiração de uma mulher. Vivíamos os dois sozinhos e isolados no dia-a-dia. É natural que nos tenhamos aproximado e criado uma amizade muito grande», explica Sofia Ferreira.

A queda da casa às mãos da PIDE forçou um longo período de afastamento entre ambos.

Sofia Ferreira foi presa uma segunda vez e só regressou à liberdade em 1968. Viveu com o companheiro António Santos durante um ano e meio na União Soviética e encontrou-se casualmente com o líder comunista no exílio. «Foi apenas um encontro ocasional», recorda.

Na madrugada de 25 Março de 1949, a casa do Luso foi tomada de assalto por uma brigada de operacionais da PIDE com auxílio de vários elementos da GNR local. Prenderam Álvaro Cunhal, Sofia Ferreira e Militão Ribeiro e provocaram um forte rombo no PCP.

## AGORA QUE TUDO LHE TIRARAM

Álvaro Cunhal e Militão Ribeiro foram levados para os calabouços da subdirectoria da PIDE no Porto para serem sujeitos ao interrogatório policial e, no início de Abril de 1949, transferidos para a Penitenciária de Lisboa para aguardarem o julgamento em tribunal plenário. As suas prisões foram transformadas numa vitória da ditadura sobre o PCP e publicitadas nos jornais como uma demonstração do poder do Estado Novo contra os «terroristas comunistas».

Cunhal foi colocado em regime de total incomunicabilidade na cela 53 da ala C durante longos e penosos 14 meses.

A acusação de perigosidade social (posse de arma de fogo) e de integrar uma organização secreta ilegal (o PCP) foi apresentada somente em Outubro e o julgamento iniciou-se em Maio do ano seguinte.

Uma longa espera entre paredes e em absoluto isolamento.

Cunhal ficou submetido a um lento processo de dissolução interior, que em vários casos levou os presos à morte e à loucura. As confissões a Petrova revelam essa angústia crescentemente depressiva. «Há muito que ele conversou tudo consigo mesmo; conversou sobre tudo, especialmente nos últimos meses. Esteve ocupado sempre, trabalhou sempre, sempre se apressou. Agora tudo lhe tiraram.»

A PIDE colocou agentes dentro da Penitenciária de Lisboa para garantir a vigilância musculada e impedir a flexibilização do regime prisional prevista pela própria legislação. Exerciam o poder discricionariamente em colisão com as competências do próprio director e motivaram inúmeras queixas de Cunhal por prolongarem ilegalmente um severo regime de absoluta incomunicabilidade.<sup>70</sup>

Os problemas físicos agravaram-se e a PIDE usou essa debilidade para o torturar e forçar a sua abdicação intelectual. Os agentes exigiam que pedisse «por favor» papel higiénico cada vez que dele precisasse, mas Cunhal recusou fazê-lo. «Durante três meses não lhe forneceram papel higiénico ou fosse o que fosse que o substituísse. Estando Álvaro Cunhal doente dos intestinos, calculam-se os problemas que esta “pequena questão” levantava», conta Margarida Tengarrinha com base no testemunho do próprio.<sup>71</sup>

---

70 Álvaro Cunhal, *Livro n.º 43, Cadernos da Prisão* (Edições Avante!, 2010).

71 Coelho (1974).

Cunhal aguentou o silêncio nos temíveis interrogatórios no Porto e a pressão sistemática da PIDE dentro na Penitenciária de Lisboa, mas foi o isolamento que lhe causou maiores danos.

Os primeiros anos na cadeia foram consumidos sozinho e em dor interior. «Sempre sozinho numa cela. Nem passeio, nem livros, nem jornais, nada, unicamente a cela. Manhã, tarde, dia e noite. Um sol encapotado, um sol opaco, um sol claro, e noite negra como o carvão. O aroma da Primavera, a estiagem do Verão, a humidade do Outono, as rajadas de vento invernosos. Tudo estava lá, no exterior, tudo muda lá, aqui só há o ruído dos passos, a respiração da sujidade do cimento e um homem solitário, pensativo.»<sup>72</sup>

Estava impedido de escrever e de ler, esterilizado na sua actividade intelectual, castrado das relações afectivas e sexuais. Não existia mundo para lá das grades da estrela de seis pontas.

A PIDE decidira prolongar reiteradamente o regime de isolamento, alegando a necessidade de impedir que Cunhal continuasse a dirigir as actividades clandestinas do PCP.

Petrova tentou descrever essa prolongada solidão que antecipava a demência. «Isolado, separado dos seus camaradas, o homem não sabe se conseguirá ainda alguma vez na vida sair à rua, sentar-se num banco, recostar a cabeça, olhar o céu enorme, incomensurável. Conseguirá ele alguma vez tocar na mão da esposa, apanhar um ramo de árvore, desviar com o pé uma pedra no meio do caminho?»<sup>73</sup>

As regras começaram a ser timidamente flexibilizadas oito meses após ter sido encarcerado. O pai e da irmã visitavam-

---

72 Petrova (1976).

73 Petrova (1976).

-no com frequência, mas a mãe começava a manifestar sinais de cedência ao profundo desgosto que sentia.

Cunhal começou a receber um livro de cada vez, mas ainda sem ter acesso aos jornais e revistas. A leitura obsessiva de livros de carácter técnico permitiu-lhe manter a racionalidade. O material de escrita só podia ser utilizado para preparar a defesa e todas as folhas estavam previamente numeradas. «Não me é permitido escrever qualquer correspondência, incluindo cartas para os meus parentes mais próximos. Não me é permitido receber, além de meus pais e minha irmã, quaisquer outras visitas, incluindo parentes até ao terceiro grau», escreve numa missiva dirigida ao director da Penitenciária de Lisboa, em Novembro de 1949.<sup>74</sup>

A biógrafa reconstitui a obsessão das rotinas e a erosão emocional provocada pela solidão. «Sete passos adiante e sete atrás, adiante e atrás e da grade da porta; da porta à grade; à direita, pedra; à esquerda, a tarimba; à esquerda, pedra e à direita, tarimba; à direita a pedra e à esquerda a tarimba; à esquerda. Nunca nada mais, nada mais – pedra, tarimba, pedra, grade, porta, porta, grade, chamada, chamada, chamada...»<sup>75</sup>

Cunhal tinha noção dos riscos de loucura provocados pela situação da incomunicabilidade e o isolamento exigia rotinas mentais que preservassem a lucidez.

Um dos métodos passava por imaginar agendas com tarefas para pensar em horas do dia previamente determinadas, pela citação de longas passagens decoradas dos livros ou pela repetição de contas para verificar os resultados mentalmente e por repetidas vezes.

74 «Carta ao Director da Cadeia Penitenciária de Lisboa», em *Álvaro Cunhal, Obras Esco-  
lhidas, vol. II, 1947-1964* (Edições Avante!, 2008).

75 Petrova (1976).

Vários meses após o seu julgamento e condenação, Cunhal ainda insistia com o director da cadeia para a urgência de as regras de isolamento serem flexibilizadas e a lei cumprida. Solicitava com frequência jornais e revistas e a possibilidade de poder reter os livros e de tomar notas sobre os seus conteúdos para estudo. Numa dessas cartas, pediu folhas de desenho, lápis e borracha, folhas de cartão para usar como pasta e prancheta e uma lâmina ou para-lápis.

Sentia cada vez mais a urgência do trabalho intelectual para evitar a dor física e psicológica. «Permito-me chamar a atenção para a verdadeira tortura que é um tal regime (sobretudo quando assim prolongado e com a série de proibições ainda existentes) e para as suas consequências nefastas para a saúde.»<sup>76</sup>

A pressão psicológica aumentou com o passar dos meses em incomunicabilidade e a partir de certa altura começou a referir a necessidade de desenvolver trabalho intelectual para preservar a «boa saúde do espírito». Solicitou também a restituição de alguns objectos de valor emocional que tinham sido apreendidos pela PIDE no assalto à casa do Luso. Os retratos da família, os óculos, o relógio, a *gillete* para a barba, o cinto e a caixa de pintura.

Cunhal começou a insistir na reivindicação de direitos para ter mais vários livros em simultâneo, autorização para tirar notas e apontamentos, possibilidade de escrever ensaios e trabalhos de ficção, material de escrita, nomeadamente de cadernos ou folhas soltas devidamente numeradas.

O desenho e a criação de um alter-ego literário serviam de escape para as tensões interiores.

---

76 «Carta ao Director da Cadeia Penitenciária de Lisboa», em Álvaro Cunhal, *Obras Esco- lhidas*, vol. II, 1947-1964 (Edições Avante!, 2008).

*Manuel Tiago* acabou por se «autonomizar» ao longo das décadas seguintes com a crescente produção literária de livros e contos que reproduzem o universo pessoal e político de Cunhal.

## VOZES DO ALÉM

O julgamento mais importante de um dirigente político do século XX português decorreu no Tribunal da Boa Hora entre os dias 2 e 9 de Maio de 1950<sup>77</sup> e Cunhal assumiu-se diante do tribunal como «filho adoptivo do proletariado»<sup>78</sup>. Pretendia constituir-se como um exemplo para todos os outros comunistas que teriam de passar pelo mesmo processo e, acima de tudo, para todos os que tinham de continuar a luta na sua ausência por um período cujo fim ninguém conseguia sequer vislumbrar.

Avelino Cunhal assumiu a defesa do filho perante o tribunal plenário num gesto pleno de significado da relação de cumplicidade e de respeito que sempre existiu entre ambos. Durante todo o período de detenção na Penitenciária de Lisboa, visitou-o regularmente, levou-lhe dinheiro e material de escrita e de desenho, continuou a tratar juridicamente do seu processo e das suas queixas contra a direcção da cadeia e encaminhou a acusação de desobediência no Tribunal Correcional do Porto para um colega.

---

77 «Intervenção realizada perante o tribunal fascista em 2 de Maio de 1950», em *Álvaro Cunhal, Obras Escolhidas, vol. II, 1947-1964* (Edições Avante!, 2008).

78 Francisco Melo explica que «existem várias versões desta primeira intervenção em tribunal», tendo optado pela publicação da mais completa. A expressão «filho adoptivo do proletariado» consta de um «pequeno resumo» com «alguns excertos textuais» referente às últimas declarações de Álvaro Cunhal, no dia 9 de Maio de 1950, em *Álvaro Cunhal, Obras Escolhidas, vol. II, 1947-1964* (Edições Avante!, 2008).

«Foi o único advogado que eu quis ter, nunca quis ter outro.»<sup>79</sup>

Eugénia Cunhal visitou o irmão neste período de grande tensão antes do julgamento e guarda na memória o reencontro no dia em que levou o filho mais velho para o ver pela primeira vez.

Cunhal tinha sido padrinho do sobrinho por procuração. «Levei a criança ao colo para ele o ver através do vidro que nos separava, mas a pouca luz e a distância entre nós não permitiam que visse bem.»

Avelino Cunhal sabe que vai perder o filho neste julgamento. Tal como a mulher assumiu a perda quando o visitou pela última vez na Penitenciária de Lisboa. Começou por se insurgir contra o regime de incomunicabilidade na Penitenciária de Lisboa, as más condições alimentares e a falta de cuidados de saúde. Referiu que Cunhal tinha como ementa na prisão caldo de farinha de manhã, canja de galinha ao almoço e galinha cozida e bife com ovos ao jantar. Uma rotina alimentar que se manteve inalterada durante vários períodos ao longo dos 13 meses de prisão que antecederam o julgamento.

Avelino insistiu nas perguntas sobre a vida na ilegalidade do filho, nomeadamente a modéstia e as dificuldades de vida. Tentou desdramatizar as acções do PCP e o empenho de Cunhal numa insurreição popular e nas teses da violência para derrubar o governo e desmantelar o Estado Novo.

No segundo dia de julgamento, Avelino voltou a intervir para atenuar as acusações e demonstrar falta de consistência de provas para justificar a mais do que certa condenação do tribunal plenário.

---

79 Pires (1999).

Denunciou a natureza ilegal do regime desde o golpe de 1926, criticou o Presidente da República e o ministro da Justiça por recusarem dar despacho aos pedidos de Cunhal e o ministro do Interior pelos termos em que se referiu às companheiras dos funcionários do PCP.

O tribunal concedeu novamente a palavra a Cunhal.

O líder do PCP interveio de forma ainda mais «combativa» e agressiva».

Segundo o mesmo relato da PIDE, «começou por prejudicar a defesa feita pelo seu pai, pois não só acabou por explicar ao tribunal a infiltração comunista feita pelo seu partido nas casas do povo, casa dos pescadores, sindicatos, como terminou, teatralmente, por declarar que não se responsabilizaria se o povo se levantasse de mão armada já que o Partido Comunista verificava que por meios pacíficos e legais não conseguia os seus objectivos».

A longa intervenção de Cunhal passou ainda por demonstrar os problemas económicos que afectavam Portugal por culpa do governo e a sua incapacidade para encontrar soluções.

O seu destino estava traçado. O tribunal plenário reunido em Maio de 1950, na Boa Hora, condenou-o a quatro anos e meio de prisão celular agravados com medidas de segurança devido ao seu grau de perigosidade social.

«Agradeço o belo esforço do tribunal», ironizou Cunhal na leitura da sentença.

O Ministério Público recorreu.

No dia 6 de Dezembro desse ano, o Supremo Tribunal de Justiça agravou a pena para dois anos de prisão celular e oito de degredo. Submeteu ainda Cunhal a um ano de medidas de segurança prorrogáveis após o cumprimento da pena.

A condenação com esta agravante das «medidas de segurança» significava que a detenção podia prolongar-se indefinidamente após o cumprimento da sentença.

O que aconteceu.

As piores expectativas confirmaram-se com a posterior rejeição do pedido feito por Cunhal junto da ditadura para trocar o seu regresso à liberdade pelo compromisso de abandonar o país e exilar-se no México.

As sucessivas prorrogações das medidas de segurança foram um sinal claro de que Salazar tencionava ter Cunhal encarcerado para o resto da vida. «Tornou-se evidente que queriam mantê-lo preso para sempre. Se não fosse a fuga, tinha ficado certamente preso até ao 25 de Abril», afirma Eugénia Cunhal.

A fuga era a única alternativa à prisão perpétua.

## ÁLVARO, EU JÁ NÃO TENHO FORÇAS

Álvaro Cunhal regressou ao mundo claustrofóbico da Penitenciária de Lisboa sem nenhuma perspectiva de regresso à liberdade. Tinha 37 anos. O pai defendeu-o no tribunal plenário e continuava a visitá-lo semanalmente com a jovem irmã.

A mãe não conseguiu adaptar-se a estas rotinas prisionais e recusou aceitar uma prisão que representava a perda do seu terceiro filho. «A minha mãe perdeu dois filhos e ver o Álvaro a viver na clandestinidade, a passar fome, a ser preso e torturado, significava perdê-lo também», recorda Eugénia Cunhal.<sup>80</sup>

---

80 Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

É nesta altura que Mercedes deixa de visitá-lo na Penitenciária de Lisboa e escreve uma carta emotiva. «Álvaro, eu já não tenho forças para te ir ver à prisão.»<sup>81</sup>

O desabafo marca o doloroso afastamento físico da mãe e do filho. Mercedes não aceita que uma pessoa com as qualidades humanas e intelectuais do seu filho esteja condenado ao contínuo sofrimento numa prisão interminável.

O contacto entre ambos mantém-se durante mais algum tempo através de cartas, mas a violação da correspondência praticada de forma agressiva pela PIDE provoca uma crescente indignação em Mercedes. Não aceita que outras pessoas continuem a violar o mundo privado das relações de uma mãe com o seu filho.

Desiste de escrever depois de desistir das visitas na prisão.

As suas energias haviam-se esgotado.

Tinha presente a visita ao Aljube. As roupas ensanguentadas do filho, as sistemáticas torturas físicas e a profunda solidão emocional que corriam diante dos seus olhos de mãe. Assistiu à debilidade física e à impossibilidade de ter uma vida de acordo com as suas qualidades.

Tinha presente a madrugada em que os agentes da PIDE prenderam o marido em casa, e depois o isolaram numa cela em Caxias.

Tinha presente a prisão da sua filha menor para ser interrogada.

Tinha presente a ocupação do espaço íntimo da sua casa durante dias e noites por homens determinados em vasculhar a intimidade de família para deitarem mão ao filho que vivia clandestino e com dificuldades por vezes extremas.

---

81 «Carta de Mercedes Barreirinhas ao filho», 1950, Arquivo Pessoal de Eugénia Cunhal.

Tinha presente a visita na Penitenciária de Lisboa e a certeza de que perdera o filho às mãos de uma condenação eterna.

«Não te escrevo mais porque não admito que a carta de uma mãe para um filho seja lida por outras pessoas.»

A censura deixou a carta passar para Cunhal e encontra-se actualmente no espólio que enviou para a família pouco antes da fuga do Forte de Peniche. O pai continuou a visitá-lo e a tentar atenuar o cumprimento da pena de prisão: «Meu querido Filho, Conforme teu pedido, deixei hoje à entrada da visita 3 maços de papel de minutas de 50 fls. Cada um, tal como desde há muito tenho deixado. Quando saí, restituíram-mos, dizendo que a censura não permitira a entrada. Confesso que não compreendo tal proibição nem a intervenção da censura em papéis inteiramente em branco. O teu direito ao trabalho intelectual só se pode tornar efectivo desde que disponhas de elementos de trabalho.»<sup>82</sup>

A perda dos afectos da mãe e a concretização dos receios sobre uma prisão eterna levaram Cunhal para um tumulto interior que Petrova reproduz. «Certamente é possível enlouquecer ao ter consciência de que, adiante, nada mais existe, que te encontras preso, preso, preso e não podes fugir; não podes fugir desses ásperos muros; pó de cimento imóvel, fugir dos surdos passos do vigilante que anda no corredor.»<sup>83</sup>

A adaptação de Cunhal às rotinas prisionais exigiu dolorosos sacrifícios. «Um tal regime constitui uma violência a que só a minha profunda tranquilidade de consciência tem tornado possível resistir e que tem acção nefasta sobre a minha saúde», lamenta numa carta enviada ao director da cadeia.<sup>84</sup>

---

82 «Carta de Avelino Cunhal ao filho», 1955, *Álvaro Cunhal, Livro nº 43, Cadernos da Prisão*.

83 Petrova (1976).

84 «Carta ao Director da Cadeia Penitenciária de Lisboa», em *Álvaro Cunhal, Obras Escolhidas, vol. II, 1947-1964* (Edições Avante!, 2008).

## A CERTEZA DA PRISÃO PERPÉTUA

Álvaro Cunhal assumiu pela primeira vez a necessidade do seu próprio exílio no dia 12 de Novembro de 1956. Tinha 43 anos. Estava preso desde Março de 1949, cumprira 15 meses em regime de incomunicabilidade e sete anos de internamento, sendo que cinco desses anos foram em isolamento na Penitenciária de Lisboa.

No acórdão do Supremo Tribunal de Justiça de 6 de Dezembro de 1950 havia sido condenado a dois anos de prisão maior celular e a oito anos de degredo.

Em 24 de Janeiro de 1956, a execução da pena terminou por efeitos de perdões e indultos, mas a renovação sucessiva das medidas de segurança ao longo dos anos seguintes perspectivava uma detenção extremamente prolongada no Forte de Peniche para onde fora transferido em finais de Julho.<sup>85</sup>

Restavam apenas duas saídas a esta percepção da prisão perpétua: fugir ou pedir exílio legal.

Num requerimento dirigido ao ministro da Justiça, Álvaro Cunhal solicita «que seja considerada a sua libertação nos termos do art. 397, 1.º, do decreto-lei n.º 26643 de 28 de Maio de 1936, que estabelece a possibilidade de exílio forçado para o estrangeiro»<sup>86</sup>.

85 Álvaro Cunhal começa a citar nos seus requerimentos o risco de loucura e de despersonalização e cita casos concretos de presos que faleceram em semelhantes condições prisionais (Militão Ribeiro) ou ficaram loucos (José da Silva Martins). Invoca os prolongados regimes de isolamento e de incomunicabilidade, a ausência de quaisquer actividades intelectuais, como a leitura, a escrita e o desenho, os problemas de saúde que se foram agravando e as humilhações sucessivas, como a recusa de papel higiénico para um preso com problemas intestinais crónicos. Chega também a citar como exemplo da sua debilidade física as torturas sofridas na prisão de 1937. Os sucessivos espancamentos ao longo de vários dias deixaram-no inconsciente e com sequelas.

86 «Requerimento de Álvaro Cunhal ao Ministro da Justiça», 12 de Novembro de 1956, em *Álvaro Cunhal, Livro n.º 43, Cadernos da Prisão*.

É a primeira vez que Álvaro Cunhal utiliza a palavra «exílio» e admite expressamente sair para o *exterior*. O que irá acontecer mais tarde não por via de autorização do governo decorrente deste pedido legal, mas na sequência da fuga colectiva de 1960.

O artigo legal citado por Álvaro Cunhal determina que «aos criminosos políticos poderá ser imposta a obrigação de residência fora do País». No seu pedido ao ministro da Justiça, acrescenta que «se tal solução fosse adoptada, necessário seria, naturalmente, que ao signatário fosse dela dado conhecimento com a antecedência necessária para que não só pudesse resolver óbvias questões de carácter pessoal (familiares, financeiras, documentos), como pudesse diligenciar a fim de obter que algum país lhe desse direito de asilo ou o acolhesse como emigrante»<sup>87</sup>.

Em 6 de Abril de 1956, Álvaro Cunhal foi confrontado pela PIDE sobre as suas intenções em caso de sair em liberdade, tendo respondido «que é seu propósito proceder dentro do estabelecido na Constituição e não exercer actividades subversivas», reafirmando a «possibilidade de emigrar para o estrangeiro».

O pedido foi rejeitado, tendo o tribunal aceite os argumentos da polícia política para prorrogar as medidas de segurança por mais 6 meses.

Em Outubro de 1956, a PIDE interrogou novamente Álvaro Cunhal para avaliar a sua *perigosidade* e decidir sobre o prolongamento da prisão.

---

87 Esta utilização da palavra «asilo» significava para Álvaro Cunhal «exílio», na medida em que se trata de um pedido previamente contextualizado num diploma legal referente ao exílio. A distinção relativa à condição de «emigrante», cujo estatuto poderia ser invocado como alternativa ao primeiro, consolida a ideia de que se trata de uma saída forçada para o exterior por motivos políticos.

No Auto de Declarações, «sendo-lhe perguntado, ao declarante, sobre o rumo que pretende dar à sua vida, quando lhe for concedida a liberdade, declarou que, em pormenor, é-lhe difícil responder. Entre outras coisas pensa doutorar-se e constituir família». No mês seguinte, a polícia política reafirmou a *perigosidade* e solicitou uma vez mais a prorrogação das medidas de segurança.<sup>88</sup>

## ESTAR NA PRISÃO É ESTAR LONGE DA PÁTRIA

Álvaro Cunhal respondeu com a apresentação de uma «exposição pessoal» ao juiz corregedor do 3.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa, de cujo conteúdo existem várias versões: a transcrição anotada do original<sup>89</sup> de 28 de Janeiro de 1957 reproduzida nas *Obras Escolhidas* e a versão manuscrita de 11 de Fevereiro<sup>90</sup> disponível nos *Cadernos da Prisão* e cujo original se encontra apenso ao processo judicial.

As diferenças são substanciais no que respeita à justificação do pedido de exílio legal e identificação do respectivo país de acolhimento.

As versões começam por coincidir no pedido de suspensão das medidas de segurança solicitadas pela PIDE.

Álvaro Cunhal antecipa novamente a ideia de *prisão perpétua* caso o juiz tivesse em consideração os argumentos invocados pela polícia política: «Parece não existir qualquer outro

88 «Auto de Declarações de 16 de Outubro de 1956», *Álvaro Cunhal, Livro n.º 43, Cadernos da Prisão*.

89 «Exposição pessoal ao Juiz Corregedor do 3.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa», 11 de Fevereiro de 1957, em *Álvaro Cunhal – Obras Escolhidas, vol. II, 1947-1964* (Edições Avante!, 2008).

90 «Exposição Pessoal de Álvaro Barreirinhas Cunhal ao Juiz Corregedor do 3.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa», 11 de Fevereiro de 1957, em *Álvaro Cunhal, Livro n.º 43, Cadernos da Prisão*; ANTT, PIDE-DGS, Processo 14.499, folhas 126-132.

processo de se concluir da cessação da “perigosidade” senão a conduta do recluso durante o cumprimento da pena. Na verdade, se o bom comportamento e a ausência de qualquer acto revelador de “perigosidade” durante o cumprimento da pena não são motivos bastantes para se pôr termo às medidas de segurança, nenhuns motivos possíveis existem e está-se perante a eventualidade da prisão perpétua ao arbítrio da polícia política.»<sup>91</sup>

As alterações entre a transcrição anotada do original de 28 de Janeiro de 1957 e a posterior versão manuscrita de 11 de Fevereiro que consta do processo judicial centram-se na argumentação final e na sua essência dizem respeito a três questões concretas.

Primeiro, a citação das «razões de Estado» como potencial invocação para a sua continuidade na prisão; depois, a enumeração dos sacrifícios pessoais decorrentes do exílio; e, por fim, a clara identificação do destino desse exílio.

Estas questões foram eliminadas na passagem da transcrição anotada do original para a posterior versão manuscrita de 11 de Fevereiro.

No original, Álvaro Cunhal escreve: «Não ignora o signatário certas repercussões e incidências do seu caso pessoal – que, segundo parece, alguns documentos juntos aos autos ilustram, repercussões e incidências susceptíveis de avolumar “razões de Estado” para prorrogar o seu internamento, onde escasseiam fundamentos legítimos, jurídicos e humanos, para tal prorrogação. Não ignora tão pouco as dificuldades de toda a ordem que à sua vida serão criadas e os complexos obstáculos que o esperam (como a proposta deixa adivinhar)

---

91 «Exposição Pessoal de Álvaro Barreirinhas Cunhal ao Juiz Corregedor do 3.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa», 11 de Fevereiro de 1957, em *Álvaro Cunhal, Livro n.º 43, Cadernos da Prisão*.

caso seja incondicionalmente libertado.»<sup>92</sup> Na versão que consta do processo judicial, Álvaro Cunhal escreve: «Não ignora o signatário as dificuldades de toda a ordem que à sua vida serão criadas e os complexos obstáculos que o esperam quando for libertado. A proposta deixa-o adivinhar», ou seja, *deixa cair* a expressão «razões de Estado».<sup>93</sup>

No que respeita ao tema concreto do exílio legal, nessa mesma versão integrada no processo, Álvaro Cunhal recorda o requerimento enviado para o ministro da Justiça e coloca entre parênteses a frase «liberdade condicional com exílio para o estrangeiro».

Porém, na sua versão inicial de 28 de Janeiro, Álvaro Cunhal tinha escrito mais e com maior detalhe sobre «a possibilidade de exílio forçado para o estrangeiro».

Começa por afirmar que «não o fez [pedido de exílio] sem longa reflexão e sacrifício. O exílio significaria, além do mais, o afastamento da Pátria amada e insubstituível, e dos entes queridos, que estaria necessariamente longos anos sem ver. Só porque estar na prisão é também estar longe da Pátria e dos entes queridos, encarou o signatário tal possibilidade e se decidiu a fazer o referido requerimento.»<sup>94</sup>

O termo *exílio* surge duas vezes no manuscrito inicial e sem quaisquer parênteses, tendo Álvaro Cunhal reduzido depois a sua referência ao estritamente necessário no documento enviado para o processo, ou seja, apenas para contextualizar o anterior pedido dirigido ao Ministro da Justiça.

92 «Exposição pessoal ao Juiz Corregedor do 3.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa», 11 de Fevereiro de 1957, em *Álvaro Cunhal – Obras Escolhidas*, vol. II, 1947-1964 (Edições Avante!, 2008).

93 «Exposição Pessoal de Álvaro Barreirinhas Cunhal ao Juiz Corregedor do 3.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa», 11 de Fevereiro de 1957, em *Álvaro Cunhal*, Livro n.º 43, *Cadernos da Prisão*; ANTT, PIDE-DGS, Processo 14.499, folhas 126-132.

94 *Álvaro Cunhal – Obras Escolhidas*, vol. II, 1947-1964 (Edições Avante!, 2008).

O *exílio* não se trata somente de uma *palavra* ou de uma prerrogativa legal susceptível de ser invocada de forma plena: a sua utilização por Álvaro Cunhal tinha um significado político concreto.

Defendeu sempre, e de forma intransigente, que a *revolução* teria de ser feita *de dentro para fora* e caberia ao PCP *liderar* no interior as massas populares nessa tomada violenta de poder.<sup>95</sup>

O *exílio* poderia assim colocar em causa a *pureza* estratégica e até a estrutura clandestina do PCP, desde os órgãos de direcção ao aparelho técnico e aparelho de propaganda, passando pelo aparelho de fronteira, etc.

O que veio mais tarde a acontecer com a consumação do exílio de Álvaro Cunhal e o início da uma forte dinâmica de constituição de colectivos de exilados comunistas em vários países.

O PCP teve então de criar novas estruturas de direcção e de reformular todo o aparelho clandestino, implicando este processo de adaptação ao *exílio* também consequências na *mentalidade* dos comunistas, isto é, abrindo espaço para a existência de *comunistas no interior* e *comunistas no exterior*.

No limite, a aceitação clara e inequívoca do exílio por Álvaro Cunhal significava assumir a formação de *dois* PCP, ou seja, o *PCP no interior* e o *PCP no exílio*.

---

95 O mundo caminha irresistivelmente para o socialismo e o comunismo. Mas «a revolução não se exporta. É ao proletariado de cada país que cabe a tarefa de realizar a sua própria revolução», em *O Militante*, n.º 106, Setembro de 1960.

## O MÉXICO COMO DESTINO DO EXÍLIO

A terceira diferença entre as duas versões diz respeito ao país de destino de exílio legal invocado por Álvaro Cunhal.

Na versão que consta do processo explica as vantagens da proposta de se exilar no estrangeiro: «A sugestão tem ao menos o mérito de indicar a existência duma possibilidade de solução legal, que não oferece nem os afirmados (embora não exactos) perigos da sua libertação incondicional nem a flagrante injustiça que constituiria a prorrogação do seu internamento numa cadeia.»<sup>96</sup>

Ora, na anterior versão de 28 de Janeiro, Álvaro Cunhal revelara-se bastante mais concreto: «Não fez nem podia fazer até hoje o signatário qualquer diligência no sentido de obter que algum país lhe desse direito de asilo ou o acolhesse como emigrante. Fiado porém na norma de hospitalidade da República do México ousa esperar que esse país lhe não negasse acolhimento e assim precisa melhor o sentido da sugestão feita. Sabe o signatário que a iniciativa da liberdade condicional, e muito menos dos seus termos, de forma alguma lhe cabe. Mas a sua sugestão tem ao menos o mérito de indicar a existência de uma possibilidade de solução (da sua competência e ao alcance do tribunal que julga este processo), que não oferece nem os afirmados (embora não fundamentados) perigos da sua libertação incondicional nem a flagrante injustiça que constituiria a prorrogação do seu internamento numa cadeia.»

A eliminação da referência concreta ao exílio no México entre a redacção de 28 de Janeiro e o documento de 11 de

96 Álvaro Cunhal – *Obras Escolhidas*, vol. II, 1947-1964 (Edições Avante!, 2008).

Fevereiro que consta do processo pode ser explicada com o facto de Álvaro Cunhal ter enviado entretanto um dirigente do PCP a Moscovo para solicitar a colaboração internacional no PCUS na sua concretização.

O que revela também uma certa expectativa de Álvaro Cunhal quanto a um desfecho positivo.

Os termos do pedido de exílio foram apresentados pessoalmente em Moscovo por Pires Jorge.

Chegado à União Soviética no dia 2 de Março de 1957, o dirigente português tinha como missão inicial informar o Comité Central do PCUS sobre o V Congresso do PCP e apresentar antecipadamente os documentos políticos que seriam debatidos.

Após reunir com Pires Jorge, Sergei Vinogradov<sup>97</sup>, vice-director do departamento do Comité Central do PCUS para as relações com partidos comunistas estrangeiros, informou: «O Comité Central do PCP pede aos partidos comunistas fraternos que contribuam para a libertação do 1.º Secretário do CC do PCP Álvaro Cunhal, que desde 1949 está preso em Lisboa. Actualmente, há esperança que o Governo português consinta em libertá-lo sob condição de ele deixar o país. Para tal, os camaradas portugueses precisam receber o consentimento do Governo de um país, de preferência capitalista, de conceder um visto ao camarada Cunhal. É bem provável que o governo do México possa dar tal garantia.»<sup>98</sup>

---

97 Sergei Vinogradov, especialista em relações internacionais, embaixador soviético em França com passagens prévias pela Grã-Bretanha, Turquia (1941-1948) e Egipto (1949-1953). Foi membro do Comité Central do PCUS e da Comissão de Controlo. Cfr. Thomas Gomart, *Double Détente: les relations franco-soviétiques de 1958 à 1964* (Publications de la Sorbonne, 2003).

98 Arquivo Estatal da História Moderna da Rússia, Moscovo, Documentos e Informações do Comité Central do PCUS, Relações com Partidos Comunistas Estrangeiros, fundo nº 5, «Vinogradov I», 7 de Março de 1957 (tradução de Juliana Prytkova).

A resposta a Pires Jorge chegou de imediato: «Dever-se-ia aconselhar o camarada *Gomes* a solicitar a ajuda do México através do Comité Central do Partido Comunista espanhol, o qual tem contactos com os círculos governamentais do México e já os utilizou para libertar camaradas comunistas das cadeias espanholas. Ao mesmo tempo, os camaradas portugueses poderiam pedir ajuda ao Partido Comunista da Checoslováquia, país que tem relações comerciais com Portugal.»

Joaquim Pires Jorge aproveitou ainda esta deslocação a Moscovo para reiterar as solicitações anteriores do Secretariado do Comité Central do PCP: «O camarada *Gomes* propõe de novo organizar visitas de delegações portuguesas à União Soviética, compostas por eminentes homens públicos democratas e intelectuais que, ao regressarem a Portugal, poderão contar a verdade sobre a União Soviética ao público português de modo semi-legal. Essas visitas, além da sua importância ideológica, contribuiriam para o reforço dos contactos do PCP com os intelectuais e os círculos empresariais portugueses.»

O pedido de exílio legal de Álvaro Cunhal acabou por ser inconsequente perante a renovação sucessiva das medidas de segurança propostas pela PIDE junto do tribunal.

Restava tentar uma fuga audaciosa do Forte de Peniche e regressar à ilegalidade, mas necessariamente no *exterior*, tendo em consideração as previsíveis consequências de uma quarta captura.

## A VIDA PARA LÁ DAS MURALHAS

Álvoro Cunhal chegou a Peniche no Verão de 1956 e saltou as muralhas do Forte na noite do dia 3 para 4 de Janeiro de 1960. A monumental fuga de vários dirigentes comunistas humilhou o Estado Novo e abriu um novo capítulo na História de Portugal<sup>99</sup>. «Escapar da prisão é um dos requisitos e uma das tarefas que o partido atribui a todos os camaradas», dirá mais tarde ao *Pravda* com incontido orgulho.

O PCP nunca teria a força que manifestou no processo revolucionário desencadeado pelo golpe do 25 de Abril sem esta evasão colectiva. Um grupo de dez dirigentes comunistas (entre os quais seis membros do comité central e o líder do Partido) conseguiu escapar de uma prisão de alta segurança.

O acto de heroísmo colectivo desferiu um rude golpe na autoridade doméstica do salazarismo e ajudou o PCP a recuperar a vocação revolucionária. O partido vivia numa encruzilhada provocada pelas teorias de Fogaça e Cunhal fervilhava com a impossibilidade operacional de desfazer o *desvio de direita*. «A fuga de Peniche foi a primeira grande acção para o 25 de Abril porque permitiu corrigir esses erros e recentrar o partido na estratégia certa», adverte Joaquim Gomes.<sup>100</sup>

A fuga tornou-se possível devido à conjugação de vários factores.<sup>101</sup>

99 A base deste episódio da fuga pode ser verificada em José Pacheco Pereira, *Álvoro Cunhal – O Prisioneiro*, Temas e Debates, 2005.

100 Entrevistas de Joaquim Gomes ao autor, 2009/2010, Lisboa e Forte de Peniche.

101 Após a 1.ª edição da presente obra, foram publicados novos livros com interesse específico neste tema, por exemplo, Carlos Brito, *Cadeia do Forte de Peniche* (Aletheia Editores, 2016); Pedro Prostes Fonseca, *A Porta para a Liberdade* (Edições matéria-prima, 2014); Jaime Serra, *12 Fugas das Prisões de Salazar* (Edições Avante!, 2012).

O comprometimento de um guarda da GNR que Joaquim Gomes arriscou abordar directamente para colaborar no plano de evasão.

A forte motivação de Cunhal para se libertar de um jugo que ameaçava eternizar-se após a rejeição do seu pedido de exílio no México.

O envolvimento de revolucionários experimentados que protagonizaram fugas anteriores. Casos de Jaime Serra e Francisco Miguel que já tinham escapado do Forte de Peniche. Um especialista em fugas impossíveis e um campeão de evasões das prisões da ditadura. «Nunca me conformei com a ideia de que haja alguma prisão absolutamente invulnerável», deixou escrito Francisco Miguel.<sup>102</sup>

A ideia da fuga estava sempre presente na cabeça de todos os presos políticos e o Estado Novo cometera a imprudência política de juntar na mesma prisão um vasto grupo de altos dirigentes comunistas.

O reagrupamento criava condições para a preparação de um resgate colectivo.

As fugas das prisões durante a ditadura ocorriam com relativa frequência, tendo em conta a arbitrariedade do sistema prisional e a facilidade com que os presos podiam ser condenados e mantidos no cárcere em condições de ilegalidade.

Os preparativos para a grande fuga do Forte de Peniche de 1960 começaram a ser tratados vários meses antes da execução, e com a ajuda dos membros do secretariado no exterior.

Teriam também de garantir os necessários preparativos para viabilizar a operação e assegurar o recuo seguro dos fugitivos para pontos de apoio previamente organizados.

---

102 Miguel (1977).

O sucesso de todo o plano dependia em grande medida da ajuda de um guarda que estivesse regularmente escalado nas rondas próximas das celas. A iniciativa de estabelecer contacto em Peniche partiu de Joaquim Gomes. «Eu sabia que se conseguíssemos arranjar ajuda de dentro, poderíamos fugir da fortaleza.»

No início de cada comissão mensal de serviço, os guardas e os presos eram colocados no mesmo espaço para possibilitar um reconhecimento visual mútuo.

Joaquim Gomes notou que um dos homens tinha «algo diferente» entre os habituais olhares «frios e distantes» dos guardas. Trata-se de José Augusto Jorge Alves. Um soldado que abandonara a taberna que tinha na Guarda para fazer carreira na GNR, tendo sido expulso de vários postos até ser destacado para Peniche. «Apesar da pinga, tinha muito bom coração. Tinha pena dos presos, a quem dava cigarros, e era contra o regime de Salazar. Os comunistas souberam disso e passaram a informação para fora. Começaram a andar em volta dele», conta a mulher, Emília Fernandes.<sup>103</sup>

Jorge Alves desempenhou um papel fundamental na operação do PCP. «A fuga começou a ter viabilidade quando o Joaquim Gomes abordou o guarda infringindo todos os regulamentos. Percebeu-se que não gostava do Salazar e até chegou a dizer que queria matá-lo com a sua espingarda», explica Carlos Costa.<sup>104</sup>

É o dirigente do PCP que se tinha cruzado na sede da PIDE do Porto com Álvaro Cunhal, Militão Ribeiro e Sofia Ferreira, depois do ataque à casa do Luso. «Estive no Aljube antes de ser transferido para o Porto. Fui brutalmente torturado.

---

103 *Expresso*, 16 de Novembro de 1991.

104 Entrevistas de Carlos Costa ao autor, 2009-2010, Lisboa e Forte de Peniche.

Julguei, muito sinceramente, que me matavam de tanta pancada.»

Joaquim Gomes começou por tentar estabelecer alguns diálogos esporádicos com o guarda que identificara visualmente e que permitiram estabelecer lentamente uma relação de alguma confiança. «Às minhas curtas palavras de apresentação, ele correspondeu amistosamente, tendo acabado por manifestar a sua discordância por haver em Portugal presos e perseguidos por motivos políticos, declarando a sua admiração por Álvaro Cunhal e informando ainda de que tinha apoiado a candidatura de Humberto Delgado, razão pela qual se considerava perseguido pelos seus superiores, especialmente no que respeitava à sua promoção.»

A abordagem nestes termos criou de imediato expectativas favoráveis entre os militantes comunistas. Ao que se juntou a sua dependência do álcool e a vulnerabilidade financeira.

Num contacto posterior, o guarda aceitou, ainda que com reservas, a proposta de ser contactado no exterior por alguém do PCP para negociar os termos do envolvimento na fuga.

«Só depois de ter garantido toda a confiança é que nos deu o seu nome e morada.» Jaime Serra achava que o guarda não tinha «nenhum esclarecimento político». O que «eventualmente o podia levar a colaborar nos nossos propósitos era o sentimento de revolta e algum interesse material».

O dinheiro seria de facto decisivo para garantir a sua colaboração. O plano foi apresentado a Jorge Alves como sendo uma operação para retirar meia dúzia de presos. «A ligação no exterior tinha dito cinco ou seis e éramos dez preparados para fugir», explica Joaquim Gomes.

O guarda continuou a hesitar devido às consequências futuras da sua colaboração e Pires Jorge decidiu contactá-lo

no mercado de Peniche para desfazer todas as dúvidas. Garantiu-lhe que poderia fugir com os dirigentes comunistas e refugiar-se no estrangeiro com a sua família e uma elevada quantia de dinheiro.

Jorge Alves aceitou.

A operação devia ter começado com a visita da irmã de Pedro Soares, mas a ligação falhou. Os envolvidos mergulharam numa forte apreensão momentânea quanto à continuidade do plano. «Ficámos algo perturbados com a falta do primeiro sinal», reconhece Jaime Serra.

A decisão de avançar manteve-se, apesar dos elevados riscos provocados pelas falhas no plano: a ausência do primeiro sinal e a impossibilidade de aplicar as contramedidas inicialmente previstas.

Às 16 horas, o actor Rogério Paulo parou o carro no largo da vila. Abriu e fechou o porta-bagagens conforme havia sido combinado. O sinal foi recebido nas celas do lado norte do Forte e a maioria decidiu avançar com a operação.

Os presos começaram a rasgar os seus lençóis para serem usados como cordas para descer as muralhas e entregaram-nos a Francisco Miguel para este dar os respectivos nós. Uma arte em que se tinha especializado como pescador.

Após o jantar, entre as 19h e as 19h30, os presos detiveram-se numa conversa de circunstância com o guarda que os acompanhava de regresso à caserna.

É nesse momento que Guilherme da Costa Carvalho neutraliza o guarda Serradas. «Saltou sobre ele com uma toalha embebida em clorofórmio e gritou “ou te calas ou mato-te já!” para intimidá-lo», recorda Carlos Costa.<sup>105</sup>

---

105 Entrevistas de Carlos Costa ao autor, 2009-2010, Lisboa e Forte de Peniche.

O clorofórmio fora introduzido na prisão pelo outro guarda conivente. «O guarda nem “piou”, tendo sido metido inconscientemente numa das celas que ficou vazia», nota Jaime Serra.

Trata-se da cela de Joaquim Gomes, a mais próxima do refeitório onde tudo se passou. «Atámos os braços e as pernas do guarda e deitámo-lo na cama até que fosse descoberto pela ronda seguinte», acrescenta.

Francisco Martins Rodrigues realça que Cunhal teve o cuidado de providenciar uma peça capaz de evitar que o guarda enrolasse a língua. «Para que nada desse lugar a acusações de violência escusada.» Facto corroborado por Joaquim Gomes e Carlos Costa.

A operação começou a desenrolar-se ao som da *Sexta Sinfonia* de Tchaikovsky.

A *Patética* tocava num gira-discos que os guardas tinham autorizado Humberto Lopes a utilizar na sua cela numa conjuntura de descompressão da disciplina prisional.

Os presos foram de imediato buscar os lençóis às celas, fecharam os que recusaram participar no plano e dirigiram-se para o primeiro ponto de apoio.

«Alguns deles não quiseram fugir porque implicava fugir para o exílio ou viver na clandestinidade», adverte Carlos Costa. O advogado Norberto Lopes e o historiador Borges Coelho, na altura funcionário do PCP, ficaram nas celas.

O grupo dirigiu-se em silêncio para a porta do refeitório onde eram esperados pelo guarda. Jaime Serra liderava as operações, seguido de Álvaro Cunhal.

A fuga avançou para a fase decisiva.

## FUI TRAÍDO! FUI TRAÍDO!

Jorge Alves começou por passar Jaime Serra debaixo do seu capote pelo pequeno pátio que existia à saída do refeitório até ao ponto de apoio seguinte. Seguiu-se Álvaro Cunhal, e os restantes elementos do vasto grupo. Após passar Guilherme da Costa Carvalho, o guarda percebeu que teria de passar o dobro dos presos que o secretariado do PCP tinha dito estarem envolvidos na fuga. «Entrou em pânico e decidiu fugir imediatamente», nota Joaquim Gomes. «Ele surpreendeu-se porque não estava à espera de tantos presos», subscreve Carlos Costa.

Jorge Alves abandonou o plano logo no seu início e os restantes fugitivos tiveram de sair de gatas do refeitório, completamente desprotegidos, e atravessar um pequeno pátio até perto dos restantes elementos.

O nível inferior teve de ser alcançado através de um salto para um pequeno terreno de hortas. Pedro Soares atirou-se para uma árvore, mas feriu-se com alguma gravidade. «Saltou para cima da figueira, mas as pernas partiram-se com o peso dele», recorda Carlos Costa. Ficou fisicamente combalido. O restante grupo foi superando os obstáculos.

Ultrapassada a zona vigiada por três guaritas e chegados ao piso inferior, alcançaram finalmente às grandes muralhas da imponente fortaleza.

Jaime Serra tratou de amarrar numa fresta do torreão a ponta dos lençóis previamente atados por Francisco Miguel. Certificou-se da boa fixação da corda improvisada com puxões fortes e começou a deslizar pelo lado exterior da muralha em segurança. Cunhal seguiu de imediato Serra e alcançou rapidamente o fosso exterior.

Este primeiro grupo foi então surpreendido pela inesperada presença de Jorge Alves, que abandonara os restantes elementos à sua sorte.

O guarda agarrou-se aos lençóis e precipitou-se pela muralha. «Nós queríamos que ele trouxesse a espingarda, mas ele preferiu abandonar a arma. Levar a arma consigo era um crime militar, coisa muito grave. Por fim, desceu também», explica Pires Jorge.

Esta descida intempestiva ameaçava comprometer toda a fuga.

A forma desastrada como Jorge Alves desceu a muralha podia ter provocado um acidente ou inutilizado a corda de lençóis. Além de que as suas botas cardadas a roçar nas paredes provocavam um barulho que podia facilmente ser detectado pelos guardas que efectuavam as rondas.

Os outros presos tinham calçado de borracha para minimizar os inevitáveis ruídos provocados pelo rojar nas muralhas. «Fez uma barulheira enorme», lamenta Joaquim Gomes.

O aparato chamou a atenção do guarda que estava de serviço no posto que dominava visualmente a zona de saída, mas um derradeiro golpe de sorte favoreceu os fugitivos. «Era um cunhado de Jorge Alves e, com total desconhecimento da nossa parte, sabia de tudo. Na prática, este homem colaborou na fuga e, por isso mesmo, foi depois vítima da repressão fascista», recorda Joaquim Gomes. «Estava ao corrente de tudo desde o início. De certeza que nos viu, mas fingiu que nada se passava.»

Os presos que Jorge Alves abandonou à porta do refeitório à sua sorte começaram a chegar sozinhos à muralha e aguardaram pela sua vez de descer. Pedro Soares queixava-se cada vez mais das dores provocadas pela queda sobre a árvore.

A elevada tensão provocada pela fuga desprotegida pelo interior do forte e a comportamento imprudente do guarda aumentaram o nervosismo do grupo. A descida da muralha acabou por provocar um grave acidente.

Guilherme da Costa Carvalho largou a corda de lençóis demasiado cedo, caiu em cima de uma pedra e sofreu um ferimento considerável na cabeça. A queda provocou um grito sonoro. «Ficou ferido com alguma gravidade com aquele tombo violento», invoca Carlos Costa.

Após a descida da muralha, era ainda necessário atravessar o fosso vazio do forte e alcançar o derradeiro muro para o exterior. «Tive de o levar às costas durante essa passagem e ele era bastante maior e mais pesado do que eu!»

Depois de alcançarem o limite exterior do Forte de Peniche, os presos tinham de correr os últimos metros até aos carros que os esperavam.

Jaime Serra e Álvaro Cunhal foram os primeiros a chegar ao *Cadillac* onde se encontrava Pires Jorge e o motorista. «Arranco a toda a velocidade. Curva à direita! Em frente! Abranda agora! Ia-me dizendo o Pires, à maneira dos *co-equipiers*. O carro voava, mas não sei porquê parecia-me mais lento naquela noite...», recorda Rui Perdigão<sup>106</sup>. Recolhera os fugitivos numa estrada perto de Pêro Pinheiro, tendo-os conduzidos para diferentes pontos de fuga.

Carlos Costa atrasou-se ligeiramente a passar o fosso de Peniche para ajudar Guilherme da Costa Carvalho. «Coloquei-o em cima do último muro, saltei para o outro lado e ajudei-o a levantar-se e a correr para o carro.»

A sucessão de incidentes durante uma fuga colectiva desta dimensão, executada num final da tarde de domingo, cha-

---

106 Perdigão (1988).

mou necessariamente a atenção de alguns habitantes da vila. «Não tenho a menor dúvida de que algumas das pessoas nos viram em Peniche por causa de todo aquele aparato», garante Carlos Costa.

Jorge Alves ainda protagonizou um incidente final.

Após saltar o último muro, separou-se do grupo e começou a correr na direcção da vila de Peniche aos gritos. «Fui traído! Fui traído!». Joaquim Gomes correu no seu encalço, mas quando conseguiu aproximar-se percebeu que na direcção contrária se deslocava uma multidão de pessoas que acabara de assistir a um jogo de futebol.

O guarda já perdera o boné e continuava aos gritos. «Quando o apanhei no meio da confusão, comecei a gritar ainda mais alto. Fartei-me de gritar nomes ao árbitro. Foram os meus gritos que acalmaram a situação», afiança Joaquim Gomes.<sup>107</sup>

Agarrou em Jorge Alves e conduziu-o novamente para o último carro.

Foram levados para um ponto de encontro onde eram aguardados por outros funcionários. No cruzamento entre a estrada para Torres Vedras e a localidade de Matacães, tinham à sua espera um motorista com a missão de recolher os fugitivos em segurança e levá-lo para uma casa clandestina em Runa.

Trata-se do pai de Isaura Moreira.

A futura companheira de Cunhal e mãe da sua única filha acompanhava o pai em algumas destas tarefas no exterior para «evitar levantar suspeitas».

---

107 Entrevistas de Joaquim Gomes ao autor, 2009/2010, Lisboa e Forte de Peniche.

## AMOR E PAIXÃO NO REFÚGIO DE SINTRA

Cunhal começou por se refugiar, durante um curto período de tempo com Pires Jorge, em segredo absoluto nos arredores de Lisboa, tendo depois seguido para a casa de José Morais e Castro, na Penha de França. O seu filho, o actor Morais e Castro, seria convidado por Cunhal para ler no XVI Congresso do PCP (Dezembro de 2000) uma intervenção em seu nome por já se encontrar bastante doente. «O Álvaro Cunhal telefonou-me a dizer que gostaria que fosse eu a ler a sua comunicação. Disse-lhe logo que era uma grande honra. Ele conhecia-me desde os meus 20 anos. Era amigo do meu pai e fiquei amigo dele para sempre, tendo por ele uma admiração sem limites.»

O tempo de refúgio em Lisboa na casa de José Morais e Castro teria de ser necessariamente reduzido devido ao elevado grau de perigosidade. O aparelho clandestino procedeu a nova mudança num curto espaço de tempo e em plena caça generalizada aos comunistas movida pela PIDE.

Os pais de Isaura Moreira receberam instruções para abandonarem a casa de Runa e foram instalar um novo ponto de apoio no Penedo para receber o líder do PCP. A serra de Sintra devia servir apenas como mais um ponto de apoio para os preparativos do exílio de Cunhal em Moscovo, mas acabou por se transformar no cenário de uma relação amorosa com Isaura Moreira.

A paixão, ao fim de uma década de prisão, gerou rapidamente a única filha do líder comunista. Conheceram-se em Março e foram pais em Dezembro.

O carisma do chefe supremo estava a solidificar-se quando conheceu esta jovem idealista de 19 anos.

Isaura Moreira era funcionária do PCP desde os 16 anos. Dactilografava documentos e ajudava os pais, operários agrícolas alentejanos, naturais das Ermidas do Sado, a organizar os pontos de apoio juntamente com os irmãos Dorília Moreira e Adelino Moreira. O irmão irá acompanhar Cunhal de muito perto depois do 25 de Abril.

A casa clandestina de Sintra tinha sido baptizada como «Monte Ararat», como referência ao monte turco onde ficou a Arca de Noé após o dilúvio. Deus castigou a perversidade dos homens inundando toda a Terra, mas permitiu apenas a um que se salvasse com a família para reconstruir a humanidade e fundar uma nova linhagem de homens.

A imagem bíblica adaptava-se ao momento transcendente da vida de Cunhal.

Escapara aos algozes da ditadura, encontrara uma mulher por quem se apaixonara e com quem teve uma filha, e dedicava a sua vida à construção de um homem novo.

O homem comunista, solidário e justo.

A casa onde Álvaro Cunhal privou com Isaura Moreira tinha vários quartos para albergar a família da companheira, um pátio onde passava algum tempo a fumar e a aproveitar a «vista fantástica» que permitia ver ao longe o mar na direcção da magnética praia das Maçãs. «O Álvaro sempre gostou muito do mar», recorda Isaura Moreira.<sup>108</sup>

É um comunista de convicções inabaláveis que vive perseguido por uma polícia política que sustenta uma ditadura que tortura e mata. Tem a auréola magnética do líder que fugira do Forte de Peniche depois de prestar provas como revolucionário em Espanha e de visitar a União Soviética.

---

108 Entrevista de Isaura Moreira ao autor, 2009, Lisboa.

Cunhal começou por pedir à jovem Isaura que fosse dactilografando os seus manuscritos, e foram desenvolvendo uma fase de trabalho em crescente proximidade. Apaixonaram-se. Começaram a namorar e pouco tempo depois Isaura Moreira ficou grávida. O líder do PCP continuou a desenvolver o seu trabalho político no refúgio de Sintra. Passava longas horas a escrever e começou a preparar alguns dos documentos que resolveram em definitivo a questão estratégica do PCP resultante da liderança de Júlio de Melo Fogaça.

Este rival de Cunhal, uma rivalidade antiga dos tempos da liderança de Bento Gonçalves, aproveitara esta sua terceira e longa detenção para impôr uma viragem política no PCP no novo quadro internacional da coexistência pacífica. A aprovação da nova estratégia baseada numa solução democrática e pacífica traduziu-se na revogação do levantamento nacional deixado por Cunhal como orientação política para a tomada do PCP. *A Tendência Anarco-Liberal na Organização do Trabalho da Direcção* e *O Desvio de Direita nos Anos 1956-1959* vão arrumar as questões intestinas mais prementes, e já durante o exílio soviético será publicado o *Rumo à Vitória* para Cunhal fechar o ciclo de Fogaça.

Fogaça haveria de ser detido pela PIDE devido a uma denúncia, em 1960. O Tribunal Criminal da Comarca de Lisboa condenou-o pela actividade política continuada desenvolvida no PCP e o Tribunal de Execução de Penas de Lisboa acrescentou uma segunda condenação como «pederasta passivo e habitual na prática de vícios contra a natureza». O líder de origem burguesa que desafiara Cunhal acabou por se tornar num incómodo para o PCP, tendo sido apagado de toda a sua história.<sup>109</sup>

---

109 Cunha (2018).

No refúgio do Penedo, Cunhal dedicava as suas horas às tarefas políticas para retomar o poder no PCP ou em reuniões nos arredores da serra de Sintra. Desfrutava da companhia de Isaura Moreira e só se aventurava a ter alguma «vida social» na vizinhança aos fins-de-semana. «Saía de casa e passeava pelas ruas do Penedo como se fosse uma visita», diz Isaura Moreira.

Os encontros políticos exigiam que estivesse alguns dias fora de casa. Deslocava-se muitas vezes a pé ou de bicicleta, embora nesta altura já tivesse um carro do partido à disposição. «Costumava guardá-lo no quintal das traseiras da casa.»

A PIDE continuava a perseguição. Investia fortemente no desmantelamento do PCP e na captura dos dirigentes que tinham humilhado o regime. O cerco policial forçava a constantes mudanças de casa.

A casa do Penedo acabou por ser abandonada devido aos sinais de uma «queda» iminente. «Uma noite ouvimos uns barulhos no terraço por cima da garagem e com acesso aos quartos. O meu pai acendeu as luzes e viu uns vultos saltarem para o lado de fora. No dia seguinte verificámos que estavam pegadas de duas pessoas marcadas no chão.»<sup>110</sup>

Na dúvida entre serem de agentes da PIDE ou vulgares ladrões, Cunhal, que regressara entretanto de um encontro no exterior, tomou a decisão de abandonarem de imediato a casa.

Mudaram-se para a localidade de Achada, perto de Mafra, mas pouco tempo depois as investidas pendulares da PIDE forçaram novo desmantelamento.

A perspectiva do exílio em Moscovo começava a tornar-se irreversível.

---

110 Entrevista de Isaura Moreira ao autor, 2009, Lisboa.

O primeiro sinal de alerta foi dado pelo próprio líder comunista. «O Álvaro chamou a atenção para uns cantoneiros que estavam a limpar as bermas de uma estrada perto da nossa casa. Um deles pareceu-lhe o agente Gonçalves e pediu-nos que ficássemos atentos.»

Uns dias mais tarde, Isaura Moreira conta ter ido à mercearia com a irmã e identificado um agente da PIDE disfarçado. «Quando nos cruzámos, virei-me para trás e disse à minha irmã que aquela “mulher” tinha pernas e uma maneira de andar que parecia ser um homem.»

No regresso a casa, encontraram alguém a mexer no portão exterior da casa. «A minha mãe apareceu de repente e perguntou-lhe se queria alguma coisa. Ele ficou muito atrapalhado. Disse que estava só a ver a casa e foi embora. A voz era esquisita. Só podia ser um homem.»

Alberto Galrão admite que se tenha tratado de um equívoco. «A casa pertencia à minha mãe, que costumava alugá-la por alguns períodos. Depois do 25 de Abril, viu Álvaro Cunhal na televisão e disse-me que a casa da Achada tinha sido alugada para ele, e contou essa situação.»<sup>111</sup>

Galrão guardou na memória as palavras da sua mãe. Uns anos mais tarde, aproveitando a presença de Cunhal num comércio em Mafra, desafiou-o a visitar a casa onde estivera escondido. «Disse-me que já lá tinha estado o tempo suficiente, ou algo do género.»

Celeste Galrão ter-se-ia deslocado à sua casa da Achada por mera casualidade, tendo surpreendido Álvaro Cunhal e a companheira. Pouco tempo depois, as pessoas que haviam alugado a casa apareceram a devolver-lhe as chaves. Tratar-se-ia muito provavelmente dos pais da companheira de

---

111 Entrevista de Alberto Galrão ao autor, 2018, Ericeira.

Cunhal, que haviam feito o aluguer. «Quando a minha mãe lá voltou, ainda encontrou uns papéis por queimar, que tinham sido esquecidos por essas pessoas», acrescenta Alberto Galvão.

Este episódio reflecte o estado de permanente alerta em que Cunhal se encontrava e o abandono da casa, fossem ou não justificadas as razões, confirma a agilidade do aparelho clandestino para se movimentar rapidamente.

## AS DUAS ALI SOZINHAS NUMA PRAIA DESERTA

Álvaro Cunhal percebeu que a PIDE continuava perigosamente no seu alcance e que poderia ser uma questão de tempo até os agentes avançarem de pistolas em riste. Foi de imediato buscar o carro e mandou Isaura e Dorília preparem-se para fugir. A companheira do líder do PCP completara os seus 20 anos e a irmã tinha 17. Dorília irá depois usar o pseudónimo de *Clara* por desejo de Cunhal em homenagem a Clara Zetkin, activista política defensora dos direitos das mulheres.

Ao fim de poucos meses de refúgio em Mafra, os pais das jovens irmãs voltam a ter de dismantelar uma casa clandestina. Ficaram para trás a queimar documentos do PCP enquanto Cunhal fugia com as jovens para a praia das Maças.

Chegaram já no final da tarde.

Isaura e Dorília receberam instruções para aguardarem que alguém as fosse buscar mais tarde em segurança. «Nunca mais voltei a viver com os meus pais. Fui viver com o Álvaro para Moscovo e depois estive com a minha filha em Bucareste», refere Isaura Moreira.

Algumas horas mais tarde, as duas irmãs foram resgatadas por Octávio Pato. «Quando ele chegou perto de nós, foi um

grande alívio porque estávamos as duas ali sozinhas numa praia deserta e quase de noite.»<sup>112</sup>

Isaura e Dorília foram levadas para a casa de um casal de militantes que vivia na legalidade, no bairro de São Miguel, em Lisboa. Dias mais tarde, foram colocadas em casas separadas.

Dorília regressou para a companhia dos pais e acompanhou-os numa nova casa clandestina na margem sul do Tejo. Isaura seguiu para o Porto para um ponto de apoio do PCP. A companheira de Cunhal, grávida da filha Ana, tinha reservado um destino diferente: acompanhar o líder no exílio na União Soviética.

Isaura Moreira teve de ser levada para a casa dos pais de Morais e Castro, na Penha de França, onde o próprio líder comunista estivera uns meses antes. Um refúgio que serviu por um curto período de tempo.

Seguiu novamente para o Porto e outra vez para a região de Lisboa, desta vez para casa de um casal de funcionários do partido, na Amadora.

Os preparativos da fuga ficaram finalmente concluídos para Cunhal se refugiar na União Soviética com a companheira e a filha. «Tínhamos de evitar que uma vaga de prisões pudesse decapitar o partido», precisa Joaquim Gomes.

Ano e meio depois da fuga do Forte de Peniche, Álvaro Cunhal toma a decisão definitiva de se exilar e chefiar o PCP fora de Portugal.

---

112 Entrevista de Isaura Moreira ao autor, 2009, Lisboa.

---

**«O HOMEM PROCUROU FORA DO MUNDO UM SER SUPERIOR E ENCONTROU UMA PÁLIDA IMAGEM DE SI MESMO. O HOMEM DEU UMA FORMA DE INUMANA HUMANIDADE ÀS FORÇAS NATURAIS QUE O ESMAGAVAM COM O SEU MISTÉRIO. ATIROU ASSIM DEUS PARA O CAMPO DO DESCONHECIDO.»**

---



# III PARTE, O EXÍLIO

## A VIDA NA UNIÃO SOVIÉTICA

Álvaro Cunhal exilou-se na União Soviética mais de ano e meio depois de fugir de Peniche e viveu em permanência na *pátria do socialismo* até Outubro de 1965. É nesta altura que se separa da companheira Isaura Moreira e a envia para a Roménia com a filha Ana Cunhal.

Assegurou uma viragem estratégica no PCP com aprovação do *Rumo à Vitória* no congresso realizado na Ucrânia em 1964 e mudou-se pouco depois para Paris, onde acompanhou de perto a execução do seu plano para a musculada tomada do poder em Portugal.

O PCUS instalou Álvaro Cunhal e a sua família num tranquilo bairro residencial próximo do centro de Moscovo.<sup>113</sup>

O líder do PCP, a companheira e a filha receberam um funcional apartamento T4 situado na Voroby'evskoye Shossé

---

113 Álvaro Cunhal chegara a Moscovo em Setembro de 1961, cfr: «Álvaro Cunhal encontra-se na União Soviética», *Avante!*, n.º 306, Quinzena de Setembro de 1961. No dia 14 de Setembro solicitou autorização ao PCUS para a receber a sua companheira e filha, e no dia 16 foi recebido por Mikhail Suslov e Otto Kuusinen, membros do *Presidium* e do Secretariado do Comité Central, e Boris Ponomariov, membro do Comité Central, cfr. João Madeira, «Álvaro Cunhal e a Via do Levantamento Nacional», *História*, n.º 79, Setembro de 2005.

(Avenida dos Pardais) e puderam adquirir as respectivas mobílias nos armazéns exclusivos para os funcionários do partido.<sup>114</sup>

Cunhal tinha direito a um salário equivalente os membros do *bureau* político do PCUS, podia fazer compras nas lojas exclusivas para a *nomenklatura* soviética e usar um carro oficial quando necessitasse de se deslocar na cidade.

Os prédios do bairro onde viveu com a família foram construídos com linhas arquitectónicas sóbrias e têm menos de uma dezena de andares. São revestidos com tijolos uniformes de tonalidades claras e têm áreas exteriores de lazer para os habitantes desfrutarem em comunidade.

Cunhal brincava frequentemente com a filha Ana no pátio comum aos vários prédios.

Aproveitava os montes de neve retirada dos passeios durante os Invernos para a fazer deslizar com um pequeno trenó ou levava-a para uma pequena ravina junto ao prédio onde viviam, para descer a rampa coberta de neve e gelo.

Tirava-lhe fotografias que ele próprio revelava em casa.

Alguns dos pisos térreos dos prédios estavam ocupados por pequenas lojas de comércio local e tinham um espaço reservado para se realizarem reuniões de carácter comunitário.

O «canto vermelho» servia para os encontros dos habitantes e guardar os materiais utilizados para limpar as folhas das árvores e a neve do pátio. Os comunistas portugueses eram frequentemente chamados a participar no tradicional sábado

---

114 «Sobre o pedido da direcção do PCP: satisfazer o pedido do secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, e encarregar o Comité Executivo do Soviete de Moscovo de pôr à disposição da Direcção de Manutenção do Comité Central do PCUS, na zona de Vorobyovskaya Shossé, no primeiro trimestre de 1965, um apartamento de 4 assoalhadas. Encarregar a Direcção de Manutenção do PCUS de mobiliar o apartamento de A. Cunhal» – extracto do Protocolo n.º 107 da reunião do Secretariado de 7 de Novembro de 1964, cfr. *Visão*, n.º 86, 10 de Novembro de 1994.

de trabalho voluntário, organizado antes das comemorações do 1.º de Maio, para ajudar nas limpezas maiores das áreas comuns após o Inverno. As crianças eram envolvidas nessas acções em ambiente de cordialidade entre os vizinhos.

O núcleo de comunistas portugueses em Moscovo foi crescendo gradualmente após a chegada de Cunhal.

Francisco Miguel ocupou um apartamento T0 cedido pelo PCUS no prédio em frente, e Margarida Tengarrinha e a filha Margarida (Guidinha) ficaram instaladas num T1 no mesmo bloco residencial.

Tornaram-se numa família alargada.

O líder do PCP desenvolvia o seu papel de liderança e a companheira Isaura assumia as incumbências domésticas. Francisco Miguel executava tarefas políticas relacionadas com o PCP e Margarida Tengarrinha ficou encarregada de ajudar na elaboração do *Rumo à Vitória*.

«Evitávamos dizer aos vizinhos que éramos portugueses e tentávamos ser discretos», recorda Margarida Tengarrinha.<sup>115</sup> «Só começaram a reconhecer o Álvaro nas ruas depois de ele ter aparecido na televisão.»

As pessoas do grupo desenvolviam em conjunto as actividades políticas definidas pelo líder comunista, moravam no mesmo bairro e até a vida cultural e social em Moscovo era partilhada.

Cunhal providenciou junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros uma funcionária para ser professora de russo de Isaura Moreira, Margarida Tengarrinha e Francisco Miguel. A adaptação tornou-se progressivamente mais fácil à medida que começaram a dominar a língua para serem autónomos nas actividades quotidianas.

---

115 Entrevistas de Margarida Tengarrinha ao autor, 2009/2010, Portimão e Lisboa.

A Voroby'evskoye Shossé marca o início do parque Vorobevy Gory. Estes Montes Pardal são uma imensa zona de lazer e estendem-se desde as proximidades do bairro onde viveu Cunhal até ao início do célebre Parque Gorky, homenagem a Maximo Gorky, autor da obra literária *A Mãe*.

Uma «referência revolucionária» de Cunhal.

«Gorky foi um homem que, na antiga Rússia, conheceu os trabalhadores, os camponeses, conheceu os desgraçados, conheceu o povo, conheceu militantes comunistas revolucionários. E como alguém dissesse que ele tinha tido a sorte na vida de conhecer tantas pessoas de grande interesse humano, ele respondeu que toda a gente passa na vida por tais pessoas, mas não as vê ou não as quer ver.»<sup>116</sup>

Os longos caminhos densamente arborizados entre as colinas perto da casa de Cunhal e o Parque Gorky podem ser palmilhados tranquilamente ao longo do rio Moscovo. Ainda hoje continuam a ser usados pelos moscovitas para fazerem *jogging*, passearem, andarem de bicicleta e de patins.

Cunhal e Isaura também puderam usufruir deste ambiente de quietude. «Tínhamos uma vida normal. Passeávamos, íamos às compras, aproveitávamos para ir ao teatro, ao *ballet* e ao cinema», recorda a antiga companheira do líder comunista.<sup>117</sup>

«A actividade cultural era especialmente intensa», corrobora Margarida Tengarrinha.

Cunhal e o restante grupo assistia frequentemente a concertos na Sala Tchaikovsky, um edifício monumental na praça com o nome do poeta Maiakovski. Escolhia os espectáculos a que pretendia assistir nos folhetos que Tengarrinha

---

116 Pires (1999).

117 Entrevista de Isaura Moreira ao autor, 2009, Lisboa.

deixava sobre a sua secretária de trabalho. «Quando eu sabia que ele queria assistir a um ou outro em concreto, comprava-lhe logo os bilhetes. Tínhamos uma vida cultural fantástica.» O líder comunista admirava as obras musicais de Mozart e tinha uma especial predilecção pelas 5.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> sinfonias de Beethoven. «Elogiava o facto de a mensagem da liberdade ser integrante do valor estético nestas obras musicais», recorda Tengarrinha.<sup>118</sup>

O líder do PCP tinha um gira-discos em casa, onde costumava ouvir as suas peças preferidas repetidamente, mas teve oportunidade de assistir em Moscovo à reprodução de ambas as sinfonias de Beethoven na Sala Tchaikovsky. «Adorava estas obras e foi um privilégio assistir a ambos espectáculos.»

Entre as várias peças de música clássica que guardava em casa, Cunhal gostava também da *Sinfonia de Leninegrado*, dedicada por Shostakovitch às vítimas do cerco da Alemanha Nazi, em 1942. Esta sinfonia inaugura o período das «obras patrióticas», tendo sido seguida pelas peças musicais *Estalinegrado* e *Domingo Sangrento*.

O líder comunista teve ainda oportunidade de assistir na Sala Tchaikovsky ao segundo concerto para piano e orquestra de Sergei Vasilievitch Rachmaninov. Um compositor próximo do seu ídolo de juventude, Tchaikovsky, a quem Cunhal reconhecia uma força artística especial.

As óperas e os espectáculos de *ballet* no lendário Teatro Bolshoi tinham acesso mais difícil, devido à intensa procura. Cunhal usava esporadicamente os seus privilégios na *nomenklatura* soviética e pedia para serem reservados bilhetes para si e para o restante grupo de comunistas portugueses.

---

118 Entrevistas de Margarida Tengarrinha ao autor, 2009/2010, Portimão e Lisboa.

Manifestou uma especial admiração pela ópera *Boris Godunov*, estreada no século XIX em São Petersburgo, e cujo prólogo tem como cenário o convento de Novodevitch, perto da casa de Cunhal e onde está sepultado um importante dirigente do PCP do período moscovita.

Cunhal considerava a obra de Modest Mussorgsky de uma grande intensidade e apreciava em particular o diálogo entre o mendigo e o próprio Boris Godunov, que vivia determinado em eliminar a dinastia Romanov. «O Czar pede-lhe que reze por si, mas ele recusa e a recusa dele simboliza a recusa de todo o povo russo contra a miséria e a opressão de que estavam a ser vítimas», invoca Margarida Tengarrinha para citar Cunhal.

Esta intensa vida cultural de Moscovo estava ao dispor dos altos quadros partidários e tornava-se relativamente fácil conhecer figuras como os cosmonautas Yuri Gagarine e Valentina Tereshkova. O que aconteceu com Isaura Moreira enquanto companheira do líder comunista português.

Cunhal tentou aproveitar este novo mundo depois de décadas enclausurado em Portugal e aprofundou o seu pensamento cultural. O que haveria mais tarde de justificar a publicação de uma obra profunda dedicada à estética e à arte.

Aurélio Santos também privou com Cunhal nesta fase.

O PCP enviara-o para fazer um curso de especialização em Moscovo antes de assumir a direcção da Rádio Portugal Livre, em Bucareste. «Tínhamos uma vida dentro de alguma normalidade. Visitámos várias repúblicas soviéticas, passávamos férias na praia, havia uma intensa vida cultural, é verdade, e até cheguei a participar em caçadas», recorda.<sup>119</sup>

---

119 Entrevista de Aurélio Santos ao autor, 2009, Lisboa.

O líder do PCP usufruía deste cosmopolitismo de Moscovo e dos afectos quotidianos da companheira e da filha. O que lhe permitiu reconstruir o ambiente familiar perdido desde que se afastara da mãe para se dedicar à luta política clandestina.

Depois de longas temporadas nas prisões e de torturas físicas e psicológicas, Cunhal podia agora viver com a companheira e a filha, gozar férias nas estâncias balneares do Mar Negro e visitar países estrangeiros.

Deslocava-se com alguma frequência à Roménia, à Checoslováquia e a Paris para contactar com os funcionários do PCP. Este exílio soviético foi um período marcadamente afectivo.

## **UM PAI GALINHA COM TEMPO PARA TUDO**

**Á**lvares Cunhal e Isaura Moreira apaixonaram--se pouco tempo depois de começarem a trabalhar juntos e nesse mesmo ano tiveram uma filha.

A única da vida do líder do PCP.

Ana Cunhal nasceu em Dezembro de 1960 numa clínica em Lisboa, na Alameda D. Afonso Henriques, perto do antigo cinema Império. O parto foi realizado por um médico comunista que exercia a sua actividade profissional na legalidade. Aceitou o pedido de Cunhal para receber Isaura em sua casa e realizou o parto na clínica onde trabalhava.

Poucos dias após o nascimento, Isaura foi para casa do médico para um breve período de recobro. É nessa altura que Cunhal vê a filha pela primeira vez. A relação entre Cunhal e Isaura terminaria cinco anos mais tarde quando viviam em Moscovo.

O líder comunista tentou proteger a filha da inevitável perturbação provocada pela ruptura emocional e pela conseqüente separação física do casal, mas a relação com Isaura Moreira evoluiu para uma amizade que se manteve até ao fim.

Cunhal entregou-se à educação da filha como um «pai galinha». Tentou estar presente quase diariamente em Moscovo na educação de Ana e, mais tarde, efectuou frequentes visitas a Bucareste para manter o contacto familiar.

A antiga companheira admite que Cunhal até preferisse ter um filho homem, mas elogia sem reservas a sua dedicação à filha.

«Deu--lhe sempre muita atenção», garante Isaura Moreira.<sup>120</sup>

«Fazia tudo para que ela fosse feliz.»

O exílio na União Soviética tinha aberto um novo ciclo na vida de Álvaro Cunhal. Desaparecera o jovem voluntarista que se emancipara da tutela maternal e participara na Guerra Civil de Espanha separando-se da família. A tomada de poder nos anos 40 dera lugar a um líder moldado pela dureza da clandestinidade e cimentado por um doloroso regime penitenciário que se prolongara por mais de uma década.

Aos 48 anos, este exílio inevitável permite aproveitar todas as vivências da *pátria socialista*.

Torna-se pai e chefe de família, mas por um breve período de tempo. Cunhal continua a ser um revolucionário leninista e preserva as dificuldades que o acompanharam ao longo da vida para acertar o passo com a herança estalinista.

Portugal continua amordaçado pela ditadura e o mundo submete-se à tensão entre os blocos norte-americano e so-

---

120 Entrevista de Isaura Moreira ao autor, 2009, Lisboa.

viético, mas os dias de Cunhal no Leste são de liberdade, e irá conseguir assumir quase na plenitude a relação com a filha.

Quando estava quase a completar cinco anos, Ana teve de ir viver com a mãe para Bucareste devido à separação dos pais.

Nos anos passados em Moscovo, Cunhal gostava particularmente das brincadeiras com Anita e Guidinha, isto é, a sua filha e a filha de Margarida Tengarrinha e do combatente José Dias Coelho, assassinado pelo PIDE. A infância partilhada entre as duas meninas começa em Moscovo, continuará em Bucareste e manteve-se nos anos seguintes. «Sempre foram muito amigas», corroboram em unísono as mães, Isaura Moreira e Margarida Tengarrinha.

Ana e Margarida brincavam frequentemente com Cunhal no pátio exterior dos prédios da Voroby'evskoye Shossé. Os montes de neve que se acumulavam no pátio comum constituíam um tentador cenário para as brincadeiras com os pequenos trenós. Esta área de lazer continua a existir nos dias de hoje e o bairro mantém as mesmas características comunitárias.

As ruas estreitas que ligam os blocos de apartamentos são frequentemente limpas das folhas das árvores e da neve, o pátio comum tem bancos de jardim e equipamentos sociais para as crianças e só os carros ali estacionados variam entre os orgulhosos *Lada* soviéticos e os últimos modelos de carros ocidentais.

Os habitantes deste bairro moscovita ainda recorrem às pequenas bancas de venda para comprarem fruta e legumes e aos velhos quiosques de jornais e de bebidas, mas onde já triunfam as garrafas de *Coca-Cola*. A dinâmica social deste microcosmo manteve-se ao longo das décadas.

Os Invernos em Moscovo eram especialmente apreciados por Cunhal. Os moscovitas usavam as ruas geladas que ligam os Montes Pardal ao Parque Gorky para andar de patins e Isaura Moreira aproveitava essas alturas para levar a filha a deslizar pelo gelo com dois pequenos esquis. «Eram os nossos desportos de Inverno», conta.

Cunhal acompanhava com frequência a companheira e a filha e gostava de tirar fotografias a preto e branco que ele próprio revelava em casa. «Tínhamos uma das casas de banho transformada num pequeno estúdio de revelação», conta Isaura Moreira.<sup>121</sup>

Cunhal também gostava de aproveitar os cinematográficos nevões moscovitas para levar a companheira e a filha a verem saltos de esqui nas rampas colocadas nos montes mais íngremes diante da Universidade Lomonosov. Uma zona com uma vista privilegiada para o outro lado do rio, onde está o Estádio Lujniki, inaugurado uns anos antes do início do exílio, no Verão de 1956. Este estádio seria exactamente cinquenta anos mais tarde o palco do primeiro jogo de futebol com relva artificial da Liga dos Campeões, curiosamente entre a equipa moscovita do Spartak de Moscovo e o Sporting.

O cimo da colina dos Montes Pardal, entre o início da avenida que liga a universidade e a igreja da Trindade, proporciona uma vista privilegiada sobre Moscovo. É um local muito usado pelos moscovitas para fazerem saltos de esqui. Actualmente existem duas pistas em funcionamento, tendo a mais longa características olímpicas. «O Álvaro gostava de levar a filha àquele sítio para verem os saltos», recorda Isaura Moreira. «Era uma zona muito procurada pelas pessoas para

---

121 Entrevista de Isaura Moreira ao autor, 2009, Lisboa.

se divertirem na neve.» Cunhal gostava de passear por estas colinas e percorrer o Parque Vorobevy Gory por entre as robustas árvores que se erguem ao longo do rio e que mudam de cores com intensa exuberância nas diferentes estações.

Ana Cunhal teve problemas de saúde neste período da sua infância em Moscovo.

Cunhal e Isaura tinham dificuldades para a alimentar e chegaram a ver-se forçados a interná-la num hospital de Moscovo. O pai insistia para que comesse e tentava distraí-la com pequenas brincadeiras e jogos. «A nossa filha alimentava-se muito mal e ele fazia desenhos para a distrair e aproveitava para lhe colocar a comida na boca», recorda Isaura.<sup>122</sup>

Ana chega a passar alguns dias recusando as duas principais refeições. O pai tentava tudo para a convencer a alimentar-se. «Era muito paciente e dedicado.»

Nesta primeira fase do exílio com o seu núcleo familiar, Cunhal deixa de ser apenas o líder de um partido revolucionário e clandestino para se assumir como pai e companheiro.

É a primeira vez que tal sucede na sua vida de revolucionário. Ajudava a limpar as fraldas de pano e cozinhava com alguma frequência. «Fazia lindamente mioleira com ovos mexidos e convidava-me para ir lá a casa almoçar com eles», refere Margarida Tengarrinha. «O Álvaro trabalhava muito e ajudava nas tarefas de casa para se libertar dessa intensa actividade intelectual», continua Isaura.

A sala de jantar foi transformada em escritório de trabalho. Sobravam dois quartos, uma sala de estar, duas casas de banho, uma delas transformada num pequeno estúdio de revelação de fotografias, e a cozinha, onde Cunhal dedicava esporadicamente algum do seu tempo. «Ele cozinhava bem e

---

122 Entrevista de Isaura Moreira ao autor, 2009, Lisboa.

chegou a ensinar-me a fazer algumas coisas», detalha Isaura Moreira. Doces e algumas sopas, por exemplo.

Cunhal tomava também a iniciativa de ajudar a companheira na gestão doméstica da casa e fazia compras na loja de laticínios perto de casa. Comprava leite para a companheira e para a filha, e *kefir* para si. Uma espécie de iogurte típico do Cáucaso, mas com um processo de fermentação diferente e de maior facilidade digestiva por ser processado por um elevado número de microrganismos. O *kefir* ajudava Cunhal a minimizar os delicados problemas digestivos que levava das prisões portuguesas e a superar a intolerância à lactose, eliminando os microrganismos patogénicos na flora intestinal.

Isaura Moreira viveu exilada treze anos entre a temporada que esteve em Moscovo com Cunhal e o período de Bucareste.

Aprendeu a falar russo, ajudou o companheiro a organizar algumas das tarefas políticas e dactilografou o romance *Até Amanhã, Camaradas* a partir dos manuscritos que escaparam à fuga de Peniche. «Havia tempo para fazer tudo! Para escrever, para desenhar – até a conversar estava sempre a fazê-lo –, para ir a encontros, para ter reuniões, para passear, para estar com a filha...»

Aos três anos, Ana Cunhal começou a frequentar um dos jardins-de-infância de Moscovo aberto aos familiares dos dirigentes partidários. «Ela gostava muito e no fim-de-semana perguntava constantemente quando é que ia para a escola outra vez», refere Isaura Moreira.

Frequentava a creche durante os dias úteis e passava os fins-de-semana com os pais em casa. Cunhal tentou ser um pai presente. «Quando ela era pequenita, houve uma altu-

ra em que lhe podia oferecer brinquedos. Oferecia-lhe por exemplo umas bonecas, mas a boneca de que ela gostava mais era uma mais velhinha, que já estava até esfarrapada e eu levava uma mais bonita e ela não ligava grande coisa», confessa Cunhal, para logo concluir: «Creio que abundância de brinquedos pode estragar a criatividade de uma criança.»<sup>123</sup>

Em 1965, a relação conjugal entre Cunhal e Isaura termina definitivamente. «Separámo-nos e ficámos amigos», sintetiza Isaura Moreira.<sup>124</sup> Partiu com a filha para a Roménia para assumir um lugar na Rádio Portugal Livre a pedido de Cunhal.

Isaura só voltou a Portugal em Outubro de 1974.

## O PASSADO NUNCA FICA LÁ ATRÁS

Álvares Cunhal caminhava para os 90 anos quando publicou o seu sexto livro de ficção literária como Manuel Tiago. *Um Risco na Areia* tem como face visível o desenvolvimento da actividade política de um centro de trabalho do PCP desde os dias que antecederam o 28 de Setembro até à queda de Spínola, mas oculta uma outra dimensão.<sup>125</sup>

O romance tem subtilmente impressos caracteres da vida familiar de Cunhal num período delicado de transição entre o mundo da clandestinidade no estrangeiro e a vida quotidiana num Portugal efervescente.

É um livro de reencontros publicado na fase final da vida.

A realidade paralela do romance reflecte a angústia permanente de um pai que teve de se separar da filha antes do 25 de

---

123 Pires (1999).

124 Entrevista de Isaura Moreira ao autor, 2009, Lisboa.

125 Tiago (2000).

Abril devido ao envolvimento na luta do PCP. A expectativa desse reencontro após a queda da ditadura deu lugar no imediato à rejeição e à frustração.

A filha começou a faltar às aulas no liceu e envolveu-se com um grupo de jovens que a avó materna classifica como marginais. É com um deles que foge de casa para o Algarve. Um jovem que o pai identifica depois como toxicod dependente quando parte à sua procura para a resgatar e fazê-la regressar a casa sem sucesso.

A hostilidade e a frieza desse momento agravam o sentimento quase de dissolução interior do pai.

Na vida real, Cunhal também lamentava a dependência dos jovens e revelava conhecer «muitos casos de toxicod dependentes, e de perto». «Sei a evolução dos próprios e a amargura tremenda que se projecta para fora, para um pai, para uma mãe, para os irmãos. São verdadeiras tragédias familiares.»<sup>126</sup>

O romance assume como narrativa visível os dias que antecedem o 28 de Setembro e as consequentes barragens erigidas pelo PCP e pelas massas populares, mas a verdadeira história do livro trata deste homem comunista e da reconquista do amor da sua filha.

O reencontro final ocorre na praia do Guincho.

Assistem juntos ao pôr-do-sol nas horas imediatas à grande vitória do povo nas ruas contra o avanço spinolista.

A glória política fica envolvida na harmonia entre pai e filha.

A praia que na vida real também tinha uma enorme relevância para Cunhal por ser «uma das coisas mais deliciosas que há natureza»<sup>127</sup>.

---

126 Pires (1999).

127 *Idem*.

O comunista «Gabriel» começa por aparecer no 25 de Abril saído da clandestinidade e de um longo período de prisão. Trata-se da única personagem que actua no espaço íntimo da família. Desde logo para Cunhal referir a incompreensão de alguns parentes em relação ao seu mergulho na política. Uma decisão que deixa em aberto a hipótese de também a filha o ter rejeitado na sequência da prolongada separação.

Vive na expectativa do reencontro e teme que a filha se recuse a aceitá-lo e a amá-lo.

«Gabriel» tinha sido preso e «Rita» fora por isso entregue à avó materna. Cunhal envolve a mãe da companheira do protagonista no livro para dar conta dos prejuízos sentidos pelas famílias quando os revolucionários mergulhavam na clandestinidade. «Acusava-o de, com a actividade política, não ter ajudado a mulher, que acabara por morrer pouco depois de Rita ter nascido.»

Esperava agora com ansiedade reencontrar a filha após a queda da ditadura.

Chegou a Portugal logo após o golpe e sentiu-se profundamente emocionado quando viu o país liberto ao fim de quarenta anos de ditadura que tinha sido derrubada com a ajuda de homens que, tal como ele, tinham dado a vida ao combate. «Não esperava o que estava vendo nas ruas plenas de gente em manifestação constante, bandeiras com foice e martelo desfraldadas, milhares de varandas e janelas engalanadas, palavras de ordem inscritas por todo o lado, o povo senhor das ruas. O povo com o partido.»

Ana Cunhal viveu na Roménia com a mãe após a separação dos pais e só reencontrou Cunhal em liberdade com o vitorioso golpe de 1974. Em Julho, Cunhal deslocou-se ao aeroporto de Lisboa para a receber, juntamente com os filhos

de outros funcionários do PCP que tinham vivido na União Soviética.

A reportagem do *Diário de Notícias* dá conta das «lágrimas, choros e cravos vermelhos» que marcaram a chegada de onze jovens entre os 11 e os 19 anos de idade<sup>128</sup>. «No meio da maior emoção, abraços prolongados tentavam encurtar longas e penosas saudades. Para os jovens que chegavam e para os familiares que os aguardavam, todo o passado ficara para trás.»

Entre as crianças e adolescentes anónimos que chegaram a Lisboa estava Ana Cunhal.

A notícia da sua presença no grupo manteve-se guardada entre um núcleo muito restrito de pessoas. Cunhal tinha solicitado a Mário Soares, na qualidade de ministro dos Negócios Estrangeiros, que facilitasse o desembarque das crianças dispensando os formalismos alfandegários, mas omitiu a presença da filha.

Almeida Santos ouviu uma posterior conversa no Conselho de Ministros sobre esse silêncio e interpelou directamente o líder comunista. Cunhal respondeu que se tratava da sua vida pessoal e que não a pretendia misturar com a dimensão do seu cargo político. Preferiu a discrição e receber o grupo mantendo a filha resguardada da exposição mediática num momento que era apenas seu e de Ana.

Também «Gabriel» se emocionou profundamente na expectativa de rever a filha para matar a «sede das sedes afectivas». «Era a vontade de correr para ver, abraçar e beijar a filha querida, que não via há muitos anos e de quem nada sabia.»

---

128 *Diário de Notícias*, 25 de Julho de 1974.

As fotografias da chegada dos «filhos da clandestinidade» à Portela captaram um abraço de Cunhal a uma menina loura. Os sorrisos afectuosos denunciam a cumplicidade de um pai afectuoso, mas a ternura passou despercebida no meio da emoção colectiva.

Cunhal conteve a manifestação exterior dos seus sentimentos no reencontro com a Ana. Só anos mais tarde, Isaura Moreira reconheceu a filha na Portela abraçada ao pai.

«Gabriel» descreve a filha como uma criança «linda, linda. Linda e loura como a falecida mãe.»

## OS FILHOS DA CLANDESTINIDADE

Rita» começou por reagir com reserva às primeiras tentativas de contacto do pai e retraiu-se perante os seus esforços para conversarem. Deixou-se ficar parada, imóvel e em silêncio, recusando responder às perguntas de «Gabriel», como se não o conhecesse. O pai ficou agitado e sem saber o que fazer. «Por um lado, o deslumbramento de estar com a filha e o amor profundo que sentia por ela. Por outro, aqueles terríveis momentos, aquela não apenas indiferença, mas frieza, quase hostilidade.»

A angústia toma conta do dirigente comunista.

Sente-se dividido entre as tarefas políticas que tem pela frente com a queda da ditadura e a construção da sociedade socialista pela qual lutou durante décadas, e a urgência de reconquistar a filha.

Hesita entre lançar-se loucamente à luta com o partido e os seus camaradas ou recuperar o amor da filha. «Pelo caminho não surpreendeu as lágrimas correndo pelo rosto. Nem o surpreendia que tendo, vida fora, passado sempre sereno e

seguro muitos duros momentos, se sentisse então desalentado e sem vontade de viver.»

A angústia aproxima-se deste limite.

O revolucionário que aguentou todos os sacrifícios da clandestinidade fica à beira da queda devido ao profundo desgosto causado pela rejeição da filha. Deixa-se tomar por sentimentos de profunda tristeza em pleno processo revolucionário, mas não é o único comunista saído da clandestinidade a sentir esta dissolução interior. «Gabriel saberia mais tarde que situação semelhante ocorrera com outras crianças, filhas e filhos de militantes presos, e por este facto muitos anos afastadas dos pais e acolhidas e criadas por amigos.»

O exílio dos filhos dos revolucionários na União Soviética durante a ditadura tinha sido a única alternativa a entregá-los aos familiares mais próximos.

A *Internatzionalny Dom* (Interdom) surgiu na cidade de Ivanovo em 1933, por iniciativa do Socorro Vermelho Internacional, para receber os filhos dos revolucionários da Guerra Civil de Espanha, mas ao longo das décadas seguintes tornou-se na *pátria* para milhares de crianças que foram chegando de todo o mundo comunista.<sup>129</sup>

Entre 1963 e 1972, beneficiando dos contactos de Álvaro Cunhal em Moscovo, também o PCP colocou mais de uma dezena de crianças nesta escola internacionalista.

Tratavam-se dos filhos dos dirigentes clandestinos do PCP que tinham na altura entre os cinco e os dez anos, sendo excepção o caso de Maria Armada Serra, uma adolescente de 18 anos, enviada precisamente para acompanhar os mais novos e exercer algumas funções de docência que estimulassem os laços das crianças com a realidade portuguesa.

---

129 Adelino Cunha, *Os Filhos da Clandestinidade*, Esfera dos Livros, 2016.

Este exílio forçado decorria da necessidade de *defender* o PCP.

A presença dos filhos dos funcionários nas casas ilegais comprometia a segurança do trabalho político, na medida em que as crianças constituam por si próprias uma *ameaça* à rede de mentiras criadas com os *mergulhos* na clandestinidade.

Esta forma de exílio gerou entre estas crianças uma identidade colectiva baseada nos vínculos pessoais, nos ideais políticos, no discurso tendencialmente uniformizador sobre a experiência concreta e na identificação construída sobre essas representações do passado.

## SER LIVRE PARA COMETER ERROS

**T**ambém Álvaro Cunhal descreve a agonia de «Gabriel» para reconquistar o amor da filha. O seu desespero perante um súbito desaparecimento da filha. Passava dois ou três dias em aventuras com os jovens do bairro, fazia fogueiras nas praias e, suja e desarranjada, voltava depois para casa. «Desta vez havia oito dias que desaparecera e nada sabia dela.»

O pai é surpreendido pela notícia tardiamente porque passava todo o tempo envolvido em reuniões do PCP e sem prestar a devida atenção à filha. A mãe da antiga companheira recriminou o comportamento e lamentou o envolvimento da filha com as «más companhias» na escola e as faltas sistemáticas às aulas. «Só queria andar vestida de calças de ganga com remendos e rasgões descendo até umas vistosas botas brancas de desporto.»

«Gabriel» parte em busca de «Rita».

Começa por perguntar pela filha junto dos amigos no bairro, e anda depois de porta em porta até localizar um jovem

que o leva até a Feira da Ladra à procura de mais informações. Descobrem que «Rita» fugira para o Algarve. «Gabriel» pede um carro emprestado a um camarada do partido para ir à sua procura.

«Pelo partido fora sempre capaz de dar a vida, também era capaz de a dar pelo futuro da filha. Não a podia abandonar numa hora de perigo. Não a abandonaria. Tinha de procurá-la.»

Parte para o Algarve na companhia de «Janeto».

O jovem tem os olhos estranhos, como se estivessem cobertos de verniz. «Droga, certamente.» Fixa esse olhar brilhante de «drogado» enquanto sente a ansiedade aumentar na busca pela filha.

«Encontraram-na numa rua central de uma cidade próxima, a vender artesanato exposto no chão. Rita pintava uma pequena pedra. Sentado junto a ela, um jovem de rosto inexpressivo e indiferente acariciava um cão.» A filha mal cumprimentou o pai neste ambiente de indolência. Dirigiram-se depois para um local isolado, deserto e triste. Pede-lhe que regresse a casa, mas ela reage irritada e conflituosa.

«Sabe-se lá se de insatisfação consigo própria.»

Insiste por três vezes e por três vezes a filha recusa regressar.

«Eu fico! Já te disse que fico.»

Fixa o rosto da filha naquele local desolador, onde começava a cair uma cacimba rala, leve e silenciosa.

«Fino, belo, infantil, e entretanto contraído numa definitiva determinação.»

A filha mantém-se irredutível na sua rejeição. Levanta-se, beija-a e deixa-lhe algum dinheiro. Pede-lhe que dê notícias e despede-se com o peito abafado de angústia e tristeza.

«Talvez ele próprio não avaliasse que a profundidade da inquietação pela sorte e futuro dos entes queridos é uma medida exacta do amor que se lhes tem.»

Volta a Lisboa trazendo no carro um dos jovens que lhe pedira para voltar a casa. Fazia por ele o que não tinha conseguido fazer pela filha. Levá-la em segurança para casa.

«Rita» há-de regressar mais tarde na companhia de «Janeto».

«Eu era capaz de ir acampar para o Algarve sem dar satisfações a ninguém», revelou Ana Cunhal numa rara entrevista, no âmbito dos cinco anos após a morte do pai.<sup>130</sup>

«Queria ser livre de cometer erros na minha vida como qualquer outra pessoa, sem ter de passar por um “juízo público”. E consegui.»

Ana Cunhal recusou ser a filha modelo sucessora do líder comunista modelo. Queria ser ela própria num país vocacionado para dissolver as individualidades em ícones dinásticos.

«Os que queriam fazer de mim um exemplo acabaram por desistir.»

## É BOM ESTAR AQUI CONTIGO, FILHA

**A**na Cunhal tinha 14 anos quando regressou a Portugal, de onde tinha saído como uma bebé clandestina. Recomeçou os estudos no Liceu Camões e tentou integrar-se numa turma frequentada por outras crianças e adolescentes vindos da União Soviética e dos outros países do Leste Europeu.

As dificuldades de adaptação e o «peso» da filiação paternal levaram-na mais tarde a abandonar Portugal e a estabelecer-

130 *Sábado*, 2 de Junho de 2010.

-se no estrangeiro. «Os outros alunos tinham ouvido dizer que eu era filha de Álvaro Cunhal mas, como não tinham a certeza, não hesitavam em vir perguntar-me. Todos os dias, várias vezes por dia. A obsessão era tal que eu mentia-lhes só para me deixarem em paz. Detestava ser um ponto de curiosidade só por ter um pai conhecido.»<sup>131</sup>

Os reencontros das mães e dos pais comunistas com os filhos resultaram em vários casos em processos difíceis de adaptação.

Surgiram problemas de integração social por dificuldades linguísticas e de ausência de estruturas familiares solidificadas para dar resposta a um país em transe. Surgiram naturalmente delicados problemas de relacionamento entre pais e filhos.

Ana Cunhal enfrentou dificuldades acrescidas por ser filha de Álvaro Cunhal, e os estudos do Liceu Camões ficaram marcados por adversidades.

«A euforia colectiva incomodava-me ao ponto de eu faltar às aulas.»

Ana mudou--se depois para uma escola na Damaia, mas teve dificuldades para se adaptar à vida em Portugal depois da infância na União Soviética e da pré-adolescência na Roménia.

A pressão social causada pela filiação com o líder comunista e os novos métodos de ensino tornaram-se obstáculos. Abandonou rapidamente a militância na União de Estudantes Comunistas devido a um «sermão» ensaiado pela líder da estrutura exigindo-se responsabilidades acrescidas como filha de Cunhal.

O golpe foi fatal e virou as costas à política, para sempre indignada com o «fanatismo».

---

131 *Sábado*, 2 de Junho de 2010.

O risco na areia que Álvaro Cunhal utiliza como título do romance foi desenhado no chão pelo jovem que acompanhou «Gabriel» desde o Algarve. O jovem que simbolicamente substitui a filha na viagem de regresso a casa. É esse jovem que aparece nas barragens de Lisboa contra o avanço dos spinolistas.

O regresso de Cunhal a Portugal ficou marcado nos primeiros anos por fortes reservas à exposição da sua vida íntima. Manifestou por diversas vezes um certo incómodo com a severidade de algumas medidas impostas pelo aparelho partidário, mas respeitava com a mesma disciplina que exigia aos outros.

A ocultação da residência era uma questão de segurança revolucionária que ainda remetia para o universo da clandestinidade. «Eu própria não sabia onde é que ele vivia quando chegou do exílio», confessa a irmã.<sup>132</sup>

A casa de Eugénia Cunhal em Lisboa serviu durante vários anos como morada oficial do irmão para efeitos legais e Cunhal votou durante vários anos no Liceu Camões, situado perto da casa da irmã.

O período de neblina ficou marcado pela atribuição de várias residências fictícias, entre as quais o palácio da Quinta de São Sebastião, no Paço do Lumiar, ocupado pelo PCP em 1975, formalmente comprado em 1981 e vendido em 1999.<sup>133</sup>

A ausência de informação determinada pelas regras conspirativas do partido favorecia boatos que se tornavam arma de arremesso político. A quinta oitocentista funcionou apenas como centro de formação de quadros do PCP e depósito para os arquivos do partido. A piscina era usada por vezes

---

132 Entrevistas de Eugénia Cunhal ao autor, 2010, Lisboa.

133 *Expresso*, 1 de Abril de 2000.

pelos jovens revolucionários na ausência de «vigilância superior».

Durante um período considerável, Cunhal viveu numa casa situada em Rio de Mouro, meio caminho entre Lisboa, onde exercia funções de ministro sem pasta do I Governo Provisório e de líder do PCP, e a serra de Sintra, onde viveu e trabalhou durante a clandestinidade em várias fases.

A casa estava decorada de forma sóbria e com pormenores da sua vida pessoal.

Cunhal pendurou nas paredes quadros pintados pelo pai e vários desenhos da filha e colocou fotografias dos familiares, algumas delas tiradas e reveladas por si próprio a preto e branco. Tal como durante o exílio em Moscovo, reservou uma parte da casa para funcionar como laboratório fotográfico e ensinou a Ana Cunhal algumas das técnicas que desenvolveu ao longo dos anos.

Ana Cunhal começou a passar com frequência fins-de-semana com o pai na sua casa em Rio de Mouro.

Quando Cunhal podia «andar à solta», começavam por se encontrar na sede do PCP e partiam juntos para passearem na praia do Guincho ou na praia das Maças. «Gostávamos sobretudo de passear. Ele tinha pouca oportunidade de andar “à solta”. Por isso aproveitávamos todas as ocasiões. Ele guiava o próprio carro.»<sup>134</sup>

Foi nesta praia de Sintra que Cunhal deixou em 1960 a companheira grávida da filha e a sua irmã à espera que Octávio Pato as levasse para um ponto de apoio seguro. Tinham acabado de fugir à PIDE e preparavam-se para iniciar o exílio familiar na União Soviética.

---

134 Declarações de Ana Cunhal ao autor, 2010.

Ana guarda as memórias dos passeios com o pai nessa mesma praia depois do 25 de Abril. «Não conhecia essa história. Mas penso que a escolha da praia teve muito a ver com o evitar do trânsito (que sempre foi horrível para as outras praias), os problemas de estacionamento, o facto de ser perto das Azenhas do Mar (que é um lugar encantador, o qual nunca nos cansámos de admirar e fotografar), o facto de ter pouca gente e quase sempre uma brisa fresca.»<sup>135</sup>

Aproveitavam para estender o passeio até às Azenhas do Mar para tirar fotografias e aproveitar a brisa fresca. «Desabafei muito com ele, que sempre foi um bom ouvinte.»

Era o próprio Cunhal quem guiava o carro quando iam passear sozinhos.

A praia do Guincho tinha a particularidade do pôr-do-sol intenso.

O romance *Um Risco na Areia* termina com o pai e a filha reencontrados no amor exactamente nesta praia.

É a filha que desafia o pai para um passeio no Guincho para verem o pôr-do-sol juntos. «Quando o tempo está muito claro, como hoje, por vezes, precisamente quando o Sol se some no horizonte, a sua luz atravessa as águas e vê-se nesse momento o raio verde.»

O pai aceita o desafio com entusiasmo e partem juntos para o Guincho no mesmo carro em que se deslocara ao Algarve para a resgatar.

Chegaram à hora exacta à praia. Sentaram-se lado a lado no pendor da duna à beira do longo semicírculo claro da praia. Do mar, rasando as ondas que se quebravam em espuma e canto, chegava uma aragem fresca cheirando a algas e a sal.

---

135 Declarações de Ana Cunhal ao autor, 2010.

«Colhidos pelo encanto da natureza, ficaram uns momentos silenciosos.»

Esperam pelo raio verde que há-de surgir no céu por cima da serra. É ali que primeiro aparecerá o vermelho das nuvens e só depois se espalhará para poente até ao pôr-do-sol.

«É bom estar aqui contigo, filha.»

A filha aponta com entusiasmo para o céu quando começam a surgir as cores vermelhas. O Sol aproxima-se da linha do horizonte enquanto toda a abóbada celeste fica envolvida por cores variadas e intensas.

«Ficam os dois uns minutos sem nada dizer, presos, encantados e serenos.»

Esperaram em vão que o raio verde atravessasse as águas do mar no preciso momento em que o Sol desapareceu no horizonte e riram os dois certos do que não tinha acontecido.

«Cada vez mais envolvidos pelo cantar das ondas, ficaram assim, olhando, à medida que esmaecia o colorido do céu na luz suave, pálida e sem contrastes do crepúsculo. O que o cenário perdia em luz ganhava no cantar das ondas e no sabor fresco da maresia trazida pela aragem.»

A cor de fogo reflectiu-se como um espelho no mar.

## SER PAI E AVÔ ANTES DE MAIS NADA

**A**na Cunhal decidiu mais tarde ir viver para o estrangeiro. Primeiro na Bélgica, depois nos Estados Unidos, mas visitava Portugal para reencontrar o pai e para que os filhos estivessem com a família.

Álvaro Cunhal cozinhava petiscos nessas alturas para o grupo e a política tornava-se num lugar distante que nunca surgia nas conversas sobre os pequenos prazeres da vida.

«Quando vinha visitar o meu pai era para estar com ele, e fazermos coisas que gostávamos de fazer. Sei que é difícil para muita gente imaginar que o meu pai fosse capaz de ser pai antes de mais nada. As pessoas só conhecem a faceta política do meu pai. Mas nos tempos livres, e sobretudo comigo não se falava nisso. Porque não nos apetecia. Porque esses momentos eram tão preciosos como a vida em liberdade, a brisa da praia, o cheiro dos petiscos que ele cozinhava e tudo de mais simples e maravilhoso que a vida possa oferecer.»<sup>136</sup>

Dedicava uma especial atenção aos netos para aproveitar ao máximo o pouco tempo que podiam partilhar.

Tinham rotinas simples como as refeições por si cozinhadas em casa, lanches ocasionais num centro comercial e pipocas durante os filmes a que assistiam juntos. Ana registava o carinho e o orgulho com que o pai tratava os seus filhos e começava a sentir os prejuízos emocionais provocados pela distância física.

A decisão de viver na Bélgica não tinha constituído um problema nesse sentido para Ana, por estar habituada desde criança e por sentir o amor do pai em permanência, mas admite que Cunhal tenha sentido bastante o afastamento. «Sentiu muito a nossa falta e tinha sempre muitas saudades de nós.»

Num raro momento de informalidade durante uma entrevista televisiva, Cunhal tirou espontaneamente a carteira do bolso e mostrou as fotografias dos netos.

Mais tarde contou o reencontro com o filho mais velho de Ana quanto este já tinha sete anos. «Estivemos sozinhos e resolvemos comunicar por desenhos.»<sup>137</sup>

---

136 Declarações de Ana Cunhal ao autor, 2010.

137 *Jornal de Letras*, 26 de Fevereiro de 1997.

O neto desenhou um prato com um hambúrguer, batatas fritas, uma salada de tomate e uma *Coca-Cola*. «Primoroso. Desenhou o que queria. É um belíssimo desenho.»

Ana Cunhal acrescenta que «se os netos estivessem de visita, havia sempre uma garrafa de dois litros [de *Coca-Cola*] no frigorífico e mais uma ou duas de reserva na despensa»<sup>138</sup>.

No romance *Um Risco na Areia*, uma militante comunista refere-se à *Coca-Cola* como uma «porcaria» que serve apenas para «ajudar os americanos».

Na vida real, Cunhal emocionou-se com o desenho do neto, e acima de tudo com as suas qualidades artísticas. «Ainda por cima com um prato e um copo muito bonitos.»<sup>139</sup>

A capacidade de estabelecer uma imediata cumplicidade entre ambos através da arte fascinou Cunhal, que cozinhou a refeição pedida pelo neto com um prazer reforçado.

O líder comunista recusou reiteradamente abrir as portas da sua intimidade e criticou os políticos que utilizavam a vida familiar para capitalizar a imagem pública e fazer render votos. A divulgação tardia da sua última casa num prédio do bairro dos Olivais e das rotinas com os vizinhos ajudou a quebrar o longo período de mistério<sup>140</sup>. «Foi a primeira casa que conheci do meu irmão», recorda Eugénia. A reserva da intimidade tornou-se aguda por força dos hábitos impregnados ao longo de quarenta e oito anos de ilegalidade.

«Privacidade é uma coisa diferente de clandestinidade», justificava. As longas décadas na clandestinidade implicavam reaprender a viver em liberdade. Sem nomes falsos.

Assumindo a personalidade em toda a sua plenitude. Falando em público de aspectos pessoais como a família e os

138 *Sábado*, 2 de Junho de 2010.

139 *Jornal de Letras*, 26 de Fevereiro de 1997.

140 *Tal & Qual*, 30 de Janeiro de 1996.

gostos artísticos. Cunhal libertou-se lentamente das máscaras. Começou por revelar facilmente a autoria dos desenhos feitos na Penitenciária de Lisboa e no Forte de Peniche, mas só décadas mais tarde assumiu o pseudónimo literário de *Manuel Tiago* com que escreveu vários romances.

Faltava completar a dimensão humana com o assumir da obra literária. *Manuel Tiago* fechou o círculo.

## TUDO O QUE TE POSSO DIZER

Álv<sup>o</sup> Cunhal morreu a 13 de Junho de 2005. O funeral realizou-se no cemitério do Alto de São João no dia 15 de Junho e foi acompanhado por milhares de pessoas, que fizeram questão de prestar uma última homenagem, caminhando ao lado do carro funerário desde o Centro de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade.

Ana Cunhal diluiu-se entre a multidão, refém da presença massiva da comunicação social que roubava o espaço da intimidade da despedida. «Tudo o que te posso dizer é que o sofrimento ainda me come por dentro. E que a imprensa me “roubou o funeral”, não me tendo dado o espaço íntimo que tanto me fez falta nessa difícil despedida.»<sup>141</sup>

A urna entrou no forno crematório coberta com uma bandeira do PCP. Não houve discursos.

Os milhares de pessoas presentes na cerimónia fúnebre cantaram a *Internacional* erguendo cravos vermelhos e depois o Hino Nacional.

Álv<sup>o</sup> Cunhal tornou-se comunista aos 17 anos e aos 91 morreu comunista.

Deixou o sonho como a última palavra escrita.

141 Declarações de Ana Cunhal ao autor, 2010.



# CONTO INÉDITO

## DE ÁLVARO CUNHAL

### HISTÓRIA DO BRILHAS\*

**M**eu pai não era mau tipo. Não bebia. Não entrava numa taberna senão acompanhado, mas era neurasténico. Quanto tocava a arrear, lá ia o Brilhas a dançar até ao teto. Eu era o miúdo mais malandrete lá do sítio. Jogava o berlinde e roubava os berlindes aos outros miúdos. Meu pai entrou um dia em casa mal disposto. Ele era músico na S.X.. Umaz vezes tocava bandolim, outras vezes tocava guitarra. Era assim. Vinha mal disposto e tinham-lhe feito muitas queixas a meu respeito. Seu filho fez isto. Seu filho fez aquilo. Seu filho é este, seu filho é aquele. Naquele dia aquilo transbordou. Meu pai não me disse nada. Foi à caixa e tirou-me os berlindes que eu tinha. Eram cento e tantos. Como já te disse, morávamos na Calçada da Bica. O velho chegou à janela e abriu-a. É pá, se querias ver! O Brilhas noutra janela muito encolhido, todo cheio de nervoso, a ver os seus ricos berlindes a saltitarem pela calçada abaixo. E os garotos a rirem, a gritarem, a corre-

\*Trata-se de um manuscrito original de Álvaro Cunhal, tendo sido encontrado pelo autor entre o material apreendido pela PIDE aquando da sua segunda prisão, em Maio de 1940.

rem e apanharem o resultado do meu esforço durante tantos meses. O Brilhas nem piava. Tremia todo. O velho atirava o último berlinde, fechou lentamente a janela e foi para dentro. E eu fiquei ainda muito tempo a olhar para a rua com vontade de chorar. À noite, ao comer, estive muito tempo calado. Olhava meu pai, olhava minha tia e não dizia nada. Mas por fim não me contive. Voltei-me para o meu velho e disse:

«O pai há bocado, não há direito.»

O velho levantou os olhos e pousou a colher no prato. Olhou-me de lado e trás. Não te digo nada! Que grande bofetada o Brilhas apanhou. Nem acabei o jantar.

\*

Meu pai não era mau tipo. Mas há já 22 anos que não vive com a minha mãe. Um dia levou uma mulher lá para casa. E eu apanhei-lhe um pó (um verdete) que não o podia ver. A minha tia era muda. Mas sabia bordar e falava francês. A mulher vivia lá em cima no outro andar. E um dia voltei-me para a minha tia e fiz assim. Apontei para o teto. Depois fingi torcer o bigode. Depois pus a minha mão direita em cima da minha mão esquerda. Não te digo nada. À noite a mulher veio cá abaixo. E minha tia pegou numa faca e foi sobre ela. Ela defendeu-se mas, em lugar de lhe agarrar no braço e na mão, agarrou na lâmina. Não sei se me entendes, no gume da faca, e ficou com a carne da mão cortada até aos ossos. À noite houve estardalhaço. Minha tia apanhou uma carga de porrada que ficou 15 dias na cama, mas o meu velho era burro. Porque, quanto mais dava, mais lhe saía da algebeira.

\*

Mas meu velho não era mau tipo. Não bebia e só acompanhado entrava na taberna. Um dia ele disse-me que eu me andava a fazer fino. E sabes porque foi? A máquina de costura tinha ido lá para cima e ela queria que me tinha tia fosse ajudá-la. Mas minha tia era surda e percebeu que era para sair e pôs o chapelinho. E ela então disse-me: – Onde será que ia velhota e o seu chapelinho? E eu disse-lhe que ela não tinha o direito de fazer troça. E ela virou-se para mim e disse-me que eu me andava a fazer fino. Eu não lhe respondi e ela mais se exasperou. Continuou berrando e eu sempre calado. Por fim ela perdeu a paciência e levantou a mão. Não te digo nada! Dei-lhe um moquenco e ela foi de encontro à parede. Eu costumava jantar com o meu velho mas nesse dia pedi à minha tia o jantar mais cedo. E saí para a rua a esperar a entrada do meu velho e ler-lhe na cara se ele vinha bem disposto ou mal disposto. Só tarde, entrei em casa. Empurrei a porta a medo, à espera que, logo de entrada, meu pai me descarregasse uma porrada. Mas ele estava sentado e mal se mexeu. Já eu me ia a esgueirar para o quarto, quando ele olhou para mim e me disse: anda cá. E eu parei em frente dele a escorar-me nas pernas. Assim estive um bocado à espera; e o coração saltava-me no peito que parecia um cavalo. Por fim o velho olhou-me a direito e eu fiquei a tremer ainda mais. Mas ele só disse: De hoje em diante essa senhora faz as vezes da tua mãe. Repisou bem: essa senhora faz as vezes da tua mãe. Eu calei-me e fui-me embora. E meu pai ficou calado. Desde esse dia tive uma madrasta.

\*

Uma vez estive para morrer afogado. Eu costumava ir pescar para o cais. Ali estava horas e horas. Umas vezes dava o peixe às varinas, outras vezes vendia-o. Mas não o queria para mim, porque quási sempre era savelha e a savelha tem muitas espinhas. Mas uma vez distraí-me, não sei como aquilo foi, e caí à água. O que vale é que ali a água não era muito funda, tinha aí uns dois metros e eu batia com os pés no fundo e voltava à superfície, mas não chegava ao bordo. Se queriam ver o Brillhas à rasquinha. E o que mais me arreliaava é que o no cais estava um gajo que nem sequer se mexeu. Olhava para mim e deixava-se estar quieto. Parecia que estava no teatro. E o Brillhas já estava farto de beber água. Até que passou um bote que vinha carregado de sardinha e para ali me içaram e eu deitei-me sobre o peixe, meio-morto. Agora o pior era o meu sobretudo encharcado. O meu velho ia arrear-me uma tosa que me matava. Depois de desembarcar dirigi-me a casa, mas ia a tremer. As escamas do peixe tinham-se colado ao sobretudo. Eu ia todo prateado e as pessoas que passavam olhavam para mim. O meu pai ia arrear-me uma tosa pela certa. Mas quando cheguei a casa, perguntou-me: Então o que foi isso? E eu à espera duma galheta. – Ia morrendo afogado. Não te digo nada. Nunca vi o meu velho rir com tanta vontade. Riu-se até se cansar eu ei fiquei tão admirado que não conseguia pensar em mais nada.

*S.d.*

---

**«A VÓS, TRAIADORES AO POVO  
E À PÁTRIA, FALTA AUTORIDADE PARA  
JULGAR HOMENS JUSTOS.  
MAS AO NOSSO POVO SOBAM RAZÕES  
E AUTORIDADE PARA VOS JULGAR A VÓS,  
FASCISTAS INIMIGOS DO POVO.»**

---



# FONTES E BIBLIOGRAFIA

- 60 anos de luta* (Lisboa: Edições Avante!, 1981).
- Álvaro Cunhal – Política, História e Estética*, José Neves (coord.).  
Lisboa: Tinta da China, 2013.
- A Internacional Comunista*, vol. III. Lisboa: Edições Avante!, 1973.
- AA.VV. *A Checoslováquia na hora da democratização*.  
Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1968.
- AIKMAN, David, *Mikail Gorbatchov – Uma Biografia Íntima*.  
Lisboa: Pensamento – Editores Lireiros, 1988.
- ALLILUYEVA, Svetlana, *As memórias da filha de Estaline – Vinte cartas a um amigo*. Venda Nova: Editorial Ibis, 1967.
- ALVAREZ, Nieves Cuesta, *Simplemente mi vida: memorias de una niña de Guerra embarcada en el stanbrook en Alicante exilada URSS*.  
Aviles: Ediciones Azucel, 2009.
- Alves Redol, *Horizonte revelado*. S.l.: Assírio & Alvim: s.d.
- APPLEGAUM, Anne, Gulag – *Uma História*. Lisboa: Civilização, 2005.
- As Constituições Portuguesas*, Jorge Miranda (coord.). Cascais: Príncipia, 2013.
- AVILLETZ, Maria João, *Conversas com Álvaro Cunhal*.  
Lisboa: Temas e Debates, 2004.
- AVILLETZ, Maria, Soares – *Ditadura e Revolução*.  
Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.
- AZEVEDO, Pinheiro de, *25 de Novembro sem máscara*. Lisboa: Intervenção, 1979.
- BARRADAS, Ana, *As Clandestinas*. Lisboa: Ela por Ela, 2004.
- Batalha pelo conteúdo – Exposição documental – Movimento neo-realista português*.  
S.l.: Museu do neo-realismo, s.d.
- Bento Gonçalves – Inéditos e testemunhos*, Alberto Vilaça (coord.).  
Lisboa: Edições Avante!, 2003.

## RETRATOS POLÍTICOS

- Bento Gonçalves – Uma vida. Um combate*, José Enes Gonçalves (org).  
Montalegre: Câmara Municipal de Montalegre, 2000.
- BENTO, Paulo Torres, *Flausino Torres – Documentos e Fragmentos Biográficos de um intelectual antifascista*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.
- BERLINGUER, Enrico, *Do compromisso histórico ao eurocomunismo*.  
Lisboa: Edições Antídoto, 1977.
- BERNARDES, Miguel Fernando, *Escrito na Cela*. Lisboa: Edições Avante!, 1982.
- BERNARDES, Miguel Fernando, *Uma Fortaleza da Resistência*.  
Lisboa: Edições Avante!, 1991).
- BIGOTE, J. Quelhas, *Monografia da cidade e concelho de Seia*. Seia, 1992.
- BRITO, Carlos, *Álvaro Cunhal – Sete fôlegos do combatente*.  
Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2010.
- BRITO, Carlos, *Cadeia do Forte de Peniche*. Lisboa: Aletheia Editores, 2016.
- BUTSON, Thomas, *Gorbachev*. Lisboa: Nova Cultural, 1987.
- CAMPINO, Joaquim, *Histórias Clandestinas*. Lisboa: Edições Avante!, 1990.
- CARMO, Isabel do, *Dossier Checoslováquia/Alexandre Dubcek*.  
Porto: I. do Carmo, 1968.
- CARR, Raymond, *História Concisa de Espanha*. Lisboa: Europa América, 2004.
- CARRILLO, Santiago, *Eurocomunismo y Estado*. Madrid: Editorial Crítica, 1977.
- CARRILLO, Santiago, *Memorias – Edición revisada y aumentada*.  
Barcelona: Planeta, 2006.
- CARVALHO, Miguel, *Álvaro Cunhal – Íntimo e Pessoal*.  
Lisboa: Campo das Letras, 2006.
- CARVALHO, Otelio Saraiva de, *Alvorada em Abril*. Lisboa: Bertrand, 1977.
- CASTANHEIRA, Joel, *Num pinhal de Belas apareceu assassinado um homem desconhecido*. Lisboa: Perspectivas e Realidades, 1984.
- CÉU E SILVA, João, *Álvaro Cunhal e as mulheres que tomaram partido*.  
Lisboa: Edições ASA, 2006.
- CÉU E SILVA, João, *Uma longa viagem com Álvaro Cunhal*.  
Porto: Edições ASA, 2005.
- CHEVALLIER, Jean-Jacques, *As Grandes Obras Políticas*. Lisboa: Ideias, 2004.  
*Comunicados do Comité Central do PCP*. Lisboa: Edições Avante!, 1975.
- CORREIA, Pedro Pezarat, *Questionar Abril*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.
- CRUZEIRO, Manuela, *Costa Gomes – O último Marechal*.  
Lisboa: Editorial Notícias, 1998.

- CRUZEIRO, Maria Manuela, *Melo Antunes – O Sonhador Pragmático*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.
- CUNHA, Adelino, *Júlio de Melo Fogaça*. Lisboa: Saída de Emergência, 2018.
- CUNHA, Adelino, *Os Filhos da Clandestinidade*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2016.
- CUNHA, Adelino, *Para que serve o PCP? História da fundação*. Lisboa: Saída de Emergência, 2024.
- CUNHAL, Avelino, *Areias Secas*. Lisboa: Caminho, 1980.
- CUNHAL, Avelino, *Senalonga*. Seia: C. M. Seia, 1996.
- CUNHAL, Eugénia, *Silêncio de vidro*. Lisboa: Editorial Escritor, 2005.
- DEL RÍO SALCEDA, Bernardo Clemente, *20.000 días en la U.R.S.S.* Madrid: Entrelíneas Editores, 2004.
- DEVILLARD, Jose, *Los niños españoles de la URSS (1937-1997)*. Barcelona: Ariel, 2001.
- DEVILLARD, Marie Jose, et al., *Los niños españoles de la URSS (1937-1997)*. Barcelona: Ariel, 2001.
- DIAS, Maria Luísa Costa, *Crianças Emergem da Sombra – Contos da Clandestinidade*. Lisboa: Edições Avante!, 1982.
- DIAS COELHO, José, *A Resistência em Portugal*. Porto: Editorial Inova, 1974.
- Dicionário de História do Estado Novo*, Fernando Rosas (coord.), vol. I. Lisboa: Bertrand, 1996.
- Dicionário de História do Estado Novo*, Fernando Rosas (coord.), vol. II. Lisboa: Bertrand, 1996.
- Dossier PIDE – Os horrores e crime de uma «policia»*. Lisboa: Agência Portuguesa de Revistas, 1974.
- Dossier Tarrafal*. Lisboa: Edições Avante!, 2016.
- ERNU, Vasile, *Nacido en la URSS*. Málaga: Foca Ediciones, 2010.
- FERREIRA, Francisco (Chico da CUF), *26 Anos na União Soviética*. Lisboa: Afrodite, 1976.
- FERREIRA, Francisco (Chico da CUF), *Álvaro Cunhal – Herói Soviético*. Edição de Autor: 1976.
- FONSECA, Pedro Prostes, *A Porta para a Liberdade*. Lisboa: Edições matéria-prima, 2014.
- FREITAS, Gina de, *A força ignorada das companheiras*. Porto: Plátano Editora, 1975.
- GARAUDY, Roger, *Alternativas Socialistas*. Lisboa: Arcádia, 1975.

## RETRATOS POLÍTICOS

- GARCÍA DE CORTÁZAR, Fernando, *José Manuel González Vesga História de Espanha*. Lisboa: Presença, 1997.
- GEDILAGINE, Vladimir, *Os Contestatários da União Soviética*. Lisboa: Ulisseia, 1974.
- GOMART, Thomas, *Double Détente: les relations franco-soviétiques de 1958 à 1964*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2003.
- GOMES, Joaquim, *Estórias e Emoções de uma Vida da Luta*. Lisboa: Avante!, 2001.
- GOMES, Varela, *Guerra de Espanha*. Lisboa: Fim de Século, 1987.
- GONÇALVES, Bento, *Os Comunistas*. Porto: A Opinião, 1976.
- GONÇALVES, José Enes, *Bento Gonçalves – Uma Vida, Um Combate*. Montalegre: C. M. Montalegre, 2000.
- GORBACHEV, Mikhail, *O Que Eu Realmente Quero*. Lisboa: Referendo, 1988.
- GORBACHEV, Mikhail, *Perestroika*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1991.
- GOUVEIA, Fernando, *Memórias de um Inspector da PIDE*. Lisboa: Roger Delraux, 1979.
- GRAHAM, Helen, *Breve História da Guerra Civil de Espanha*. Lisboa: Tinta da China, 2005.
- HAJEK, Jiri, Praga, *Diez Años Despues*. Barcelona: Editorial Laia, 1979.
- História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*.  
Porto: Editora Vento de Leste, s.d.
- HOBSBAWM, Eric, *A Era dos Extremos*. Lisboa: Editorial Presença, 2008.
- HOBLER, Thomas, *Stálin*. Lisboa: Nova Cultural, 1987.
- IELSTIN, Boris, *Desafio à Perestroika*. Lisboa: Difusão Cultural, 1990.
- JANTOM, H. W., *História da Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- Jorge Amado, «Essa vida preciosa - Salvemo-la», *Contribuições à luta pela libertação de Álvaro Cunhal*. Lisboa: Editorial Avante, 1954.
- KENEZ, Peter, *História da União Soviética*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- KRIEGEL, Annie, *As Internacionais Operárias*.  
Amadora: Livraria Bertrand, 1974.
- LEFEBRE, Henri, *O pensamento de Lenine*. Lisboa: Moraes Editores, 1975.
- LONDON, Artur, *A Confissão – Na engrenagem do Processo de Praga*.  
Venda Nova: Livraria Bertrand, s.d.
- MACHADO, Luís, *Mário Contumélias, Conversas à Quinta-Feira*.  
Lisboa: Círculo de Leitores, 1991.
- MADEIRA, João, *Os Engenheiros de Almas – O Partido Comunista e os Intelectuais*.  
Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

- MADEIRA, João, *História do PCP*. Lisboa: Tinta da China, 2013.
- MAGRO, José, *Cartas da Clandestinidade*. Lisboa: Edições Avante!, 2007.
- MALTEZ, José Adelino, *Tradição e Revolução, vol. I*. Lisboa: Tribuna, 2005.
- MALTEZ, José Adelino, *Tradição e Revolução, vol. II*. Lisboa: Tribuna, 2005.
- MANUELA, Maria, *Melo Antunes – O Sonhador Pragmático*. Lisboa: Notícias, 2004.
- MARGARIDO, Alfredo, *A introdução do marxismo em Portugal 1850-1930*. Lisboa: Guimarães editores, 1975.
- MARTINET, Gill, *Os Cinco Comunismos*. Lisboa: Europa América, 1975.
- MCINNES, Neil, *Os Partidos Comunistas da Europa Ocidental*. Lisboa: Europa-América, 1977.
- MIGUEL, Francisco, *Uma vida na revolução*. Lisboa: A Opinião, 1977.
- MITROKHINE, Vasili, *O Arquivo Mitrokhine*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.
- MOTA, José Gomes, *A Resistência*. Lisboa: Expresso, 1976.
- N.S. Khrushchov, *On peaceful co-existence*. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1961.
- NARCISO, Raimundo, *Álvaro Cunhal e a Dissidência da Terceira Via*. Lisboa: Âmbar, 2007.
- NARCISO, Raimundo, A.R.A. – *Acção Revolucionária Armada – A história secreta do braço armado do PCP*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.
- NERUDA, Pablo, «A Lâmpada Marinha», *Contribuições à luta pela libertação de Álvaro Cunhal*, Editorial Avante, 1954.
- NETO, H. V., J. Areosa, P. Arezes (edits.), *Impacto social dos acidentes de trabalho*. Vila do Conde: Civeri publishing, 2012.
- NEVES, Mário, *Missão em Moscovo – Experiência da primeira embaixada portuguesa ao país dos soviets*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1986.
- O Livro Negro do Comunismo*, Stéphane Courtois et. al. Lisboa: Quetzal Editores, 1998.
- O Rei Lear, William Shakespeare, tradução e notas de Álvaro Cunhal*. Lisboa: Caminho, 2002.
- OLIVEIRA MARQUES, A.H. de, *A Unidade da Oposição à Ditadura 1928-1931*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.
- OLIVEIRA, Cândido, *Tarrafal – O pântano da morte*. Lisboa: Editorial República, s.d.
- OLIVEIRA, César, *O primeiro congresso do Partido Comunista Português*. Lisboa: Seara Nova, 1975.

## RETRATOS POLÍTICOS

- OLIVEIRA, Gilberto de, *Memória viva do Tarrafal*. Lisboa: Edições Avante!, 1987.
- PEDRO, Edmundo, *45 Anos de Luta pela Democracia Sindical 1934/1979*. Lisboa: Fundação José Fontana, 1979.
- PEDRO, Edmundo, *Pavel – Um homem não se apaga*. Lisboa: Parsifal, 2014.
- PERDIGÃO, Rui, *O PCP visto por dentro e por fora*. Fragmentos: 1988, Viseu.
- PACHECO PEREIRA, José, «Contribuição para a história do Partido Comunista Português na I República (1921-1926)», *Análise Social*, vol. XVIII (67-68), 1981.
- PACHECO PEREIRA, José, *Álvaro Cunhal – «Daniel», o jovem revolucionário*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999.
- PACHECO PEREIRA, José, *Álvaro Cunhal – O prisioneiro*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.
- PACHECO PEREIRA, Pacheco, *Álvaro Cunhal – O secretário-geral*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.
- PIDE – A História da Repressão*, Alexandre Manuel, Rogério Carapinha e Dias Neves (coords.). Amadora: Jornal do Fundão, 1974.
- PIMENTEL, Irene Flunser, *Biografia de um Inspetor da PIDE*. Lisboa: A Esfera do Livros, 2008.
- PIRES JORGE, Joaquim, *Com Uma Imensa Alegria*. Lisboa: Edições Avante!, 1984.
- PIRES, Catarina, *Cinco conversas com Álvaro Cunhal*. Porto: Campo das Letras, 1999.
- PIRES, Correia, *Sete dias de viagem – Memórias de um prisioneiro do Tarrafal*. Lisboa: Déagá, 1975.
- PITA, António Pedro, *O Marxismo e os intelectuais portugueses*. Coimbra: Oficina do CES, 1989.
- QUINTELA, João G. P., *Para a História do Movimento Comunista em Portugal: 1. A construção do Partido (1.º Período 1919-1929)*. Porto: Edições Afrontamento, 1976.
- RIBEIRO, Joaquim, *No Tarrafal, prisioneiro*. Porto: A Opinião, 1976.
- RIVEIRO, Maria da Conceição, *A Polícia Política no Estado Novo 1926-1945*. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.
- RODRIGUES, Francisco Martins, *Os Anos do Silêncio*. Lisboa: Dinossauro, 2008.
- RODRIGUES, Manuel Francisco, *Tarrafal, O Diário da B5*. Porto: Brasília Editora, 1974.
- RODRIGUES, Urbano Tavares Rodrigues, *Viagem à União Soviética*. Lisboa: Seara Nova, 1973.

- RODRIGUES, Urbano Tavares, *A Obra Literária de Álvaro Cunhal/Manuel Tiago*. Lisboa: Caminho, 2005.
- ROSAS, Fernando, *O Estado Novo nos Anos Trinta*. Lisboa: Estampa, 1986.
- RUSSELL, Miguel Wager, *As minhas actividades no Socorro Vermelho Internacional*. Lisboa: Edições Avante!, 2008.
- RUSSELL, Miguel Wager, *Recordações dos tempos difíceis*. Lisboa: Edições Avante!, 1976.
- SEABRA, Zita, *Foi Assim*. Lisboa: Aletheia, 2007.
- SEABRA, Zita, *O nome das coisas*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1988.
- SERRA, Jaime, *12 Fugas das prisões de Salazar*. Lisboa: Edições Avante!, 2012.
- SERRA, Jaime, *Eles têm o direito de saber... o que custou a liberdade*. Lisboa: Edições Avante!, 2004.
- SERRA, Jaime, *O Abalo do poder... do 25 de Abril ao 25 de Novembro de 1975*. Lisboa: Edições Avante!, 2001.
- SERVICE, Robert, *Camaradas – Uma História Mundial do Comunismo*, Europa-América, 2008.
- SILVA, Garcez da, *Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca*. Lisboa: Caminho, 1990.
- SOARES, Pedro, *Tarrafal – Campo da morte lenta*. Lisboa: Edições Avante!, 1975.
- Soeiro Pereira Gomes – Na esteira da liberdade*. S.l.: Museu do neo-realismo, 2009.
- Tarrafal – Testemunhos*, Franco de Sousa (coord.). Lisboa: Editorial Caminho, s.d.
- TAVARES, José Manuel Soares, *O Campo de Concentração do Tarrafal 1936-1954 – A origem e o quotidiano*. Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- TENGARRINHA, Margarida, *Quadros da Memória*. Lisboa: Avante!, 2004.
- TOBELLA, Joan Estruch, *El PCE en la clandestinidad 1930-1956*. Madrid: Siglo XX de España Editores.
- Tribunais Políticos*, Fernando Rosa (coord.). Lisboa: Temas e Debates, 2009.
- Usos e abuso da História Oral*, Janaína Amado e Marieta Ferreira (orgs.). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- VALENTE, Vasco Pulido, *Estudos Sobre a Crise Nacional*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1980.
- VENTURA, Cândida, *O Socialismo que Eu Vivi*. Lisboa: O Jornal, 1984.
- VIGIL, Alted, et al., *Los niños de la guerra de España en la Unión Soviética. De la evacuación al retorno (1937-1999)*. Madrid: Fundación Largo Caballero, 1999.

## RETRATOS POLÍTICOS

VIEIRA, Joaquim, *Álvaro Cunhal – O homem e o mito*.

Carnaxide: Objectiva, 2013.

*Vítimas de Salazar – Estado Novo e Violência Política*, João Madeira (coord.).

Lisboa: Esfera dos Livros, 2007.

VOLSENSKY, Mickhail, *Nomenklatura – Os privilegiados na URSS*.

Lisboa: Edições Livros do Brasil, 1980.

ZAFRA, Enrique, Rosalía Greco, Carmen Heredia, *Los Niños españoles evacuados a la URSS (1937)*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1989.

## ARTIGOS

Adelino Cunha, «Identidade Imperial e Multietnicidade na União Soviética.

Ensaio Bibliográfico». *Ler história*, n.º 69, 2016.

Francisco Martins Rodrigues, «Fuga do Forte de Peniche», *Os anos de Salazar*,

coord. António Simões do Paço. Lisboa: Centro Editor PDA, 2008.

João Arsénio Nunes, «Sobre alguns aspectos da evolução política do Partido

Comunista Português após a reorganização de 1929 (1931-33)», *Análise Social*,

vol. XVII, n.º 67/69.

João Madeira, «Bolchevização, funcionários clandestinos e identidade no PCP»,

*Revista História das Ideias*, vol. 25, 2004.

Luísa Tiago de Oliveira, «A História Oral em Portugal», *Sociologia, Problemas e*

*Práticas*, n.º 63, 2010.

## OBRAS DE ÁLVARO CUNHAL

*Algumas Experiências de 50 Anos de Luta do PCP*. Lisboa: Edições Avante!, 1971.

*Rumo à Vitória*. Porto: A Opinião, 1974.

*A situação política e as tarefas do partido no momento actual*.

Lisboa: Edições Avante!, 1974.

*Discursos Políticos – Documentos Políticos do Partido Comunista Português, vol. I*

(Lisboa: Edições Avante!, 1974).

*As Lutas de Classes em Portugal nos Fins da Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1975.

*Avante com Abril*. Lisboa: Edições Avante!, 1979.

*A Revolução Portuguesa – Passado e Futuro*. Lisboa: Edições Avante!, 1976.

*O Internacionalismo Proletário – Uma Política e Uma Concepção do Mundo*.

Lisboa: Edições Avante!, 1977.

*O Partido com Paredes de Vidro*. Lisboa: Edições Avante!, 1985.

*A Revolução Portuguesa – O Passado e o Futuro*, Avante!, 1994.

- Ação Revolucionária, Capitulação e Aventura.* Lisboa: Edições Avante!, 1994.
- Duas Intervenções numa Reunião de Quadros.* Lisboa: Edições Avante!, 1996.
- A Arte, O Artista e a Sociedade.* Lisboa: Edições Avante!, 1996.
- O Aborto: Causas e Soluções – Tese apresentada em 1940 para exame do 5º ano jurídico da Faculdade de Direito de Lisboa.* Porto: Campo das Letras, 1997.
- O Caminho para o Derrubamento do Fascismo.* Lisboa: Edições Avante!, 1997.
- A Verdade e Mentira na Revolução de Abril.* Lisboa: Edições Avante!, 1999.
- A Questão do Estado, Questão Central de Cada Revolução.* Lisboa: Edições Avante!, 2007.
- Obras Escolhidas 1935-1947, Vol. I.* Lisboa: Edições Avante!, 2007.
- Obras Escolhidas 1947-1964, Vol. II.* Lisboa: Edições Avante!, 2008.

**OBRAS DE MANUEL TIAGO [ÁLVARO CUNHAL]**

- Até Amanhã, Camaradas,* Lisboa: Edições Avante!, 1989.
- Cinco Dias, Cinco Noites,* Lisboa: Edições Avante!, 1994.
- A Estrela de Seis Pontas,* Lisboa: Edições Avante!, 1994.
- A Casa de Eulália,* Lisboa: Edições Avante!, 1997.
- Fronteiras, Avante!,* Lisboa: Edições Avante!, 1998.
- Um Risco na Areia,* Lisboa: Edições Avante!, 2000.
- Sala 3 – E Outros Contos,* Lisboa: Edições Avante!, 2001.
- Os Corrécios e Outros Contos,* Lisboa: Edições Avante!, 2002.

**FONTES ORAIS**

- Alberto Galvão  
Ana Cunhal  
Aurélio Santos  
Cândida Ventura  
Carlos Antunes  
Carlos Brito  
Carlos Costa  
Cláudio Torres  
Domingos Abrantes  
Eugénia Cunhal  
Humberto Mota Veiga  
Isaura Moreira  
Jaime Serra

## RETRATOS POLÍTICOS

Joaquim Gomes  
Laura Serra  
Margarida Tengarrinha  
Maria Armanda Serra  
Santiago Carrillo  
Sofia Ferreira  
Zita Seabra

## ARQUIVOS

Arquivo Histórico Militar  
Arquivo Nacional Torre do Tombo  
Arquivo Estatal da História Moderna da Rússia  
Arquivo Pessoal de Eugénia Cunhal  
Arquivo Pessoal de Isaura Moreira  
Arquivo Pessoal de Júlia Coutinho  
Arquivo Pessoal de Maria Armanda Serra  
Arquivo Pessoal de Odete Graça Rito

## FONTES IMPRESSAS

«A Política Fascista de Traição Nacional do Governo de Salazar e a Luta do Povo Português pela Democracia e Independência», 1947.  
«A Superioridade Moral dos Comunistas», s.d.  
«A Tendência Anarco-Liberal na Organização do Trabalho de Direcção», 1960.  
«Algumas Observações à Autocrítica do Camarada Ramiro», 1948.  
«Ao Partido Comunista dos Bolcheviques da URSS», 1948.  
«Carta para a Organização Comunista Prisional do Tarrafal», 1944.  
«Daniel – Correspondência com a Internacional Comunista da Juventude», 1936/1938.  
«Documentos da Cadeia Penitenciária de Lisboa 1940/1956».  
«Documentos do Forte de Peniche 1956/1957».  
«Informe Duarte – A Actividade do Grupelho Provocatório», 1943,  
«A Célula de Empresa», 1943/1947.  
«Informe Duarte – O Caminho para o Derrubamento do Fascismo», 1946.  
«Informe Duarte – Unidade da Nação Portuguesa na Luta pelo Pão, pela Liberdade e pela Independência», 1943.  
«Informe Duarte – Unidade, Garantia da Vitória», 1947.  
«Informe Político do Comité Central – A unidade das forças anti-salazaristas –

- Factor decisivo para a libertação nacional», 1957.
- «Intervenção Realizada Perante o Tribunal Fascista», 1950.
- «Notas para a História do PCP Sobre o Folheto “O Menino da Mata e o Seu Cão Piloto”», s.d.
- «O Desvio de Direita nos Anos 1956-1959», 1961.
- «O Menino da Mata e o Seu Cão Piloto», 1941.
- «O Partido Comunista Ante Algumas Tendências Prejudiciais Dentro do Movimento de Unidade Democrática», 1946.
- «*Ramiro*, Breve análise de alguns erros e desvios políticos surgidos no Tarrafal», Novembro de 1948.
- «Se fores preso, camarada», 1963.

### FONTES MANUSCRITAS

- André*, «A minha participação no trabalho fraccional de J. Rodrigues», Dezembro de 1954, ANTT, PIDE-DGS, Serviços Centrais, Processo 844/60, UI 5344.
- «Auto de Declarações de António José da Costa», 25 de Fevereiro de 1959.
- «Carta de Álvaro Cunhal para a irmã», 1 de Março de 1966.
- «Carta de Mercedes Barreirinhas ao filho», 1950.
- «Documentos e Informações do Comité Central do PCUS», Relações com Partidos Comunistas Estrangeiros, fundo n.º 5, «Vinogradov I», 1957.

### IMPrensa

- |                                     |                                     |
|-------------------------------------|-------------------------------------|
| <i>Alger Republicain</i> (Argel)    | <i>O Jornal</i> (Lisboa)            |
| <i>Avante!</i> (Lisboa)             | <i>O Militante</i> (Lisboa)         |
| <i>Démocratie Nouvelle</i> (Paris)  | <i>O Sol Nascente</i> (Lisboa)      |
| <i>Diário de Lisboa</i> (Lisboa)    | <i>Pravda</i> (Moscou)              |
| <i>Diário de Notícias</i> (Lisboa)  | <i>Público</i> (Lisboa)             |
| <i>Expresso</i> (Lisboa)            | Rádio Portugal Livre (Bucareste)    |
| <i>Focus</i> (Lisboa)               | Rádio Espanha Independente (Madrid) |
| <i>História das Ideias</i> (Lisboa) | <i>Revista de História</i> (Lisboa) |
| <i>Hoy</i> (Havana)                 | <i>Revista Internacional</i>        |
| <i>Jornal de Notícias</i> (Porto)   | <i>Sábado</i> (Lisboa)              |
| <i>L'Humanité</i> (Paris)           | <i>Seara Nova</i> (Lisboa)          |
| <i>Nuestra Bandera</i> (Paris)      | <i>Vértice</i> (Lisboa)             |
| <i>O Cinéfilo</i> (Lisboa)          | <i>Visão</i> (Lisboa)               |
| <i>O Diabo</i> (Lisboa)             |                                     |



Adelino Cunha (n. 1971) é doutorado em História Contemporânea no âmbito do Programa Inter-Universitário de Doutoramento em História (Instituto de Ciências Sociais, Faculdade de Letras a Universidade de Lisboa, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Universidade de Évora e Universidade Católica Portuguesa), e doutorando em Ciências da Comunicação na Universidade NOVA de Lisboa. É autor dos livros: *A Ascensão ao Poder de Cavaco Silva* (2005); *Álvaro Cunhal – Retrato Pessoal e Íntimo* (2010), incluído no Plano Nacional de Leitura de 2017; *António Guterres – Os Segredos do Poder* (2013); *Os Filhos da Clandestinidade – História da desagregação das famílias comunistas no exílio* (2016); *Júlio de Melo Fogaça – Biografia* (2018), incluído no Plano Nacional de Leitura de 2019; *Álvaro Cunhal – Retrato Pessoal e Íntimo* (2019), reedição, e *Para que Serve o PCP – Os Anos da Fundação* (2023). Investigador-integrado do Instituto de História Contemporânea (IHC) da Universidade NOVA de Lisboa/IN2PAST, foi pró-reitor da Universidade Europeia e actualmente é professor de História Contemporânea e coordenador da área científica.

Este livro resulta de uma edição da obra *Álvaro Cunhal – Retrato Pessoal e Íntimo*, publicada em 2010 pela Esfera dos Livros, reeditada em 2019 pela Saída de Emergência e incluída no Plano Nacional de Leitura de 2017.



**A**s biografias devem incluir as dimensões pessoais e íntimas que tenham significado e relevância na actividade política para assim se assumirem como construções narrativas coerentes e abrangentes. No caso de Álvaro Cunhal, a relutância alimentou mitos e lendas que ameaçavam a própria verdade histórica. Nesse sentido, os depoimentos dos seus familiares mais íntimos e dos amigos mais próximos constituem-se como fontes históricas que permitem traçar novas dimensões da sua personalidade. Se as fontes escritas revelam o pedido de exílio ao Estado Novo, são as fontes orais que permitem reconstituir a vida quotidiana na União Soviética com a companheira e a filha. Esta reedição biográfica inclui também um conto inédito, consolidando assim a relevância da literatura de ficção de Álvaro Cunhal para reconstituição de quadros mentais de época e de contextos políticos e sociais concretos.

Adelino Cunha

**«QUANDO, SENDO PRESO, O MILITANTE SUPORTA AS TORTURAS MAIS BESTIAIS, DEMONSTRA QUE SE A RESISTÊNCIA FÍSICA TEM UM LIMITE QUE É A MORTE, A RESISTÊNCIA MORAL DO COMUNISTA, ESSA NADA PODE VENCÊ-LA.»**

**ÁLVARO CUNHAL**

